

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

FERNANDA ALVES SUNEGA

**“BEM VINDOS A ZERO DEZENOVE”: UMA ETNOGRAFIA DA RÁDIO BANDEIRA
FM E DO PROGRAMA DE RAP INTERIOR PAULISTA.**

Campinas/SP

Fevereiro/2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Su727 b Sunega, Fernanda Alves
“Bem vindos a zero dezenove”: uma etnografia da Rádio
Bandeira FM e do programa RAP Interior Paulista / Fernanda Alves
Sunega. - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Rita de Cássia Lahoz Morelli.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Hip-hop (Cultura popular jovem). 2. Rádio – Programas –
São Paulo (SP). 3. Meios de comunicação. 4. RAP (Música).
5. Etnografia. I. Morelli, Rita de Cássia Lahoz. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

(crl/ifch)

Título em inglês: “Welcome to zero nineteen”: an ethnography of the Rádio
Bandeira FM and of the program RAP Interior Paulista

Palavras chaves em inglês (keywords) : Hip-hop music - Social aspects
Rádio – Programs – São Paulo (SP)
Mídia
Rap (music)
Ethnography
Popular Culture

Área de Concentração: Antropologia Social

Titulação: Mestre em Antropologia Social

Banca examinadora: José Roberto Zan, Maria Filomena Gregori, Guita Grin
Debert, Nadia Farage

Data da defesa: 27-02-2008

FERNANDA ALVES SUNEGA

BEM VINDOS A ZERO DEZENOVE”: UMA ETNOGRAFIA DA RÁDIO BANDEIRA FM E DO PROGRAMA DE RAP INTERIOR PAULISTA, COMPREENDENDO O FLUXO DE INFORMAÇÕES TERRITORIAIS A PARTIR DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA EM CAMPINAS.”.

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli.

Do Título: Onde se lê:

“Bem Vindos a Zero Dezenove”: Uma Etnografia da Rádio Bandeira Fm e do Programa de Rap Interior Paulista, compreendendo o fluxo de Informações Territoriais a partir de uma Rádio Comunitária em Campinas.”.

Leia-se: “Bem Vindos a Zero Dezenove”: Uma Etnografia da Rádio Bandeira Fm e do Programa de Rap Interior Paulista.”.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 27/02/2008

Comissão Julgadora:



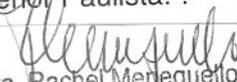
Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli (Presidente)



Prof. Dr. José Roberto Zan



Profa. Dra. Maria Filomena Gregori



Profa. Dra. Rachel Meneguello
Matr. 15.279-0
Coordenadora da Comissão
de Pós-Graduação
IFCH/UNICAMP

Campinas

Fevereiro 2008

200809747

Dedico esse trabalho aos meus pais, Marly e Iberê
e a minha sobrinha Maria Sofia.

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente meus pais, Marly e Iberê, que sempre apoiaram as minhas escolhas e decisões, com a certeza de que o mais importante é a busca da felicidade, e meus irmãos Renata e Rodrigo pela compreensão e apoio nos diversos momentos, principalmente nas fases mais delicadas que consegui superar com a presença dessas pessoas que amo incondicionalmente. Agradeço meu cunhado Marcos e minha sobrinha Maria Sofia.

Gostaria de agradecer a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Lahoz Morelli pelos momentos de orientação e a maneira como conduziu a realização dessa dissertação com muita paciência e sábias reflexões.

Agradeço a pessoas que durante esses anos acadêmicos contribuíram direta e indiretamente para a realização desse trabalho. Muitos nem sabem a importância que tiveram para que eu pudesse concluir essa etapa da minha vida. São eles: meu namorado, companheiro e, muitas vezes, conselheiro, Waldir, que sempre acreditou que fosse possível a realização desse trabalho, mesmo com os diversos obstáculos surgidos ao longo da trajetória. Aos locutores da rádio Bandeira Fm, principalmente ao Antônio Mendes, Kapone, Wagner e Borrelo, que proporcionaram a minha participação nos mais diversos momentos da programação da emissora. Aos amigos e parceiros do movimento hip hop de Campinas, Neger, Tuta, Tânia, Lajara, Banto e Herval, que foram fundamentais nas diversas vivências e batalhas travadas ao longo dos anos para manter a essência do movimento hip hop na cidade. Aos mc's Ricardo, Jords, Jamaica, Dois Ellis e DJ Dumbo pelo companheirismo e disponibilidade em contribuir com suas experiências para esse trabalho. Aos meus amigos funcionários da Administração Regional 01, Biblioteca Pública Distrital de Sousas, Márcia, Silvia, Helena e Marilúcia, e aos meus superiores na Prefeitura Municipal de Campinas, Inácio Honda, Ricardo Ferrari, Luzia de Fátima e Rosângela Reis, que colaboraram diretamente para que eu pudesse cursar o Mestrado desde o período das disciplinas até a fase final da dissertação. Às minhas amigas e amigos graffiteiros, Lia, Ana Clara, Osmir, Bó, Almir, Cabelin, Mark, Xis e Beat, que sempre me alertaram que a melhor terapia para o “estresse” é sair para a rua e fazer arte! Aos meus eternos amigos da Unicamp, Elisa, Juliana, Raquel, Luis Fernando e Paula, que desde a graduação acompanham essa minha louca trajetória. Às minhas amigas queridas do Forito (Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas), que me acompanharam durante todo o período do Mestrado.

Resumo

De acordo com Néstor Garcia Canclini, em “Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação”, a sociedade está submetida a uma “urbanização que desurbaniza”, onde os meios de comunicação atuam de maneira a criar vínculos entre os bairros, periferias e centro. Diante da heterogeneidade urbana, para este autor, a mídia apresenta um espetáculo reconfortante onde a população sente-se incluída nas mais diversas manifestações da cidade. Surge então a questão principal que será abordada neste trabalho: a rádio comunitária assume o papel das mídias, na definição de Canclini, estabelecendo um elo com a cidade ou reforça a localidade em que está inserida? A partir da pesquisa em rádio comunitária do Jardim das Bandeiras, periferia da cidade de Campinas, é possível analisar o fluxo de informações originado nessa territorialidade focalizando a experiência local de um programa de rap e seus atores sociais.

Abstract

According to Néstor Garcia Canclini, in "Cities and citizens imagined by media", the society is submitted to a "urbanização que desurbaniza", where media acts in order to create links among districts, peripheries and downtown. Canclini believes that due to the urban heterogeneity, the media presents a reinvigorating show where the population is included in several city manifestations. Then appears the ultimate issue which will be treated in this work: does community radio take over the media's role, as defined by Canclini, establishing a link with the city or does it reinforce the place where it is inserted? Starting from the research in community radio of the Jardim das Bandeiras, periphery of the Campinas city, it is possible to analyze the information flow originated in that territoriality focusing the local experience of a rap program and their social actors.

Lista de Ilustrações

| | |
|--|-------|
| Gráfico 1: População Residente na área da Administração Regional 06..... | p.39 |
| Gráfico 2: População Residente AR06 distribuída por faixa etária | p.40 |
| Gráfico 3: População Residente AR01 distribuída por faixa etária | p.41 |
| Gráfico 4: Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes Administração Regional 06..... | p.42 |
| Gráfico 5: Renda Nominal Mensal Administração Regional 06 | p.43 |
| Gráfico 6: Pessoas Responsáveis – Renda Média em Salários Mínimos – Administração Regional 06..... | p.44 |
| Figura 1: Área de suposto alcance da rádio Bandeira Fm | p.100 |
| Figura 2: Entrada do estúdio da rádio Bandeira Fm..... | p.195 |
| Figura 3: Kapone no estúdio da rádio Bandeira Fm | p.196 |

Sumário

| | |
|---|-------|
| Introdução | p.13 |
| Capítulo 1: A cidade e seus territórios | p.19 |
| 1.1 A cidade de Campinas – informações históricas | p.19 |
| 1.2 Migração populacional em Campinas | p.23 |
| 1.3 Periferização de regiões urbanas | p.27 |
| 1.4 Jardim das Bandeiras | p.34 |
| 1.5 Migração no Jardim das Bandeiras | p.48 |
| 1.6 Lazer e entretenimento em bairro periférico | p.50 |
| Capítulo 2: Meios de comunicação | p.55 |
| 2.1 Breve histórico de radiodifusão no Brasil | p.55 |
| 2.2 Rádio comercial e rádio comunitária | p.59 |
| 2.3 Rádio Bandeira | p.65 |
| 2.3.1 Cidadania e atuação política | p.82 |
| 2.3.2 Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência | p.90 |
| 2.3.3 Legalidade e comunidade | p.100 |
| Capítulo 3: Movimento hip hop e o rap no Interior da Periferia | p.117 |
| 3.1 Histórico do movimento hip hop | p.117 |
| 3.2 Hip hop Brasil | p.123 |
| 3.3 Campinas no ar | p.125 |
| Capítulo 4: Interior Paulista | p.137 |
| 4.1 Programa Interior Paulista | p.137 |
| 4.2 Música e momentos de informação | p.142 |
| 4.3 Participantes do Interior Paulista | p.149 |
| 4.4 Mainstream e underground | p.166 |
| Conclusão | p.181 |
| Bibliografia | p.187 |

Introdução

A partir da década de 50 do século XX, as cidades brasileiras conheceram um intenso processo de urbanização, com a população atraída por transformações econômicas e sociais. Desta maneira, as cidades se expandiram territorialmente, surgindo nas décadas seguintes as periferias urbanas localizadas às margens das metrópoles.

O processo de periferização ocorrido a partir dos anos 90 marcou a intensificação da expansão urbana, com a expulsão a população de baixa renda econômica para as margens das cidades.

Nesses bairros periféricos há uma precariedade em serviços e infra-estrutura para a população, porém este não é o único problema acarretado pela distância territorial entre o centro da cidade e as periferias.

De acordo com Néstor Garcia Canclini (2002), em “Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação”, as cidades contemporâneas estão submetidas a uma “urbanização que desurbaniza”, ou seja, se expandem de tal maneira que os vínculos entre os bairros, o centro e as periferias se fragilizam. Para o autor, é neste contexto que os meios de comunicação passam a atuar como intermediários, criando vínculos virtuais entre bairros, periferias e centro.

Diante da heterogeneidade urbana, para Canclini, a mídia representa um espetáculo reconfortante na medida em que, através das tecnologias de comunicação, a população sente-se incluída nas mais diversas manifestações da cidade. Surge então a questão principal que será abordada neste trabalho: a rádio comunitária assume o papel das mídias, na definição de Canclini, estabelecendo um elo com a cidade ou reforça a localidade em que está inserida? Desta maneira,

é possível afirmar que a fragmentação da cidade é revelada a partir da reiteração da experiência local por essas emissoras?

Para Canclini (1997) em “Consumidores e cidadãos”, o consumo de bens e mercadorias nas sociedades contemporâneas identifica os indivíduos enquanto cidadãos, e não mais a atuação desses na área política.

De acordo com Hopenhayn (1999), com o fenômeno da globalização ocorrem algumas transformações no fluxo de bens simbólicos e econômicos nas sociedades. Enquanto os bens monetários transitam de maneira que permitem um processo de concentração, o fluxo de bens simbólicos é ampliado para o consumo de muitos indivíduos. Desta maneira, apesar da exclusão social a que a população está submetida há uma integração desses indivíduos no âmbito cultural.

Assim, é possível afirmar que ocorrem mudanças no modo de atuação social da periferia, contemporaneamente, transitando do campo da política para o âmbito da cultura?

Para analisar estas questões tenho como base pesquisa de campo realizada em rádio comunitária de bairro periférico da cidade de Campinas, o Jardim das Bandeiras.

Além de ser uma rádio comunitária em bairro na periferia campineira, outro fator também foi relevante para a escolha da rádio Bandeira: a existência de um programa de rap na grade de sua programação. Desta maneira, a análise da rádio comunitária em questão é realizada a partir do programa de rap Interior Paulista.

A escolha do programa de rap ocorreu pois, como elemento do hip hop, foi criado originalmente pela juventude negra norte americana como forma de protestar e reivindicar inclusão social, econômica e política. O rap tem papel importante na inserção do movimento hip hop nos meios de comunicação, visto que sua difusão ocorre pelo uso da linguagem e palavra como forma de expressão.

Durante a minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas, em meados de 1999, estreitei meus vínculos e interesses em pesquisar o rap, na tentativa de compreender o movimento hip hop brasileiro, mais especificamente no âmbito regional, focalizando as expressões na cidade de Campinas.

Antes de me aproximar dos elementos do movimento hip hop, a musicalidade e as letras das músicas dos grupos de rap já despertavam grande fascínio em mim, e, assim, passei a freqüentar, durante muitos anos, eventos voltados para esse público. Porém, somente com a pesquisa desenvolvida no âmbito acadêmico, na graduação, pude me aproximar do elemento considerado essencial para a existência de um movimento coerente e com princípios reestruturadores, que é o chamado quinto elemento, o conhecimento, que perpassa todos os elementos do movimento hip hop. Além do rap, que representa a musicalidade do movimento hip hop, também são elementos a dança break e a arte plástica expressa pelo graffiti.

O conhecimento é fundamental para a existência do movimento hip hop, pois articula as manifestações artísticas visando à transmissão de informações para a população.

No decorrer da pesquisa de conclusão de curso em graduação, pude perceber que a mídia é um tema presente diariamente na vida dos jovens militantes e freqüentadores dos eventos promovidos pelo movimento hip hop. Alguns escutam diariamente programas de rádio voltados ao público hip hop, enquanto outros tentam, de alguma maneira, se inserir nestes veículos de comunicação para expandir o alcance de seu discurso, que pode ser considerado num primeiro momento, “contestador” e “revolucionário”, mas será problematizado a partir da realidade que nos é apresentada através da análise dos programas radiofônicos.

Os meios de comunicação sempre estiveram integrados ao movimento hip hop para divulgá-lo na sociedade e, principalmente, como forma dos membros deste movimento receber informações para criarem suas próprias visões de mundo.

Marcelinho Back Spin, dançarino de break – um dos elementos do movimento hip hop, na época do surgimento do hip hop, “sem poder comprar os discos de *rap* importados, que na época eram muito caros, [...] logo encontrou um meio para garantir a trilha musical que lhe permitiria treinar com os amigos. Ele gravava um programa de *rap* transmitido pela Rádio Bandeirantes FM, de 1982 a 1986, com um DJ por noite”. (DEVESE, 1998, p. 29)

Ainda hoje o principal meio de comunicação utilizado pelo movimento hip hop é a rádio, principalmente as rádios comunitárias, visto que proporcionam o fácil acesso deste grupo à comunicação.

Pelo rap ser uma expressão tipicamente urbana e periférica, surge o questionamento: até que ponto a reiteração da experiência local pelos meios de comunicação comunitário nas periferias urbanas ocorre em razão do próprio “fechamento” do rap nesse circuito territorial, da própria reiteração da periferia por parte do rap?

Para tentar esclarecer esta questão, além do programa Interior Paulista, outros programas da grade de programação da rádio Bandeira serão analisados a partir de seu conteúdo e declarações dos entrevistados.

De acordo com Ciclia Peruzzo, “o surgimento de vias alternativas de comunicação – informação é um sintoma de processos que se verificam no fundo de vida social, uma tentativa de romper o cerco das estruturas informativas predominantes (...)”. (PERUZZO, 1998, p. 130) Assim, de que maneira a rádio Bandeira surge como instrumento popular para rompimento das estruturas informativas predominantes?

Os “grandes” meios de comunicação comerciais do país estabelecem uma relação excludente com a maioria dos movimentos sociais e população, então uma das alternativas que surgem é a da criação de meios alternativos de comunicação que dêem conta das informações provenientes dos movimentos, como o hip hop, e das expressões e manifestações locais. Assim,

sendo a rádio comunitária a maior responsável pela comunicação nos bairros periféricos, a população utiliza este instrumento para criar seus próprios padrões de comunicação ou acabam reproduzindo valores e conceitos “comerciais” nestes veículos alternativos?

O programa Interior Paulista aponta como um dos objetivos a divulgação de grupos de rap de Campinas e região que não possuem oportunidade de veicular suas produções musicais em grandes emissoras. Dessa forma, há uma recriação no rap do Interior Paulista?

O processo de globalização econômica e cultural acarretou diversas transformações na percepção do mundo com integrações e desintegrações culturais, criando fenômenos globais e locais.

De acordo com Maria Eduarda Guimarães, “o processo de globalização torna a relação cultura/território menos significativa, pois esta passa a ser pensada além dos territórios demarcados dos estados nacionais e se dá em outra esfera, onde a comunicação é o fator preponderante”. (GUIMARÃES, 1998, p. 246)

Como os fenômenos locais e globais impulsionam mudanças na vida da população das periferias urbanas e em sua forma de atuação política e cultural?

Essas são algumas questões que surgem a partir da reflexão de Canclini, com a mídia sendo um instrumento importante para a comunicação entre indivíduos separados territorialmente, que serão desenvolvidas ao longo desta dissertação com análise de entrevistas e material etnográfico.

Capítulo 1: A CIDADE E SEUS TERRITÓRIOS

“Sejam bem vindos a zero dezenove.

Interior Paulista. (...)

Infelizmente o barato aqui explode.

Sejam bem vindos a zero dezenove.

Campinas. Só para quem pode”

(Trauma – “Zero dezenove”)

1.1. A cidade de Campinas – informações históricas

Campinas, município que se localiza na parte leste do estado de São Paulo, está a cerca de 90 Km da capital, tendo uma área territorial de 796,6 km² e extensão de área urbana de 388,9 Km². De acordo com dados do CENSO demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2000¹, possui população de 967.921 habitantes, dos quais 98 % residem em área urbana.

O município de Campinas está entre as principais cidades do interior do estado de São Paulo abrangendo atualmente outros 18 municípios em sua região metropolitana, que são: Americana, Artur Nogueira, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia,

¹ Retirado do site da Prefeitura Municipal de Campinas – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente - http://www.campinas.sp.gov.br/seplan/deplan/se_dados.htm

Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Santa Bárbara da Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo.

Campinas, estando muito próxima a São Paulo e sendo uma das principais cidades do Estado, esteve submetida, assim como outras regiões e cidades próximas, a grande processo de crescimento e urbanização ao longo de sua existência. Para entender esse processo, que afetou não apenas a cidade mas também a região, é necessário um apanhado histórico do surgimento da cidade.

Desde seu surgimento, Campinas teve sua economia baseada na atividade agrícola com mão de obra escrava, onde o plantio de cana e a produção do açúcar passaram a ser, com o tempo, as principais atividades da cidade.

Além do fator econômico, Campinas se destacava pela localização geográfica e ligação entre as cidades do interior e a capital.

Desde os finais do século XVIII, Campinas destacava-se no contexto estadual em função de seu dinamismo econômico. Sua posição geográfica privilegiada permitiu-lhe, em diferentes momentos da história, servir de ligação entre o interior e a capital.
(BAENINGER e GONÇALVES, 2000, p.02)

Este progresso econômico gerou conseqüências no âmbito populacional para a região, que crescia com o contingente de migrantes e escravos que se estabeleciam na cidade. Assim, a população local da Vila de São Carlos (futura cidade de Campinas) cresceu expressivamente no período que compreende o final do século XVIII e início do século XIX.

A vila de São Carlos, segundo recenseamento de 1822, dava como resultado: 7.369 habitantes, sendo 2.389 brancos, 3.434 pretos e 1.546 mulatos. Era um humilde centro

vinculado aos trabalhos agrícolas e sua base econômica principal era a cana-de açúcar.
(BATTISTONI FILHO, 1996, p.33)

Dessa maneira, acompanhando as mudanças na produção agrícola regional, em 1860 Campinas tornava-se a maior produtora de café da região no estado de São Paulo, acentuando, junto à prosperidade econômica, o crescimento populacional.

Além das mudanças acarretadas pelo crescimento populacional, para atender a demanda econômica e transportar a mercadoria para as outras cidades foram necessárias transformações na infra-estrutura da cidade com a extensão de ferrovias ligando-a, tanto aos centros exportadores quanto aos consumidores do produto.

Em 1868 foi inaugurada a Companhia Paulista de Estradas de Ferro ligando Campinas a Jundiaí, “com 44 Km e alcançando, a partir daí, a capital e o Porto de Santos”. (CANO, 2002, p.101) Após alguns anos, em 1875 é inaugurada a Estação Mogiana e, em seguida, a Sorocabana. Assim, “com o advento das ferrovias aumenta substancialmente o movimento industrial e comercial” na região. (BATTISTONI FILHO, 1996, p. 31)

O crescimento da cidade seguiu uma lógica específica tendo seu suporte na localização das ferrovias e início do surgimento das vilas operárias, como a Vila Industrial por exemplo. O contingente populacional migrante fixou-se na proximidade das indústrias fortalecendo o surgimento dos bairros operários.

Os bairros Vila Industrial e Guanabara tiveram a sua origem com a instalação das oficinas das Companhias Paulista e Mogiana, respectivamente. Todo o operariado de reparação e consertos procurava residir em suas imediações (...). À medida que os alugueiros subiam na zona central, reduto das famílias tradicionais, a população branca e

pobre afasta-se do centro e busca as regiões periféricas. (BATTISTONI FILHO, 1996, p.40)

No final do século XIX e início do XX, os anos gloriosos da cafeicultura paulista chegam ao final e, com o auge da crise cafeeira nos anos 1930, ocorre uma decadência na produção e economia em Campinas, que até o momento estava baseada principalmente no cultivo do café. Porém, com a ampliação da produção agrícola para outros produtos além do café e início de um crescente processo de industrialização, a cidade se recuperou rapidamente desta crise.

Com a crise do café, em 1929, houve a diversificação das atividades agrícolas do Município. Nos anos trinta do século XX assistiu-se o aumento da produção de açúcar, feijão, arroz, milho e algodão. Nesta época a industrialização começou a se desenvolver no Estado intensificando o processo de urbanização em Campinas. (BAENINGER e GONÇALVES, 2000, p.03)

Ocorre nos anos 30 a ruptura final da estrutura cafeeira local, quando as maiores fazendas começam a ser parceladas em pequenas terras para surgimento das vilas operárias e bairros populares “estimuladas pelo crescimento do chamado mundo urbano” (SANTOS, 1985, p. 25)

Portanto, entre os anos 1929 e 1933, a economia assume “um importante papel para a transição de um padrão de acumulação rumo ao desenvolvimento industrial” (SANTOS, 1985, p. 26), visto que nas décadas que seguiram a crise na economia cafeeira, ocorreram diversas transformações na cidade, principalmente entre os anos 1930 e 1960 do século XX, quando a economia urbana destacava-se como notadamente industrial, com “predominância na estrutura produtiva do município”. (CANO, 2002, p.102)

As indústrias e fábricas, percebendo o potencial de Campinas, se instalaram na região com interesses na mão de obra existente e infra-estrutura estabelecida para seus negócios. Com isso,

em 1939, na cidade, há cerca de 6 mil operários e fábricas de importância nacional, como é o exemplo dos Chapéus Cury.

O período compreendido entre o final da década de 40 e o início de 50 foi o momento em que o processo de industrialização deslanchou com a instalação do setor terciário – comércio e serviços - juntamente com a inauguração da via Anhanguera, em 1948, potencializando a economia da cidade através do transporte terrestre de suas mercadorias para as diversas cidades da região.

1.2. Migração populacional em Campinas

Desde o período colonial, a região de Campinas recebeu grande fluxo populacional para trabalhar nas atividades locais. Porém é no momento em que o setor industrial se estabelece em Campinas que o fenômeno de crescimento da malha urbana é impulsionado, forçando a implantação de loteamentos em toda extensão territorial da cidade.

De acordo com Wilson Cano, “entre 1945 e 1954, foram implantados 28 novos e grandes loteamentos fora da malha urbana consolidada”. (CANO, 2002, p. 124)

Nesse período, na cidade de Campinas, as empresas multinacionais começaram a se estabelecer, o que gerou um aumento desordenado da população urbana, com a migração, que teve que encontrar locais na cidade para estabelecer residência.

“Neste contexto iniciam-se os loteamentos em vários pontos fora do raio urbano da cidade, oferecendo oportunidades à especulação imobiliária. (...) Desta forma,

começam a surgir loteamentos destinados às camadas sociais mais baixas da população, propiciando o aparecimento de novos longínquos bairros. (XIMENES, 1999, p. 48)

Em todo o Brasil, a partir da década de 50 do século XX, com o grande surto de desenvolvimento industrial no país houve um estímulo à urbanização. Naquele momento as cidades passavam a atuar como pólos industriais e, assim, atraíam migrantes de várias partes do país com a finalidade de obter renda ao vender a sua mão de obra para as “novas” indústrias. Fato este que não seria possível nos locais de origem destes indivíduos, ou seja, o sonho de estabilidade econômica acarretou uma rápida urbanização das cidades.

Esse crescimento e expansão da malha urbana em Campinas, com o surgimento de novos bairros para absorver a população vinda de outras regiões do país, se deu por fatores estruturais da cidade como a instalação de diversas indústrias na região, favorecidas pelos incentivos do Plano de Metas.

O Plano de Metas foi adotado pelo governo de Juscelino Kubitschek entre os anos 1956 e 1960, tendo como principal objetivo estabelecer as bases para o desenvolvimento da economia industrial no país, incentivando a fixação do setor de produção de bens de consumo duráveis.

São Paulo foi o estado que mais se beneficiou com o Plano de Metas, ampliando sua participação na produção industrial brasileira de 48,9 % em 1949 para 55,6 % em 1959.

Assim, na década de 60 do século XX, Campinas já contava com 43 % da população composta por migrantes, e entre os anos 1960 e 1970 o fluxo de pessoas vindas de outras regiões corresponde à 62 % do crescimento populacional da cidade. “Nos anos 60, Campinas já conhecida como ‘cidade modelo’, recebeu contingentes crescentes de migrantes de várias partes

do interior paulista, do Paraná e de Minas Gerais devido ao crescente êxodo rural em todo o País.” (BAENINGER e GONÇALVES, 2000, p.05)

Até os anos 60, Campinas se desenvolveu tecnologicamente atraindo indústrias e população para fixar residência na região, pois as condições apresentadas eram atrativas e destacavam a cidade no âmbito regional. Porém, é apenas nos anos 70 que a cidade converge todos esses benefícios, tendo como consequência a projeção nacional enquanto sede da região metropolitana crescente ao seu redor. Para Caiado, “Campinas apresenta desde a década de 60 o papel de pólo regional, no entanto é na década de 70 que emerge como uma grande cidade, assumindo características de sede de Região Metropolitana, estruturando-se nas últimas décadas como pólo terciário de alta tecnologia”. (CAIADO, 1998, p.475)

Após os anos 1960 ocorre rápida evolução da moderna e diversificada agricultura brasileira, com a região de Campinas especializando-se na produção de bens exportáveis e de produtos modernos e rentáveis, configurando-se assim como um dos principais “eixos de expansão industrial do Estado”. (BAENINGER e MAIA, 1992, p. 07)

De acordo com Rosana Baeninger :

considerando os fluxos migratórios oriundos de outros estados para a Região Metropolitana de Campinas, ao longo do período 1970-1996, nota-se que os anos 70 forma marcados pela participação dos paranaenses na composição da migração interestadual, respondendo pela metade deste movimento. (BAENINGER, 2000, p. 17)

No ano de 1970, 60% dos migrantes da cidade eram vindos de Minas Gerais. Na década de 70, dentre os 230 mil migrantes de Campinas, 20% eram do Paraná; 15% da Região Metropolitana de São Paulo e 10% de São Paulo.

Além da estrutura produtiva, a infra-estrutura de transportes e a rede urbana foram responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade e da região, atraindo cada vez mais pessoas para a cidade.

O dinamismo econômico regional propiciou a chegada de importantes fluxos migratórios para a área. Deste modo, essa região configurou-se, nos anos 70, como a área mais urbanizada e desenvolvida do Interior, já se reproduzindo em alguns municípios, no entanto, características anteriormente peculiares às grandes concentrações metropolitanas, como: expansão de sua periferia, problemas de infra-estrutura, transporte, especulação imobiliária etc. (BAENINGER e MAIA, 1992, p. 16)

Assim, as mudanças ocorreram em toda a região metropolitana de Campinas, incluindo os municípios ao seu redor, que também receberam um grande fluxo populacional fortalecendo sua economia com base industrial e, em alguns setores, agrícola.

As transformações geradas pelo intenso processo de interiorização da industrialização nos anos 70 não se restringiram ao Município de Campinas, consolidando no seu entorno importante aglomeração urbana. Além do pólo regional, os demais municípios foram também capazes de estabelecer uma base econômica expressiva e dinâmica, tanto industrial, quanto agrícola, configurando uma estrutura diferenciada daquela das demais regiões metropolitanas, caracterizada pela presença de um município rico cercado de municípios dormitórios. (BAENINGER, 2000, p. 08/09)

As cidades no entorno de Campinas se destacaram nas atividades industriais, absorvendo grande parte da população da região na economia local. Dessa maneira, não eram apenas “cidades dormitório” para a população trabalhadora no pólo industrial surgido em Campinas.

Campinas possui uma rede urbana bem estruturada, com uma lógica de localização industrial e rodoviária, que gerou uma conurbação incluindo cidades no entorno de Campinas.

“A região desenvolve-se e expande seu dinamismo em função da desconcentração das atividades produtivas em direção ao interior Paulista”. (CAIADO, 1998, p. 462)

1.3. Periferização de regiões urbanas

Rosana Baeninger afirma que:

o acelerado processo de urbanização verificado nas duas últimas décadas do século XX marcou a explosão do crescimento das cidades, transformando o espaço urbano. A emergência de uma nova área metropolitana no Estado é um indicativo bastante forte das mudanças ocorridas. A gravidade desse processo já se manifesta com a reprodução de fenômenos como o da ‘periferização’ da população de baixa renda e da formação de eixos de crescimento econômico-populacionais que se diferenciam quanto ao tipo de população neles residentes. (BAENINGER, 2000, p.30)

Assim, o município de Campinas tem no seu espaço urbano um reflexo das transformações econômicas e sociais ocorridas entre os anos 1950 e 1990, gerando uma intensa urbanização e problemáticas oriundas desta como violência, segregação e exclusão social.

A expansão urbana acelerou o processo de periferização na região de Campinas. Para Maria Célia Caiado:

o intenso processo de periferização experimentado pela região marcou profundamente o perfil da aglomeração, provocando graves conseqüências urbanas e sociais como: a deteriorização do sítio natural e da qualidade do meio ambiente; desajustes das redes de infra-estrutura urbana; agravamento dos problemas sociais da periferia; comprometimento das finanças públicas pelos custos crescentes da urbanização;

constituição de espaços segregados destinados exclusivamente à população de baixa renda, entre outros. (CAIADO, 1998, p. 471)

As áreas centrais da cidade são as mais valorizadas pelas classes médias e altas por estarem localizadas perto do mercado de trabalho, enquanto os bairros periféricos são destinados à população de baixa renda. Grande parte da população migrante que chegava nestes centros industriais da região de Campinas não conseguia ser absorvida pelo mercado de trabalho e assim acabava obtendo formas “alternativas” de sobrevivência - como os trabalhos informais – e moradia a baixo custo, o que só era possível em locais afastados nos centros urbanos com precariedade nos serviços básicos de infra-estrutura.

Com isto, muitas pessoas que chegavam às cidades com o sonho de estabilizar-se economicamente acabavam transferidas para os bairros de periferia, unindo-se à população carente que lá se encontrava. Para Roberto da Matta, “nas cidades brasileiras, a demarcação espacial e social se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora”. (DA MATTA, 1991, p.36)

Dessa maneira, temos que observar o espaço geográfico como forma de representação das desigualdades sociais e econômicas e como verdadeiras relações de poder, onde “a lógica que comanda a expansão predatória da cidade é a lógica do lucro”. (LIPPI, 1986, p.39) Cria-se uma segregação residencial na medida em que determinados territórios, devido a sua localização “preferencial”, ou seja, perto do comércio, dos centros comerciais e urbanos com infra-estrutura necessária para a sobrevivência humana são mais valorizados, e outros terrenos, pela sua distância aos centros e falta de infra-estrutura, como saneamento básico, luz e postos de saúde, têm uma baixa valorização.

A partir de 1950, a urbanização passou a se consolidar de maneira segregada. O intenso processo de valorização imobiliária foi expulsando a população mais pobre das áreas centrais, que passou a se deslocar para áreas mais distantes, sancionado pelas ações e omissões do poder público, seja pela aprovação de loteamentos, seja pela aprovação de normas urbanísticas e também pela implantação de infra-estrutura urbana. (CANO, 2002, p. 124)

A cidade de Campinas é regida por um Plano Diretor, que tem como principal objetivo institucionalizar os parâmetros que devem reger o desenvolvimento da cidade. De acordo com o Plano Diretor, em sua revisão de 2006, divulgado pela SEPLAN – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – da Prefeitura Municipal de Campinas,

em 1945 [inicia-se] em Campinas um processo de ocupação por grandes e extensivas ampliações da mancha urbana, fora da malha consolidada e de forma segregada, cuja tendência se confirma a partir dos anos 50, configurando o primeiro momento da periferização da cidade. (Plano Diretor Campinas 2006, SEPLAN – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, p. 01)

A partir da década de 60 há o surgimento de favelas na cidade e a quantidade se intensifica devido ao crescimento populacional do município com migrações rural/urbano, principalmente vindas do Paraná, Mato Grosso e Nordeste.

A partir de 1965 a periferização passa a ser marcada pela implantação dos conjuntos habitacionais financiados pelo Sistema Financeiro de Habitação (SFH) e por loteamentos populares. Este crescimento periférico acentua-se no decorrer dos anos 70, quando a expansão urbana aparece distribuída por regiões distintas da cidade. A partir de 1974 a “construção de conjuntos [habitacionais] ocorre sempre distanciado da malha urbana consolidada, potencializando a expansão periférica, a especulação do solo e a valorização imobiliária”. (CANO, 2002, p. 126)

Em Campinas, entre os anos 1965 e 1979, ocorre a expansão de obras viárias na região, que marca a formação de um segundo momento de periferização com a construção de grandes conjuntos habitacionais.

As décadas de 60 e 70 foram as de maior crescimento populacional do município, em que o intenso crescimento agravou os problemas já existentes de saneamento básico, moradia e transporte. O final dos anos 60 é considerado como o início de um modelo de concepção de planejamento urbano através da criação do Plano Diretor da cidade.

Esse Plano reflete o rumo tecnocrático tomado pelo planejamento no regime militar, compreendendo uma excessiva confiança na capacidade do planejamento, exercido pelos órgãos públicos (intervencionismo paternalista), na solução do “caos” urbano e do crescimento descontrolado, com ênfase à edição de normas legais voltadas para cenários ideais, sob uma ótica bastante otimista, que apontava para a época do chamado ‘milagre econômico brasileiro’ (Plano Diretor Campinas 2006, SEPLAN – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, p. 03)

Consequentemente a esse Plano Diretor, a cidade proporcionou mudanças estruturais para melhoria das condições de vida da população; assim são criados eixos de expansão para reduzir o fluxo de veículos no centro da cidade com a implantação das avenidas Norte/Sul, Aquidabã e Imperatriz Leopoldina e das Estradas de Sousas e Barão Geraldo entre 1973-1977.

De acordo com Baeninger e Maia, “na década de 70, com ramos mais modernos e grandes empresas, a indústria se diversificou, atingindo a região, hoje, em lugar de destaque no Estado devido ao seu parque industrial”. (BAENINGER e MAIA, 1992, p. 09)

Para Antônio da Costa Santos, a principal característica das décadas de 70 e 80 foi o afloramento de um novo modo que recentes moradores de Campinas, bóia frias, favelados etc. encontraram para resolver problema da habitação, estabelecendo um mercado marginal de

habitações “esparrramado no quase 'desurbanismo' atual das grandes periferias” (SANTOS, 1985, p. 52)

A palavra [periferia] é usada para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como 'subúrbio'. Mas sua referência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana. (CALDEIRA, 1984, p.07)

De acordo com Teresa Caldeira (1984), em sua obra “A política dos outros”:

São Paulo deixou de ser uma cidade concentrada e onde os trabalhadores viviam no centro e perto das elites, pagando aluguel em cortiços e casas de cômodos para se transformar numa cidade dispersa e segregada, na qual os trabalhadores vivem em casas próprias autoconstruídas nos loteamentos periféricos. Ou seja, ocorreu um processo de expulsão dos trabalhadores de baixa renda para os bairros distantes que só eram acessíveis porque não contavam com uma infra-estrutura adequada e nem com uma rede de serviços básicos. (CALDEIRA, 1984, p.17)

Nos centros urbanos estão concentrados os comércios e, conseqüentemente, as regiões centrais possuem melhor infra-estrutura para seus moradores. Aqueles indivíduos que não têm condições financeiras de adquirir seus terrenos nas áreas centrais são levados a buscar nas periferias urbanas um espaço para construir suas casas.

Assim como ocorreu em São Paulo, na cidade de Campinas também é possível perceber esta trajetória do centro à periferia por vezes explicitada claramente nas entrevistas realizadas com integrantes do movimento hip hop:

a gente morava na Ponte Preta, onde o poder aquisitivo é maior aqui em Campinas, e a gente acabava sendo a casa pobre da rua, porque tinha um monte de irmãos, a gente não

tinha brinquedos em todas as datas, mas a gente tinha uma criatividade muito grande. Então, e depois, na adolescência, pré-adolescência a gente teve - por questões financeiras - que se mudar para o São José, onde a minha mãe tinha casa própria financiada aliás, e a gente teve que voltar para lá porque não conseguia mais pagar aluguel na Ponte Preta, daí a gente voltou para o São José. (Trecho de entrevista com Tânia Ximenes, moradora do Jardim São José, 2001)

Verifica-se também nestes anos o crescimento na região Oeste/Sudoeste e tem-se a implantação do Distrito Industrial (DIC) em 1974, “o que desencadeou o provimento de infraestrutura básica para a região”. (Plano Diretor Campinas 2006, SEPLAN – Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, p. 04)

“O crescimento urbano industrial e o desenvolvimento do capitalismo gerado no país, se por um lado colocou as grandes metrópoles em situação privilegiada, por outro não criou as condições mínimas para a classe trabalhadora.” (LIPPI, 1986, p.39)

No caso de Campinas, no final dos anos 70 e começo dos anos 80, surgiu o movimento da Assembléia do Povo, em que a população das comunidades dos bairros periféricos, juntamente com a Igreja Católica, se organizava politicamente tendo como principal reivindicação a área da habitação.

De acordo com Antônio da Costa Santos, em 1977 foi criada a Pastoral das Vilas Planejadas (desenvolvimento em conjunto com a COHAB), que propôs às comunidades eclesiais de base (organizadas através do Conselho Pastoral Intervilas) levar reivindicações populares, como, por exemplo, questões de transporte urbano e fornecimento de leite C à população, aos órgãos da Prefeitura Municipal de Campinas. Porém neste primeiro momento participaram dessas discussões apenas 8 vilas da cidade.

Com a necessidade de organização popular, é convocada, com o intermédio da Igreja católica, uma assembléia popular na escadaria do Paço Municipal da Prefeitura de Campinas em

08 de Março de 1979. Nesta assembléia estavam presentes cerca de 2000 moradores de diversos bairros populares de Campinas, marcando o início da organização da Assembléia do Povo.

A população passou a entender que seus problemas se atrelavam amplamente à política urbana local e, em 1980, “o movimento começa a se transformar estruturalmente, diminuindo a participação dos chamados bairros loteados (a partir da conquista de suas reivindicações) e aumentando consideravelmente a presença e participação de posseiros urbanos”. (SANTOS, 1985, p.67) Assim, os moradores das favelas passaram a reivindicar, politicamente, a posse da terra para moradia e, para tal, criaram a associação de moradores dos bairros como formalização jurídica da organização desses indivíduos.

Para Doraci Alves Lopes, “o movimento [da Assembléia do Povo em suas reivindicações] pela posse definitiva da terra e urbanização das favelas propiciou um processo de sínteses e rupturas em relação às práticas de dominação do Estado”. (LOPES, 1988, p. 13)

O movimento da Assembléia do Povo contribuiu para a organização das periferias urbanas de Campinas em torno de questões políticas, que, para Antônio da Costa Santos, contribuiu para o “aflorescimento social das chamadas lutas urbanas.” (SANTOS, 1985, P.73)

Na década de 70 e 80 os intensos fluxos imigratórios aceleraram o processo de urbanização intensificando o estabelecimento de segregação espacial. A cidade de Campinas definiu seu contorno marcante com conurbação dos municípios vizinhos através de dois eixos, sendo eles: 1. baixa renda; 2. alta renda. “A ocupação periférica de baixa renda consolidou-se principalmente no vetor sudoeste com a incorporação de áreas situadas além da Rodovia Anhanguera, com a cidade expandindo-se na direção de Sumaré, Hortolândia, Monte Mor e Indaiatuba.” (CANO & BRANDÃO Apud ALVES, 2005, p. 23)

Na Região Metropolitana de Campinas ocorreu forte imigração entre os anos de 1980 a 1991, com mais de 30 % dos imigrantes de Campinas sendo da própria região metropolitana de São Paulo ou Campinas.

Entre os membros do movimento hip hop que entrevistei é possível notar esta migração em suas histórias de vida. A entrevistada Lajara nasceu em São Paulo e veio para Campinas com a família, quando seu pai, por dificuldades financeiras, decidiu sair da capital e tentar uma melhoria de vida no interior, visto que tinha parentes na região.

O meu pai era dono de uma empresa de táxis em São Paulo e, por dificuldades financeiras a gente acabou perdendo tudo e viemos morar em Campinas. A gente não tinha lugar onde morar. A gente não tinha lugar onde morar, a gente ia para algum viaduto pois a gente não tinha condições. Aí minha mãe resolveu vir para Campinas, pois minha avó morava aqui e aí a gente conseguiu um lugar pra morar. Compramos um terreno numa favela aqui em Campinas, aí a gente foi morar lá. (Trecho de entrevista com Lajara Janaína, militante do movimento hip hop, 2001)

Com esse crescimento demográfico a população moradora das favelas também aumentou neste período em Campinas e na Região Metropolitana. A partir das transformações econômicas, a população da cidade não permaneceu a mesma, ocorrendo notável crescimento demográfico, sendo que entre os anos 1980 e 2000 a população de Campinas aumentou 45,7%.

1.4. Jardim das Bandeiras

Em meados dos anos 50, com os fluxos migratórios para a região de Campinas, novos e longínquos bairros surgiram para absorver a demanda populacional na cidade. A partir dos anos 60, surgiram diversos bairros da região sul e sudoeste de Campinas, como o Jardim das Bandeiras.

O ponto de partida para o Jardim das Bandeiras é o centro da cidade de Campinas, com seus prédios históricos, edifícios comerciais, trânsito, pessoas apressadas e toda uma rotina urbana que pode espantar à primeira vista, mas que reflete a riqueza e a prosperidade de uma cidade que cresceu ao longo dos anos, apoiada inicialmente numa economia agrícola e posteriormente nas indústrias e casas de comércio que se instalaram na região.

A cidade se expandiu para todos os lados, mas nos interessa analisar as transformações ocorridas principalmente na região sul/sudeste, onde está localizado o Jardim das Bandeiras.

Percorrendo a cidade em direção à Rodovia Santos Dumont (SP-075), temos a impressão de que estamos nos dirigindo para a saída da cidade, pois vemos apenas estradas com seu trânsito de caminhões e outros automóveis. Porém, após atravessarmos o Jardim do Trevo e passarmos por baixo da pista da Rodovia Anhanguera, nos deparamos com diversos bairros ao longo de toda Rodovia Santos Dumont, tendência que ocorre em outras cidades do país impulsionada pelo processo de urbanização e expansão da malha urbana.

Bairros estes como Parque Oziel e Jardim Monte Cristo, Jardim Mimosa, Itatinga, Jardim do Lago, Jardim Maria Rosa, Jardim Telesp e outros, que causam a impressão de que atravessamos os limites da cidade, porém ainda fazendo parte de Campinas.

São bairros que têm em comum, além da precariedade em infra-estrutura, com algumas ruas de terra sem asfalto dificultando o acesso aos seus moradores, o fato de estarem às margens de uma grande rodovia que segue no sentido norte-sul, rumo a Sorocaba, fazendo também o acesso ao Aeroporto de Viracopos, localizado no extremo sul da cidade.

Assim, ao iniciarmos nosso trajeto pela Rodovia Santos Dumont com destino ao Jardim das Bandeiras, reparamos a existência de algumas passarelas de pedestres para que os moradores dos bairros possam atravessar em segurança a pista e chegar aos bairros vizinhos.

Ao avistar a placa com sinalização para o Jardim das Bandeiras pegamos a alça de acesso e seguimos mais alguns quarteirões paralelamente à Rodovia Santos Dumont, sentido Aeroporto de Viracopos, até nos depararmos com um semáforo e atravessarmos sob a pista da rodovia para termos acesso ao bairro da pesquisa, o Jardim das Bandeiras.

A rua, que também segue paralela à Rodovia Santos Dumont, tem grande fluxo de automóveis, em ambos os sentidos, e lombadas instaladas ao longo dela para obrigar os veículos a diminuir a velocidade. Outro fator que obriga o motorista a diminuir a velocidade é a existência de diversos buracos no asfalto como consequência do grande fluxo de trânsito local, incluindo o tráfego de caminhões das empresas locais e ônibus circulares.

No trajeto é possível observar à primeira vista que existem diversas empresas e casas de comércio instalados no local. Nesse cenário também há um Pronto Socorro, para o qual são encaminhados pacientes de outras regiões da cidade atendidos pelo Sistema Único de Saúde – SUS, sendo referência na prestação de serviços na área da saúde. Desta maneira, além da população local, pessoas de vários bairros de Campinas são encaminhadas para o tratamento de saúde no Jardim das Bandeiras.

Em todas as ocasiões que estive no bairro, notei a existência de crianças brincando nas ruas e pessoas idosas sentadas nas frentes de suas residências conversando com os vizinhos.

O Jardim das Bandeiras, assim como vários bairros de Campinas, tem sua origem com a população migrante que chegou na cidade, como pode ser observado em algumas entrevistas realizadas:

Eu vim do Paraná e nem conhecia Campinas (...). [Vim para a cidade] porque Jandaia [Paraná] já estava ficando pequena para mim. Tem que caçar um mundo melhor, conhecer mais pessoas diferentes. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da Rádio Bandeira Fm, 2006)

Para compreender a história desta área foi necessária a pesquisa em arquivos de jornais com reportagens sobre a descentralização administrativa da Prefeitura Municipal de Campinas em Administrações Regionais, por intermédio das quais é possível acompanhar as melhorias em infra-estrutura além das ocupações populacionais ao longo dos anos nesta região.

Em 1969 com a intenção de regionalizar a administração da cidade, o então prefeito Orestes Quércia determina a criação de dez regiões geoeconômicas, que serviriam de sedes para que a cidade fosse governada momentaneamente dentro dos próprios bairros. Assim, esta regionalização tinha como principal propósito aproximar a administração municipal da população campineira e, de certa maneira, da problemática local.

As ações descentralizadas eram provisórias e, após algumas semanas governando em determinados bairros, o prefeito circulava por outros bairros ou retornava para o Palácio dos Jequitibás – local sede do Governo Municipal de Campinas.

Durante alguns anos esta descentralização ocorreu esporadicamente em regiões da cidade e apenas em 1973 o projeto para a criação permanente das administrações descentralizadas é apresentado à cidade pelo prefeito Lauro Péricles. Neste momento a extensão territorial de Campinas é dividida em dez administrações regionais, e cada qual se responsabiliza pela manutenção dos bairros na área de sua abrangência.

Dessa forma, na década de 70 as Administrações Regionais foram criadas sucessivamente seguindo a seguinte distribuição no território da cidade: Região Leste – Administração Regional 01 atendendo 26 bairros da área central da cidade como, por exemplo, o Cambuí e Nova

Campinas, além do chamado “quadrilátero central”; Administração Regional 02 com 19 bairros na região incluindo a Chácara da Barra e Vila Brandina e Administração Regional 03 com 27 bairros com Vila Nogueira, Vila Costa e Silva e Parque Taquaral; Região Norte - Administração Regional 04 com 14 bairros incluindo a Vila Nova. Região Oeste - Administração Regional 05 com 17 bairros, entre eles Vila Proost e Sousa, Jardim Eulina e Jardim Aurélia; Região Sul – Administração Regional 06 com 43 bairros entre eles Vila Teixeira, Bonfim e São Bernardo; Administração Regional 07 com 20 bairros como o Jardim das Bandeiras e Novo Campos Elíseos; Administração Regional 08 com 10 bairros com os principais como a Vila Marieta, Vila João Jorge e Jardim do Trevo; Administração Regional 09 com 19 bairros entre eles a Vila Ipê, Vila Georgina e Jardim Amazonas e a Administração Regional 10 com 14 bairros na região da Vila Lemos, Jardim Paranapanema e Jardim Proença.

Nesta época a região pesquisada do Jardim das Bandeiras estava localizada no interior da área da Administração Regional 07, que correspondia ao eixo sudoeste/sul de Campinas.

Em 1974, quando foi inaugurada a Administração Regional 07, os bairros da região não eram tão numerosos como atualmente e “muitos destes locais encontravam-se abandonados e sem condições de ter acesso rodoviário” (Jornal Correio Popular, 25 Julho de 1974)

Nas reportagens de meados dos anos 70 é possível notar que na maioria dos bairros desta região “a água é de poço, não há tratamento de esgoto e a iluminação é precária, tanto na rede pública como na domiciliar. Além disso, os itinerários de ônibus são muito deficientes, já pelo fato de praticamente não existir pavimentação na área”. (Jornal Diário do Povo, 25 de Setembro de 1977)

Além da dificuldade no acesso ao bairro, outra questão é citada como problema nesta área que permeia a Rodovia Santos Dumont: “a bacia de contribuição do rio Capivari, que corta toda a região coberta pela AR-7, tem causado sérias dificuldades na área, pois em época de chuva o

maior volume de água danifica as pontes que fazem as ligações entre os bairros, causam erosão nas cabeceiras dos córregos e acúmulo de areia nos pontos mais baixos de seu curso.” (Jornal Diário do Povo, 25 de Setembro de 1977)

Assim, as condições estruturais eram muito precárias no período de surgimento das Administrações Regionais, que surgiram como alternativa para buscar melhorias essenciais na região.

Em meados da década de 80 ocorreu uma reestruturação na divisão das áreas administrativas de Campinas devido à expansão urbana e ao crescimento populacional. As dez Administrações Regionais existentes, até o momento, estavam saturadas e houve a necessidade de uma reorganização, quando são criadas mais quatro Administrações Regionais e quatro SubPrefeituras, totalizando, dessa maneira dezoito áreas descentralizadas da administração pública municipal. Com essa alteração, a área do Jardim das Bandeiras está atualmente localizada na Administração Regional 06.

De acordo com dados do censo demográfico do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – de 2000, além do Jardim das Bandeiras, dentre os principais bairros desta Administração Regional, por se destacarem pelo volume populacional e renda média das famílias, estão os seguintes: Bairro Pedra Branca; Bairro Reforma Agrária; Bairro São Bernardo; Vila Mimosa; Jardim Bonfim; Vila Pompéia; Jardim Campo Belo I, II e III; Jardim Conceição; Jardim do Lago; Vila Teixeira; Jardim Itaguaçu; Jardim São José; Jardim São Domingos; Jardim Nova Mercedes e Parque Itália.

Na área da Administração Regional 06, de acordo com os dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000, existem 118.486 pessoas residentes das quais 56.068 são homens e 60.418 são mulheres.

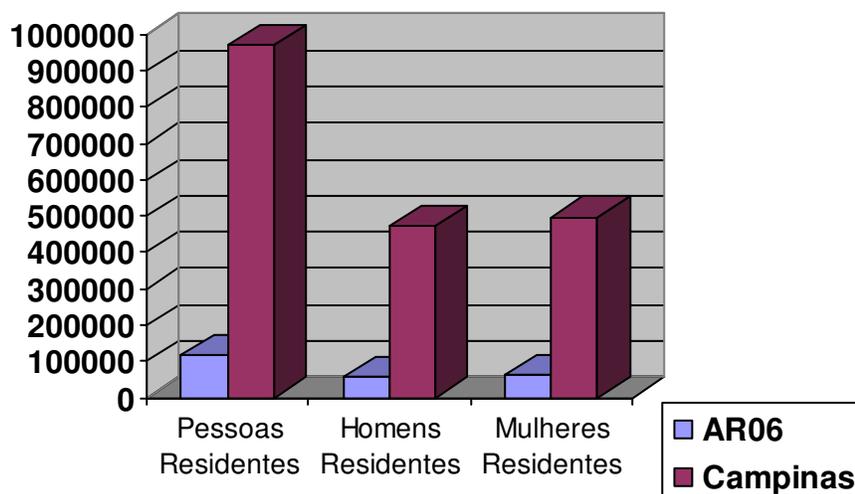


Gráfico 1: População Residente na área da Administração Regional 06

Fonte: Censo IBGE 2000

Esta é a segunda região com maior volume populacional da cidade, que é superada apenas pela área da Administração Regional 12, que engloba a região do Distrito Industrial e bairros próximos ao Aeroporto de Viracopos, com 118.619 pessoas residentes.

São duas regiões que estão nas margens da Rodovia Santos Dumont e próximas a outras rodovias de acesso à cidade. Além desta localização nos limites de Campinas, a presença de pólo industrial na região é outro elemento que atrai a população para estes bairros.

De acordo com os dados do IBGE, existe um grande número de crianças e jovens nestes bairros. A população residente na região da Administração Regional 06, onde está o Jardim das Bandeiras, está dividida etariamente conforme a gráfico 2, havendo um número significativo de crianças e jovens nos bairros.

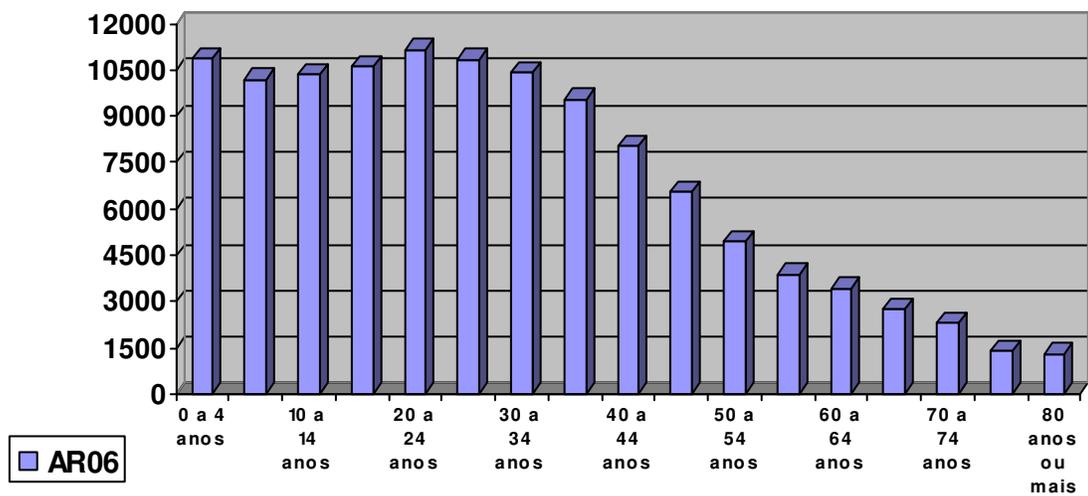


Gráfico 2: População Residente AR06 distribuída por faixa etária

Fonte: Censo IBGE 2000

Se compararmos essa distribuição etária com a de outras regiões da cidade com características econômicas diferentes da área do Jardim das Bandeiras, como é, por exemplo da Administração Regional 01, percebemos que essas diferenças se expressam mediante a formação de uma “pirâmide”, com predominância de jovens e adultos, e um número menor de crianças e idosos.

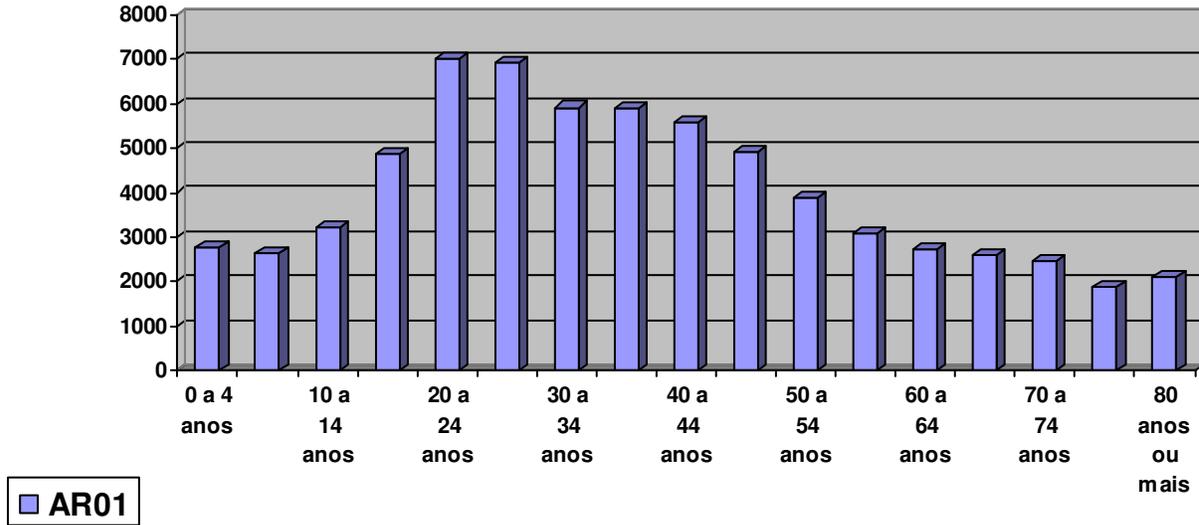


Gráfico 3: População Residente AR01 distribuída por faixa etária

Fonte: Censo IBGE 2000

Já na área correspondente ao Jardim das Bandeiras, a quantidade de crianças é proporcional a da população jovem e adulta, tendo uma diminuição neste número apenas quando se trata do grupo de pessoas idosas. Assim, a existência de crianças e jovens nos bairros periféricos é expressiva e representa uma porcentagem significativa da população local.

Dentre a população da área pesquisada, 34.426 pessoas são responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, das quais 26.076 são homens e 8.348 são mulheres.

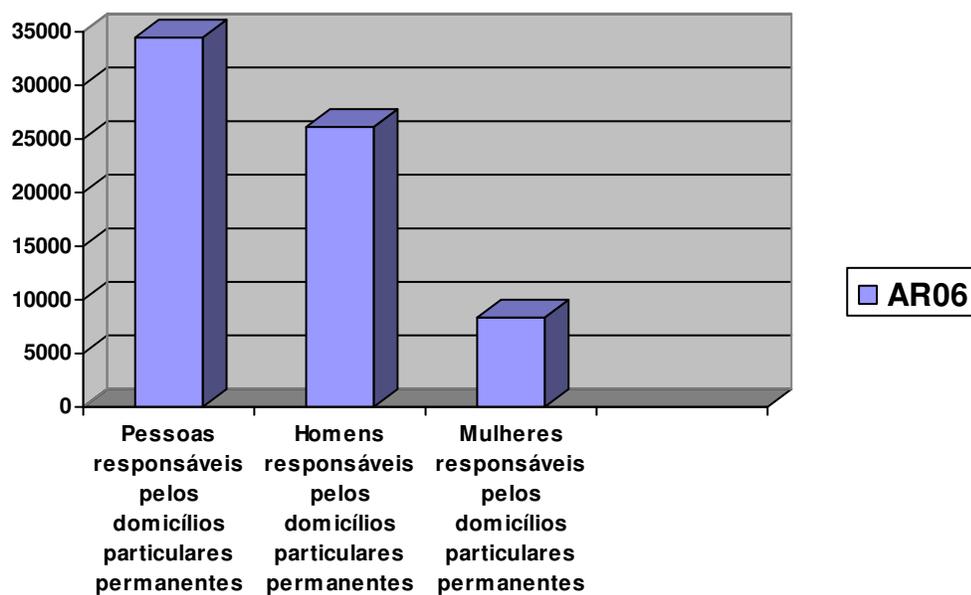


Gráfico 4: Pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes Administração Regional 06

Fonte: Censo IBGE 2000

Entre as pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, 32.093 são alfabetizadas, dentre elas 24.540 homens e 7.553 mulheres.

A distribuição por renda nominal mensal da população residente na área da Administração Regional 06 está apresentada no gráfico 5.

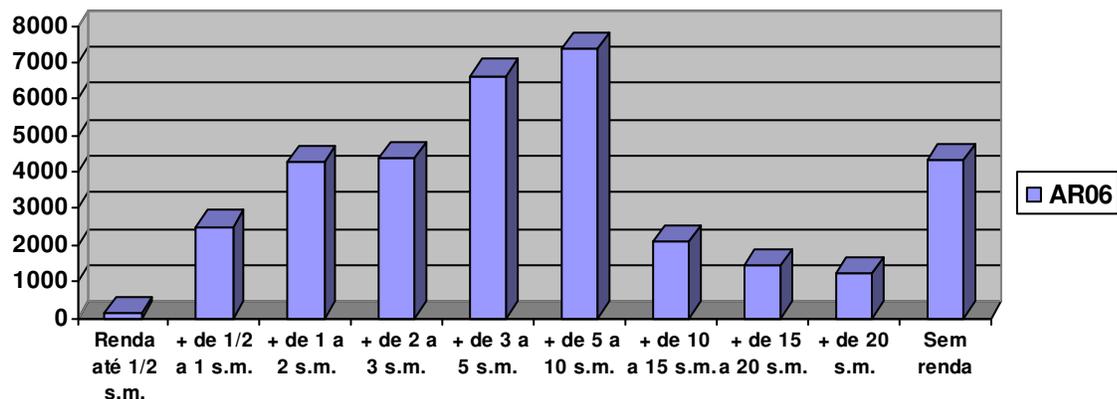


Gráfico 5: Renda Nominal Mensal Administração Regional 06

Fonte: Censo IBGE 2000

Percebemos que a maior parte da população tem renda de até três salários mínimos, 15.636 pessoas. A população que possui renda nominal mensal entre 3 a 10 salários mínimos é de 14.038 pessoas e, recebendo acima de 10 salários mínimos é 4.752 pessoas.

Dentre os responsáveis pelos domicílios particulares permanentes, 4.323 pessoas não possuem renda nominal mensal.

Dessa maneira, a renda média das pessoas responsáveis por residências fixas nesta área é de 5,59 salários mínimos, conforme tabela 6. Notamos que a renda média, em salários mínimos, entre homens é de 6,084, sendo superior a das mulheres, que têm como renda média 4,05 salários mínimos.

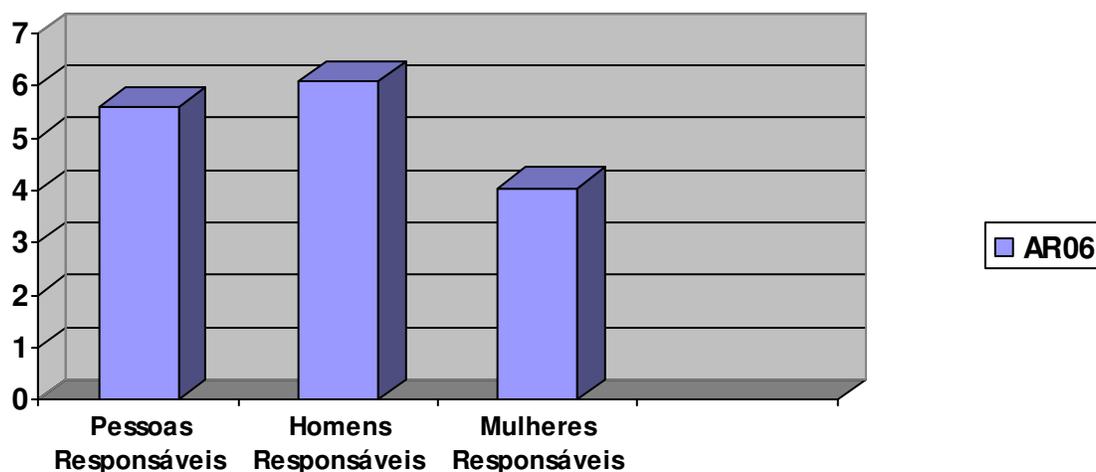


Gráfico 6: Pessoas Responsáveis – Renda Média em Salários Mínimos – Administração Regional 06

Fonte: Censo IBGE 2000

No contexto de expansão urbana surge o bairro Jardim das Bandeiras, em meados dos anos 60, que no seu início era composto por grandes áreas de pasto e extensões de terra abandonada, sendo parte de seu território área pública e parte loteamento de fazenda particular.

De acordo com Ximenes, que fez uma densa pesquisa nesta micro-região a partir de entrevistas com seus moradores, o primeiro indivíduo que estabeleceu moradia nesta região foi um migrante de Minas Gerais que “desbravou” o local e “abriu” os acessos que posteriormente se tornariam as ruas do bairro. Nas palavras desse morador, “fiz as estradas aqui para passar (...) a gente ia com o enxadão, enxada para ter saída para lá.” (XIMENES, 1999, p.51)

Nos anos 70, outros moradores, assim como o pioneiro no bairro, se estabelecem nas áreas de sítio. Para Paulo Josué Ferreira, um morador conhecido como Tuta, em suas lembranças de infância no bairro, nessa época, o “bairro [Jardim das Bandeiras], já que vim na minha infância

[entre os anos 1972 e 1973], não tinha quase nada na verdade. Eram pouquíssimas casas, inclusive onde eu morava tinham (...) três casas”. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

A formação urbana iniciou-se alguns anos após a instalação destas famílias no bairro, nos anos oitenta, quando as áreas foram loteadas e vendidas por imobiliárias. Porém, com o grande fluxo populacional na região do Jardim das Bandeiras ocorrem várias ocupações de espaços públicos neste bairro surgindo grande parte das favelas da região.

A partir destas ocupações, a Prefeitura Municipal de Campinas intervêm na região para priorizar a urbanização do bairro e desapropriação de algumas áreas.

Nos anos 80, “a região do Jardim das Bandeiras abrange a área entre a Rodovia Santos Dumont e a Estrada Velha de Indaiatuba, uma vasta área abaixo do rio Capivari, com poucos loteamentos isolados implantados a partir de 1980.” (CANO, 2002, p.173)

Nessa década de expansão do bairro, algumas melhorias são implementadas na região, como a instalação de rede de água, energia elétrica, asfalto, guia, cascalho e três linhas de ônibus. Eram benefícios de infra-estrutura que afetavam diretamente os moradores do bairro, como, por exemplo, a chegada de energia elétrica, saneamento etc.

Porém, para o morador Antônio Mendes, “era área rural ainda, e outra coisa, Parque Oziel não existia. Monte Cristo... pra você ver, antigamente você achava vaga nas escolas e nas creches. Não precisava correr”. (Trecho entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Nas palavras de Paulo Josué Ferreira (2006), o Tuta, nos anos 80

“uma das principais mudanças que eu fui observando, em primeiro plano, foi a questão da água. Onde eu morava só tinham aqueles poços artesianos que eles [moradores]

faziam. Cada um furava o seu lá...então aos poucos eu fui observando a questão da energia elétrica começou a chegar, a água, o asfalto...” (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

As obras de infra-estrutura básicas estavam presentes no Jardim das Bandeiras, porém a população tinha outras demandas de melhoria para a localidade. Para obter essas transformações, os moradores passaram a se reunir para conquistar coletivamente as vagas nas creches, escolas e outras melhorias no bairro. E, assim, nesse período, as melhorias locais passam a estar associadas à presença de alguns movimentos sociais no bairro.

Para o entrevistado Paulo Josué Ferreira (2006), conhecido como Tuta, as pessoas do bairro passaram a se organizar para buscar as melhorias para a localidade, e após alguns anos, a partir desta organização, formou-se a Associação de Moradores, atuando ativamente junto à comunidade.

A Associação de Moradores é vista como elemento fundamental para algumas transformações no bairro, porém a organização entre os moradores é essencial e surge antes da oficialização da Associação de Moradores.

Eu lembro que levou um bom tempo nem se ouvia falar em Associação de Moradores. Tinham aquelas pessoas que sempre tomavam a frente pra algumas coisas, mas não chegava a ser uma Associação de Moradores. (...) Uma das coisas que eu observei bem assim, algumas dessas pessoas que na época (...) que já trabalhavam, não de uma maneira totalmente organizada, mas cada uma tomando a frente de um lado para conseguir as coisas: alguns deles passaram a fazer parte depois dessa Associação de Moradores, e aí eles conseguiram, claro, alguns avanços. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

Esta união dos moradores em torno das reivindicações de melhorias para o bairro teve diversas conseqüências para o Jardim das Bandeiras. Para o morador entrevistado, o principal benefício foi a própria urbanização da região.

Aos poucos as pessoas foram se mobilizando, foram chegando mais pessoas e se mobilizando para questão das melhorias. Mas não era uma coisa muito junta. Era uma coisa mais separada, mas assim, uma das principais melhorias que eu pude observar bem foi a questão da urbanização mesmo. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

A presença das Igrejas na região também é marcante para o desenvolvimento local, principalmente na atualidade, pois a atuação delas torna-se mais ativa e tendo maior destaque que a Associação de Moradores conseguindo maiores resultados e avanços no Jardim das Bandeiras em sua fase de urbanização.

Então, eu vejo assim, no Jardim das Bandeiras, que divide em dois blocos aqui. Tem o pessoal da Associação, não digo da Associação, mas o pessoal da Igreja do Jardim Santa Cruz, da Igreja Católica, que eles formam um grupo. E do Jardim das Bandeiras que eles formam outro grupo. E esse é um pessoal que trabalha mais, que eles conseguem mais avanço do que a Associação. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

1.5. Migração no Jardim das Bandeiras

O Jardim das Bandeiras é formado basicamente por trabalhadores migrantes (do meio rural ou cidades pequenas), com baixa escolaridade, ocupando empregos sem (ou com pouca)

qualificação, com alguns se inserindo nas indústrias locais e outros tentando manter as atividades agrícolas, o que acentua a tradição rural do bairro.

Eu não nasci aqui. Cheguei em Campinas com 4/5 anos de idade [1972/1973]. Nasci em Minas, Botelhos é o nome da cidade. Cheguei aqui tinha 4 anos de idade, completando 4. Meus pais resolveram vir para cá com a ilusão da cidade. Vieram nessa ilusão de que poderia ser melhor e acabaram ficando. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

Já em 1984 a região torna-se altamente populosa, porém os recursos permanecem escassos. De acordo com o entrevistado Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e diretor de programação da rádio Bandeira FM, na época em que se estabeleceu no bairro, em 1988, “o bairro era pequeno, não era tão grande. Era pequeno, a população era pequena.” Na opinião desse morador, o fato de o bairro ser pequeno e pouco populoso gerou muita violência no local; além da pouca infra-estrutura, não havia pronto socorro e as escolas eram menores do que são atualmente.

O morador Antônio Mendes considerava o bairro, na época que chegou no Jardim das Bandeiras, perigoso pois era pouco urbanizado e com pequenas casas de comércio. Para ele, antes era mais perigoso porque quase não haviam indústrias no bairro:

Na verdade hoje ainda é perigoso, mas antes era mais porque não tinha muitas indústrias como tem aqui. Não tinha a viação Garcia. Não era ampliada daquele tamanho, era bem menor. Era perto daquela creche que tem ali em cima. O Pronto Socorro não tinha. Aquelas escolas eram mais pequenas, entendeu? (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras, 04/02/2006)

Durante a década de 80, a expansão territorial e urbana causava alguns transtornos para os governantes, que se incomodavam com o crescimento das favelas e ocupações.

Na Administração do Magalhães Teixeira houve uma repressão muito grande à formação de favelas e ao crescimento das já existentes. Alguns moradores passavam a ter a tarefa de controlar o núcleo, impedindo que o número de famílias aumentasse exageradamente. Com a entrada do PT na Prefeitura [1988] ,tal controle deixou de existir e cerca de 20 novos núcleos se formaram apenas em 89. Pelas próprias características do PT e por ter existido uma repressão ao processo durante a administração passada era normal que isso ocorresse. Esses 20 núcleos são resultado de invasões de terra da Prefeitura e novos movimentos estão sendo organizados. Um deles é no Jardim das Bandeiras. São feitos encontros semanais por 3 ou 4 meses para que as pessoas se organizassem. Os participantes devem se inscrever e, quando muito, ficar numa lista de espera para uma nova invasão. (BAENINGER e MAIA, 1992, p. 35 – trecho entrevista de líder na organização da Assembléia do povo)

1.6. Lazer e entretenimento em bairro periférico

Muitos bairros periféricos de Campinas ainda convivem com a precariedade na infraestrutura básica. Apesar de terem recebido algumas melhorias estruturais nos anos 80, até os dias atuais existem carências a serem supridas.

No Jardim das Bandeiras também existe uma precariedade em relação a formas de lazer e entretenimento para seus moradores. De acordo com as entrevistas, é possível notar que poucas são as formas de lazer existentes nas periferias urbanas, visto que o circuito cultural campineiros de museus, teatros e bibliotecas está situado no centro e em bairros nobres de Campinas.

Os moradores das periferias têm que encontrar, da maneira que podem, suas próprias alternativas de lazer dentro dos bairros. Quando o bairro possui Praça de Esportes em condição de uso, visto que muitas estão abandonadas ao descaso pelo poder público, ela é ocupada pelos jovens que jogam bola nos seus tempos livres.

O bairro que eu moro hoje, no DIC VI, eu vejo que falta muito lazer. Tanto no DIC VI como no Jardim São José [Jardim das Bandeiras] que é onde a minha mãe mora, e é o ponto de referência da minha família (...) e é muito escasso. Então as formas de lazer é um campo de futebol – campinho – ou as vezes quando tem alguma promoção de político em bairro, ou- as vezes – relacionado a Igreja, mas é muito pouco. Acaba sempre sendo família mesmo. Cada um na sua casa, com a sua família. O bairro não tem promovido eventos de lazer. (Trecho de entrevista com Tânia Ximenes, moradora do Jardim São José, 2001)

Tem o futebol em vários campos, que é febre mesmo. (...) Falta incentivo para a cultura, maneiras de lazer que faça a gente pensar um pouco mais e não ficar tão bitolado só jogando bola, jogando bola ou só jogando fliperama, fliperama e caindo na mesma teia. (Trecho de entrevista com Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, morador da região do Distrito Industrial de Campinas – DIC, 17/02/2006)

Outros moradores, que estão distantes das Praças de Esportes, preferem o jogo de futebol no campo improvisado ou desfrutar a tarde no bar com os amigos. Porém, uma prática comum em muitos bairros periféricos é a conversa entre vizinhos e amigos nas frentes das residências.

Essa prática pôde ser observada nas visitas ao Jardim das Bandeiras durante a pesquisa e nos programas da rádio Bandeira Fm, quando os ouvintes citam que permanecem na frente das residências, reunindo os amigos, para escutar o programa de rap “Interior Paulista” coletivamente.

No Jardim das Bandeiras, conforme as entrevistas, não há um espaço de lazer para as crianças e jovens se divertirem ou praticarem esportes no bairro.

Formas de lazer é meio difícil. Periferia é raro ter alguma praça de esporte. Não são todos os bairros [que têm]. No meu tem só uns campinhos onde a molecada joga umas 'peladas' (futebol) hoje em dia, e a molecada do skate. Não tem uma pista de skate, mas eles andam na rua.. Inventaram suas formas de estar andando de skate. E os bairros próximos, tem o Jardim Itatinga, conhecido como 'zona', o 'zonão'. (Trecho de entrevista com Kapone, rapper e locutor do programa Interior Paulista da rádio Bandeira FM, morador do Jardim Maria Rosa, 25/11/2005)

Quando não encontram formas de lazer no bairro em que residem, os jovens frequentam bairros próximos da região, como é citado na entrevista a seguir:

Nos bairros de periferia não existe formas de lazer. A gente vai nos bairros próximos que têm casas de cultura, mas lá [no bairro que mora Jd. Capivari] não existe essa forma de lazer. (Trecho de entrevista com Lajara Janaína, militante do movimento hip hop, moradora do Jardim Capivari, 2001)

De acordo com o morador Antônio Mendes:

[o Jardim das Bandeiras] não é um bairro pobre pobre, mas também não é um bairro rico. (...) As crianças são muito carentes de lazer, porque não tem onde colocar as crianças para bater um futebol, para brincar. Realmente, o [Jardim das] Bandeiras não tem esse espaço, infelizmente, [mas] é um bairro bom pra morar. A população aqui é muito carente, muito simpática, pessoal muito gente boa, mas o que falta é isso aí, [opção de espaço de lazer]. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Percebe-se que os bairros não absorvem seus moradores em todos os âmbitos, como por exemplo, saúde, educação, empregos, lazer etc., que procuram estas ofertas em outros locais.

Cristiano Nunes Alves (2005) destaca como sendo três os principais fluxos de saídas de pessoas de seus bairros periféricos para outros bairros ou centro da cidade. O primeiro é em direção ao centro da cidade para o consumo no mercado informal ou em lojas populares; o segundo é o fluxo escolar “restrito aos jovens que continuam a estudar após o término do segundo grau (minorias), ou que ingressam em escolas técnicas, visto que nos níveis anteriores estes estudam nos próprios bairros ou em seu entorno” (ALVES, 2005, p.28) e o terceiro fluxo é para acessar os bens e serviços de saúde.

O fluxo de pessoas para consumir formas de entretenimento no centro da cidade é muito pequeno entre os moradores dos bairros periféricos, porém em algumas situações eles acabam se deslocando para bairros próximos ou desenvolvendo formas de lazer individuais em suas residências, como assistir televisão, ouvir rádio ou utilizar a internet para aqueles com maiores condições financeiras.

A maioria passeia, assiste tevê. Eu é a música e livro. Eu moro no Jardim Telesp, Zona Sul, Zona Oeste de Campinas, naquela divisa. (Trecho de entrevista com Dr. Sinistro, Rapper do grupo Inimigos do Sistema, morador do Jardim Telesp, 2001)

As poucas opções de lazer coletivas nos bairros de periferia, com poucos ou inexistentes clubes, praças de esportes etc., se reflete no entretenimento individual em que as pessoas encontram dentro de suas moradias com a televisão, os programas de rádio e, em alguns casos, a internet.

Para Cristiano Nunes, “a degradação das periferias, aliada à intensificação das formas de lazer passivo como a televisão, implicam em que o local de residência (casa e bairro) proporcione cada vez menos oportunidades de lazer.” (ALVES, 2005, p. 31)

Na entrevista com o grupo de rap Fator Moral, é possível observar as alternativas de lazer encontradas pela juventude.

Tem os focos de skate no bairro. Tem o basquete que rola nos finais de semana. Tem o futebol em vários campos. (...) Tem o orkut [programa de internet para criar rede de amigos], que é a minoria que tem o poder de ter orkut. Tem videogame, tem fliperama que a molecada joga. (Trecho de entrevista com Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, morador da região do Distrito Industrial de Campinas – DIC, 17/02/2006)

Com esta desordenada expansão urbana, as conexões entre os pontos da cidade foram se fragilizando e, a partir de então, os meios de comunicações passaram a cumprir um papel essencial no compartilhamento de informações e entretenimento pelos domicílios, desde o centro até as periferias urbanas.

A industrialização e as migrações levaram a um crescimento urbano desordenado nos últimos cinquenta anos do século XX, fazendo parte “da mesma política de modernização que concentra o desenvolvimento cultural na expansão dos meios de comunicação de massa.” (CANCLINI, 1997, p.78)

Diante da heterogeneidade urbana, para Canclini, a mídia apresenta um espetáculo reconfortante, uma vez que, por meio dela, a população sente-se incluída nas mais diversas manifestações da cidade. “O desequilíbrio gerado pela urbanização irracional e especulativa é 'compensado' pela eficácia comunicativa das redes tecnológicas” (CANCLINI, 1997, p.78)

Capítulo 2: MEIOS DE COMUNICAÇÃO

2.1. Breve histórico de radiodifusão no Brasil

A primeira transmissão de radiodifusão no Brasil ocorreu em 7 de Setembro de 1922, no Rio de Janeiro, em ato comemorativo ao centenário da independência do país, com pronunciamento em rede nacional de discurso do presidente Epitácio Pessoa.

Após essa data, principalmente durante a década de 20, surgiram diversas rádios distribuídas pelo país, com programação voltada basicamente para a área cultural e educativa.

Nessa época, de acordo com Carla Botelho Mager, é criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Roquete Pinto, acreditando que a partir da inovação tecnológica com esse novo veículo de comunicação, as informações seriam expandidas e massificadas a ponto de contribuir de maneira direta com a “educação da sociedade.” (MAGER, 2001, p.03)

Porém, com o passar dos anos e a criação de novas rádios, a expansão do sistema de radiodifusão seguiu prioritariamente o modelo comercial, privilegiando o entretenimento, ao invés de ter como foco as questões educacionais ou culturais para a população.

As emissoras que estavam se estruturando nesse período tiveram investimentos do capital privado, tornando-se as principais veiculadoras de anúncios publicitários e criando, dessa maneira, um modelo comercial de comunicação que seria seguido pelos futuros meios de telecomunicação do país. Dessa maneira, o modelo estatal de radiodifusão estava vinculado aos interesses do capital privado e, principalmente seguindo um modelo de programação comercial baseado no entretenimento do público ouvinte.

A rádio, no momento de seu surgimento, foi considerada apenas um meio e instrumento de comunicação que poderia ser utilizado por qualquer indivíduo, sem regulamentações de

concessões do seu uso, não estando, portanto, incluída no Direito Constitucional Brasileiro. Mas, o presidente Getúlio Vargas, na década de 30, viu grande interesse em submeter o espectro eletro magnético à responsabilidade do Governo Executivo, utilizando, para isso, o argumento de que esse instrumento seria benéfico para os interesses do Estado com fins educativos para a população.

Assim, através do decreto 20.047 de 27 de Maio de 1931, as emissoras de radiodifusão foram reconhecidas pelo Estado, bem como sendo competência e responsabilidade deste definir sua natureza e conteúdo. Apesar de transmitir a imagem de que teria interesses e objetivos educacionais com o sistema de radiodifusão, o modelo de transmissão operado pelas rádios no país seguiu a exploração comercial com finalidade de entretenimento.

Dessa maneira, para Carla Botelho Mager, as emissoras de radiodifusão foram utilizadas desde o início pelo Governo como “veículo difusor de [suas] idéias e interesses”. (MAGER, 2001, p.05)

Com esse viés político de propagação da ideologia oficial do Governo no sistema de radiodifusão, Getúlio Vargas criou em 1935, o programa oficial “Hora do Brasil”, onde apenas atos do Poder Executivo eram divulgados nesse programa, que anos depois tornou-se de veiculação obrigatória em todas as emissoras de rádio do país, em sistema de rede nacional.

O surgimento dos meios de radiodifusão esteve desde o princípio relacionado e sob controle do Executivo da União, sendo este o principal responsável pela concessão de emissoras de rádio no país até os dias atuais. O critério adotado para a distribuição de concessões pelo Estado, a partir dos anos 30, foi através da troca de interesses políticos e econômicos, o que teve, décadas depois, como a principal consequência as formações de oligopólios da comunicação no Brasil.

O investimento do capital no rádio incentivou o crescimento do veículo de forma que ele deixou de ser um meio de comunicação educativo e cultural e passou a ser utilizado como ferramenta de negócios, já que as emissoras estavam concentradas nas mãos da iniciativa privada. (MAGER, 2001, p. 06)

Durante a década de 30 do século XX, ocorreu um grande crescimento no sistema de telecomunicações brasileiro e, para restringir o acesso a estas emissoras foram criadas algumas disposições sobre a radiodifusão na Constituição. Uma destas resoluções foi responsável pela restrição da entrada de estrangeiros no mercado de comunicação, com o objetivo de garantir a manutenção do sistema de comunicação apenas por brasileiros.

Nesse período, Getúlio Vargas utilizava os meios de comunicação, principalmente o rádio, por suas características sendo um instrumento de fácil acesso à população de baixa renda, com pouca escolaridade e analfabetos, para transmitir as idéias do Governo e suas ações políticas.

Dessa maneira, “as rádios faziam com que as informações chegassem também às classes populares, o que levou Vargas a aumentar o número de estações de rádio e a implantar no interior do Brasil, em 1937, receptores com altos falantes em praças e vias de movimento”. (MAGER, 2001, p.07)

A ampla divulgação das informações oficiais do Governo estaria assegurada com as emissoras de rádio, que passaram a ser submetidas a Departamentos do Governo criados com a finalidade de controlar e manter a ideologia do Estado como dominante, atuando diretamente através da repressão dos conteúdos das programações e restrita liberação de concessões para a prática de radiodifusão.

No ano de 1946, a Constituição Federal mantém a proibição de concessões aos estrangeiros e sociedades anônimas, mas passa a permitir a utilização das telecomunicações por partidos políticos nacionais. Dessa maneira a proximidade dos meios de comunicação com a

política do país permanece, seguindo no viés dos favores políticos em troca de concessões de radiodifusão.

Em 1962, foi editada a lei 4.117 que institui o Código Brasileiro de Telecomunicações, sendo uma legislação específica para os meios de comunicações, mantendo “sob a competência da União a fiscalização, exploração e permissão do sistema de concessões” de rádios e emissoras de televisões no país. (MAGER, 2001, p.11)

Nos anos seguintes não ocorreram grandes mudanças em relação à legislação que vigora sobre o sistema de telecomunicações do país, prosseguindo os vínculos estabelecidos a partir de interesses políticos no sistema de telecomunicações. Somente em 1996 foi alterado o critério de concessões para radiodifusão através do decreto nº 2.018, determinando que as autorizações para novas emissoras de telecomunicações devem estar submetidas a um processo licitatório com divulgação pública de edital, o que transfere os critérios de concessão da política para a economia.

A política de concessões, inicialmente com foco político e posteriormente econômico, mantém o oligopólio das telecomunicações em poucos grupos que se tornam responsáveis pela restrita pluralidade de informações disponíveis para a população.

Esta falta de pluralidade, infelizmente, é o que mais se vê em território nacional: a concentração de poder nas mãos de poucos grupos que também participam da questão da propriedade cruzada”, tendo além de emissoras de rádio, televisão e jornais diários na mesma localidade territorial, anulando a participação popular na comunicação.
(MAGER, 2001, p. 28)

Algumas poucas emissoras concentravam o poder das telecomunicações em seu domínio, criando afiliadas de televisões para estarem presentes em todo território nacional. Dessa maneira,

as televisões passam a ocupar grande parte do território brasileiro, sendo utilizadas por significativa parcela da população, tornando-se responsáveis pelo surgimento de novos parâmetros sociais e realidades para os indivíduos.

Há uma convergência tecnológica no setor de comunicações, predominando as influências econômicas na concentração de propriedade, passando a possuir um reduzido número de empresas disputando o mercado da indústria das telecomunicações.

Desde o surgimento dos meios de comunicação e sistema de radiodifusão no Brasil, os interesses que estiveram presentes eram com ênfase em questões políticas e econômicas, transformando, dessa maneira, as informações em mercadorias. A “informação torna-se sinônimo de mercadoria, e sua superprodução esvazia-lhe de sentido, pois sua função principal é o consumo”. (MAZETTI, 2007, p.07)

2.2 Rádio comercial e rádio comunitária

Os meios de comunicação são utilizados como instrumentos para levar informações à população, onde os conteúdos são os mais variados possíveis de acordo com os interesses existentes pelos indivíduos que estão à frente dessas emissoras.

Porém, no sistema de radiodifusão existem, basicamente, algumas distinções que classificam as emissoras de acordo com seus objetivos e conteúdos, entre eles estão as rádios livres, rádios piratas, rádios comunitárias e rádios comerciais.

As rádios livres, piratas e, algumas, comunitárias se assemelham apenas por não possuírem concessão, ou seja, autorização do Estado para transmitir sua programação, porém diferem em seus objetivos e finalidades no ato de levar informação à população.

As rádios livres são aquelas que têm sua forma de organização centrada em coletivos de pessoas, sem o estabelecimento de estrutura hierárquica composta por diretorias ou presidências. Nestas rádios há a predominância de conteúdos alternativos na programação, com a presença de artistas e produções locais, não ocorrendo a veiculação de propagandas comerciais. Na maioria das rádios desse tipo, podem existir apenas apoios culturais para a sustentação da emissora, sendo que não há obrigatoriedade na divulgação dos apoiadores durante a programação.

As rádios piratas são aquelas que têm interesses comerciais e econômicos em sua estrutura, com um proprietário determinando a programação da emissora para se assemelhar à das mídias comerciais, com a presença de conteúdos massificados e veiculação de propagandas ou anúncios publicitários.

As rádios comunitárias são aquelas que, na maioria, atendem a demanda de produção cultural da localidade em que estão inseridas, com programação voltada para a região territorial que abrange suas transmissões, podendo possuir anúncios comerciais dos estabelecimentos locais.

As rádios comerciais possuem concessões de funcionamento e são aquelas que estão ligadas intimamente às demandas do mercado econômico, tendo como objetivo o lucro. A principal lógica que rege esses meios é o do capital, onde a informação transforma-se em mercadoria. Além dos interesses econômicos, as rádios comerciais têm o diferencial em potência de transmissor, o que gera um maior alcance territorial de transmissão da emissora.

Nesse caso serão analisadas apenas as rádios comunitárias e comerciais, onde as primeiras não possuem, na maioria dos casos, autorização do Estado para funcionamento.

As distinções entre rádio comercial e rádio comunitária são vistas, basicamente, a partir das maneiras como seus responsáveis encaram a transmissão de informações e, conseqüentemente, o envolvimento que os meios de comunicação devem estabelecer com a população.

Para Paulo Josué, Ferreira, Tuta, a rádio comunitária é aquela na qual o morador do bairro pode participar ativamente da programação.

Mas por outro lado eu vejo assim, de grande importância porque hoje o que essas grandes rádios [comerciais] oferecem pra população? Nada. Nem música. Não oferece nada. E as rádios comunitárias, elas vêm se superando justamente nisso, porque além da comunidade ter uma participação, ela se identifica principalmente com aquelas que estão dentro do bairro as pessoas conseguem se identificar. O locutor que é amigo dele, que anda na rua e que encontra a toda hora. Ele pode estar mandando seu próprio recado e sem contar com esta questão social que a rádio consegue fazer desde que ela esteja realmente organizada e queira fazer. Hoje tem rádio comunitária aí que está maior que a Educadora [rádio comercial da cidade de Campinas] já. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

Enquanto os meios comerciais são vistos por esses atores como ferramentas capazes de englobar a população geral, com produção cultural massificada e voltada para o mercado, as rádios comunitárias são vistas por eles como tendo a característica de dirigir seus discursos à população local com ênfase na produção cultural diferenciada, variando de acordo com a demanda das comunidades em que estão inseridas. Sabemos, entretanto, que esta visão é simplificada dicotômica e que, na realidade, as grandes emissoras comerciais também têm segmentado sua programação e também têm investido na interatividade, da mesma forma como várias emissoras comunitárias mantêm programações padronizadas e promovem interatividade muito semelhante àquela promovida pelas emissoras comerciais.

Para Wagner, locutor da rádio comunitária Bandeira Fm, a rádio comercial está atuando em busca do lucro, enquanto a comunitária visa atender a comunidade.

É complicado falar de comercial porque rádio comercial não tem um espaço aberto para o público, para a comunidade. E a rádio comunitária não, ela é do povo. Então aqui [na rádio comunitária Bandeira Fm] nós atendemos tanto por telefone ou se vier pessoalmente pessoas de qualquer grau, de qualquer gênero, sem discriminação nenhuma. E a rádio comercial não. Parece que ela trabalha só visando o lucro, quase não tem a participação do ouvinte. (Trecho de entrevista com o Wagner, locutor e secretário da rádio Bandeira Fm, 06/09/2006)

Alguns autores, como Bretch, por exemplo, citado em “Rádios livres: a reforma agrária no ar” de Arlindo Machado (1987), reiteram essa visão dicotômica, afirmando que o acesso da sociedade aos meios de comunicação deve ser ampliado, de tal forma que o rádio deve converter-se de um simples aparato de distribuição de informações a um amplo sistema de comunicação, transformando cada rádio receptor caseiro num transmissor por feed back (BRETCH apud MACHADO,1987, p.26) Assim, a figura do transmissor e do receptor deixariam de existir de forma isolada, estabelecendo-se um diálogo e não havendo, dessa maneira, um monopólio do discurso. E isso estaria sendo proporcionado hoje em dia apenas pelas rádios não comerciais.

Inicialmente, com o surgimento do sistema de radiodifusão, é estabelecido um processo em que aquele que controla a emissora é ativo na emissão de conteúdo e informações, onde sua visão é repassada para a população da maneira que essa seja reconhecida como informação oficial.

Nesse processo, a figura do ouvinte, a partir de alguns autores, é a do receptor e consumidor passivo, que não tem influências no conteúdo que lhe é transmitido pelos meios de comunicação, apenas assimilando as informações. A mídia é encarada como um ambiente de

consumo a partir de interesses capitalistas, porém, com a existência das rádios comunitárias ela passa a ser vista potencialmente como espaço de produção diversificado.

Nas rádios comunitárias, o fluxo de informações percorre um circuito que rompe o padrão em que os ouvintes são meros receptores do conteúdo transmitido pelas emissoras. Há o estabelecimento de uma consciência de pertencimento e, principalmente, uma nova forma de comunicação em que os papéis de emissores e receptores não são fixos, ou seja, os indivíduos transitam livremente entre estas duas situações. Assim, a população é vista como emissora em potencial participando de uma comunicação comunitária multifuncional e multidirecional.

As mídias poderiam ser utilizadas para a emancipação ao apostar em um programa descentralizado, capaz de fomentar a interação dos participantes do processo de comunicação, em que cada receptor se tornasse um emissor em potencial; em um movimento de mobilização das massas capaz também de gerar processos de aprendizagem política, assentado em iniciativas de produção coletiva de mídia, organizadas em auto-gestão. (ENZENSBERGER apud MAZETTI, 2007, p.05)

Para autores como esses, atualmente essa interação entre receptores e emissores também é possível, além das mídias comunitárias, no âmbito da internet, onde há um fluxo livre de informações a partir do acesso a este meio de comunicação. Mas é preciso pensar também na interatividade praticada pelas próprias rádios comerciais, da mesma forma como é preciso reconhecer o caráter muitas vezes padronizado da própria interatividade praticada por muitas das outras e pela própria internet.

A internet contribui como instrumento para o fortalecimento de manifestações que criticam a sociedade atual, principalmente por “sua capacidade de interatividade e de socializar o conhecimento” (MAZETTI, 2007, p.05)

Porém, para Douglas Kellner, “as gerações mais jovens e saturadas da atualidade não são críticas nem instruídas em relação à mídia” (KELLNER, 2001, p.425) Há a necessidade em aprender a usar não apenas as tecnologias da mídia, mas vê-la como modalidade de auto-expressão e ativismo social, onde a mídia torna-se instrumento de transformação social, com a tecnologia da informação cada vez mais acessível à população.

Tecnicamente não existe diferença entre o aparelho transmissor e o receptor, afinal “qualquer rádio-receptor transistorizado pode, pela própria natureza de sua tecnologia, atuar sobre outros rádio-receptores, sendo portanto um emissor em potencial”. (ENZENSBERGER apud MACHADO, 1987, p.27) Porém essa utilização ampliada dos meios de comunicação como transmissores populares não ocorre por interesses políticos evidentes no sistema de radiodifusão, que pretende monopolizar o discurso em apenas alguns indivíduos.

Dessa maneira, não é apenas a separação técnica entre receptores e emissores que reduz a massa de ouvintes à condição de receptores passivos e isolados, mas a forma institucional onde o Estado permanece proprietário das ondas radiofônicas. A forma econômica de distribuição de concessões com a definição de critérios “profissionais” para outorga do privilégio de autorização, com o estabelecimento de limite mínimo de potência para funcionar também contribui para esse modelo de comunicação baseado em indivíduos assumindo os papéis diferenciados de emissores e receptores de informações.

Apesar de haver uma imagem de polarização entre as rádios comunitárias e rádios comerciais, algumas afirmações apresentadas por todos esses autores são refutáveis a partir das observações gerais e da própria programação da rádio Bandeira Fm.

Tanto quanto ocorre nas rádios comunitárias, há uma segmentação na programação das rádios comerciais, com a participação popular através de ligações telefônicas e outras maneiras de interação com os locutores. Dessa maneira, a afirmação de que os ouvintes, principalmente o

público dos meios de comunicação comerciais, são espectadores passivos é contrariada pela realidade apresentada à população.

As rádios comunitárias também não são exatamente da maneira como os teóricos as apresentam, caracterizadas por serem o espaço onde a comunidade tem amplo acesso à comunicação e à participação na elaboração da grade de programação local. Nos programas apresentados pela rádio Bandeira Fm os ouvintes participam basicamente através de telefonemas, assim como ocorre nas rádios comerciais, não interferindo diretamente na programação da rádio, ou seja, não ocorre uma interatividade intensa entre ouvinte e locutor.

Apesar de ser considerada uma rádio comunitária, a rádio Bandeira Fm não estabelece uma interatividade com a população local a ponto de ocorrer interferência direta na grade de programação da rádio. Dessa maneira a interatividade entre ouvintes e locutores tanto nas rádios comunitárias quanto nas rádios comerciais se estabelece de maneira superficial, a partir da participação apenas com ligações telefônicas nos programas.

2.3. RÁDIO BANDEIRA FM

A cidade de Campinas possui uma grande variedade de rádios comunitárias distribuídas pelo seu espaço urbano, sejam elas com mensagens religiosas ou com o intuito de manifestar a diversidade da produção artística de cada localidade.

Diante desta diversidade de emissoras, para a escolha da rádio a ser pesquisada foram considerados alguns itens relevantes como a sua localização em um bairro periférico, que margeia uma das rodovias mais movimentadas de acesso à cidade; o alcance da rádio em mais de

100 bairros de Campinas; o seu caráter comunitário e local com a participação da população da região; a diversidade em sua grade de programação e a participação de integrantes do movimento hip hop, principalmente grupos de rap, em sua estrutura.

Tive conhecimento da existência da rádio Bandeira Fm a partir de meu contato e início de militância no movimento hip hop de Campinas em meados de 1999. Muitos integrantes de grupos de rap da região comentavam sobre esta rádio, sendo que alguns deles desenvolviam programas musicais semanais na rádio Bandeira Fm. Por sua ampla divulgação entre os militantes do movimento hip hop e possuir grande alcance territorial, busquei maiores informações sobre a rádio, o que me levou a definir esta como sendo o campo de investigação no âmbito desta pesquisa acadêmica.

No início, entrei em contato com duas pessoas que se mostrariam fundamentais para o andamento da pesquisa: Kapone, rapper, morador do Jardim Maria Rosa e locutor do programa Interior Paulista veiculado na rádio Bandeira Fm, e Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras, um dos fundadores da rádio e atual diretor de programação da rádio Bandeira Fm.

Kapone já era meu conhecido por compartilharmos vivências de militância no movimento hip hop de Campinas durante a existência da Posse Rima & Cia². Já Antônio Mendes me foi apresentado por ser um dos fundadores da rádio Bandeira, que prontamente se colocou à disposição para auxiliar na pesquisa e, principalmente, nos contatos com os outros locutores da rádio e moradores do bairro.

² A posse Rima & Cia existiu entre os finais dos anos 90 e começo de 2001 em Campinas, tendo como principal objetivo reunir os grupos de rap e militantes do hip hop de Campinas e região para realizar eventos de hip hop com caráter comunitário e social. Maiores informações sobre a posse Rima & Cia ver capítulo 3 com item sobre o movimento hip hop de Campinas.

Neste trajeto de pesquisa, outros personagens surgiram para complementar as informações sobre a rádio Bandeira, sendo eles: Paulo Josué Ferreira, rapper do grupo “DLN”³, morador do Jardim São José (bairro vizinho ao Jardim das Bandeiras) e ex-locutor da rádio Bandeira Fm; e Wagner Roberto Teixeira, também morador do Jardim São José, secretário e locutor da rádio Bandeira Fm.

Após esses primeiros contatos, agendei uma visita à rádio para, finalmente, conhecê-la fisicamente e iniciar a coleta de informações de campo.

A rádio Bandeira FM está localizada no Jardim das Bandeiras, periferia de Campinas, em uma área basicamente residencial. A rua em que está localizado o imóvel alugado para ser sede da rádio é perpendicular à alça de acesso à Rodovia Santos Dummont, estando próxima de alguns estabelecimentos comerciais como supermercado e banca de jornal, sendo que na mesma rua ainda estão presentes um vendedor de lanches e cachorro quente – que montou o comércio em sua própria residência – e uma Igreja Católica.

A rádio está instalada num imóvel residencial situado aos fundos de um terreno, que possui outra residência na frente. Nessa residência dos fundos em que foi instalada a rádio Bandeira Fm, há uma pequena varanda logo na entrada por onde se tem acesso às dependências do imóvel.

Ao entrar na casa, o primeiro cômodo com que nos deparamos é a cozinha, que está equipada com geladeira, pia, fogão e sofá. Atravessando a cozinha há o segundo ambiente da casa, onde estão instalados os armários de arquivos (com documentos da rádio), mesa para recepcionar os visitantes e um aparelho de telefone. Esse local é utilizado pelo secretário da rádio para administrar o expediente e atender o público que entra em contato com a rádio, seja pessoalmente, seja através de ligações telefônicas.

³ DLN é um grupo de rap de Campinas, cujo nome significa **D**efensores da **L**iberdade **N**egra.

Ao lado desta sala, no corredor de acesso ao estúdio, há um pequeno banheiro e, no final desse corredor, está o estúdio da rádio. A porta do estúdio permanece fechada para que o barulho externo não atrapalhe o andamento da realização dos programas, porém para comunicação e visualização do ambiente externo ao estúdio há uma janela de vidro na porta⁴.

Dentro do estúdio observo que seu tamanho é de aproximadamente 2 metros de comprimento por 3 metros de largura, com isolamento acústico confeccionado com caixas de ovos e espuma e, desta maneira, quem está na recepção da rádio não escuta o som que está dentro do estúdio. Nesse ambiente estão os aparelhos eletrônicos com uma mesa de som de 10 canais; aparelho de MD (aparelho de reprodução de áudio digital); microfone (apenas um, mas quando há necessidade de mais um microfone para entrevistas, o vizinho, que também é locutor da rádio Bandeira, empresta para prosseguir a programação) e caixas de som de retorno. Numa das paredes há uma estante com alguns cds do acervo da rádio, e na parede em frente e ao lado direito do locutor estão alguns recados da diretoria da rádio⁵.

Percebe-se pelos equipamentos utilizados e, também, pelo isolamento acústico confeccionado de maneira caseira, que as condições de infra-estrutura para realização dos programas na rádio Bandeira são simples, considerando os altos custos para aquisição de equipamentos eletrônicos de maneira a operar nas condições ideais para obter um produto musical de alta qualidade.

Na parede atrás da cadeira do locutor há uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, sendo que para quem entra no estúdio esta parede está na frente, ou seja, é o primeiro contato visual ao chegar ao estúdio. Também há um ventilador preso na parede que é o responsável pela ventilação

⁴ Anexo figura 2 – Entrada do estúdio da rádio Bandeira Fm

⁵ Anexo figura 3 – Kapone no estúdio da rádio Bandeira Fm

no local, visto que não existe nenhuma janela nesta sala. Embaixo do ventilador há um pequeno sofá (02 lugares) e uma cadeira para os convidados.

A rádio Bandeira Fm surgiu em meados de 1997, na frequência de 91,1 FM, quando alguns amigos, moradores do bairro Jardim das Bandeiras, decidiram desenvolver atividades próximas à comunidade tendo como principal instrumento a rádio comunitária. Os idealizadores da rádio tinham envolvimento com locução, animação de festas e sistemas de som, então resolveram utilizar essas suas habilidades em benefício dos moradores do bairro.

Eram os amigos Toninho (Toni Som), Antônio Mendes, Mazinho e Daniel. Todos eles eram moradores do bairro Jardim das Bandeiras ou adjacências e estavam envolvidos, de alguma maneira, com atividades comunitárias ou com a Pastoral da Juventude da Igreja Católica do bairro.

Toninho (Toni Som) era morador do Jardim das Bandeiras e trabalhava com propagandas de rua utilizando um carro de som. Além disso, também era conselheiro na Associação de Moradores do bairro. Mazinho pertencia ao grupo de jovens da pastoral da Igreja Católica local e era namorado da filha de Toninho (Toni Som). Daniel morava no Jardim São José, bairro vizinho ao Jardim das Bandeiras, e também estava envolvido com o grupo de jovens da pastoral da Igreja Católica local. Antônio Mendes era morador do Jardim das Bandeiras, onde tinha seu estabelecimento comercial (Vidraçaria Bandeira), trabalhava como animador de festas na comunidade e coordenava o grupo de jovens da pastoral da Igreja Católica do bairro.

É possível observar que a maioria dos envolvidos com o processo de criação da rádio Bandeira Fm participava da pastoral da juventude da Igreja Católica do bairro. A Igreja Católica, que no início dos anos 80 apresentou o movimento da Assembléia do Povo como forma de organização das periferias urbanas e reivindicação política, surge neste momento, na década de

90, com ações dos jovens das pastorais visando uma evangelização através da inserção cultural da população.

Nesse início, a rádio estava instalada no mesmo endereço em que atualmente se encontra, no Jardim das Bandeiras, porém na casa da frente do terreno, que era residência e ambiente de trabalho do Toninho (Toni Som). Porém, o espaço estava pequeno para as duas atividades e os amigos decidiram alugar a casa dos fundos para instalar a rádio Bandeira.

A turma falou: 'Tonho [Antônio Mendes], é o seguinte que está acontecendo: o Toninho tem que fazer as propagandas dele'. Porque ele mexia com propagandas e está faltando espaço. Aí o que vai fazer? [Toninho falou] 'Vamos alugar essa casa ao lado aqui pra gente montar a rádio. Aí a rádio fica independente e o meu estúdio fica normal pra trabalhar. Porque preciso ganhar meu dinheiro também'. Aí nos passou pra cá e continuamos [transmitindo a programação da rádio Bandeira Fm]. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Essa transferência de espaço da rádio Bandeira, retirando-a da residência particular de um dos seus fundadores, também pode ser vista como sendo a maneira encontrada pelo grupo para torná-la aberta e acessível à comunidade. Com isso, a rádio passaria de um espaço privado e restrito representado pela residência de um dos indivíduos criadores da rádio, para um ambiente neutro, tendo seu próprio espaço territorial, independente das atividades particulares de cada participante e, assim, atrairia maior participação da população local.

Nestas conversas iniciais para o surgimento da rádio Bandeira, as experiências individuais com atividades comunitárias no bairro foram ressaltadas por Antônio Mendes como fatores importantes para o envolvimento na rádio comunitária e, principalmente, a habilidade em locução e animação de festas adquirida por alguns participantes nesses eventos na comunidade.

Então, quem teve essa idéia de montar a rádio era o meu amigo muito querido, “Toni Som”. Ele, o Mazinho e o Daniel. Então ele falou: “Tonho, vamos montar uma rádio aqui?” Porque eu já faço um trabalho na comunidade aqui, eu já sou animador de festa. Aqui eu fico em cima do microfone, ali eu sempre faço animação da festa. Então os caras falou: “Então Tonho [Antônio Mendes], você já tem o dom mesmo com o microfone, então, quer dizer, você já encaixa na nossa equipe. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Assim, com o envolvimento de todos os idealizadores da rádio Bandeira Fm, decidiram que Antônio Mendes e Daniel seriam os principais responsáveis pela rádio por estarem desempregados, podendo dedicar um tempo maior às tarefas da emissora, já que Toni Som e Mazinho tinham empregos e não poderiam se envolver diretamente com as atividades diárias.

O Daniel está desempregado, você [Antônio Mendes] também está desempregado, então vamos trabalhar nós quatro juntos. Os meninos [Mazinho e Toni Som] têm o trio elétrico da Twister [carro de som que utilizam para fazer propagandas nas ruas da cidade], então a gente não vai ter tempo e quem vai comandar a rádio aqui vai ser só vocês dois [Daniel e Antônio Mendes]. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Após o surgimento da rádio, com o passar dos anos, a maioria dos seus idealizadores se afastou da rádio Bandeira Fm por motivos pessoais, alguns inclusive com a mudança de endereço residencial para bairros distantes ao Jardim das Bandeiras e região. Dentre esses fundadores iniciais da rádio Bandeira, apenas Antônio Mendes permanece até os dias atuais exercendo funções na rádio.

Antônio Mendes chegou do Paraná em 1988 para passar as festas de final de ano na casa de um amigo e decidiu permanecer em Campinas.

Eu vim do Paraná e nem conhecia Campinas. Pra falar a verdade nunca ouvi nem falar, nem pelo mapa. Eu vim aqui passar o Natal na casa de um amigo meu, no dia 24 de Dezembro de 88, e estou aqui até hoje. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

De acordo com Antônio Mendes, a cidade de Jandaia do Sul, onde nasceu e residia, estava ficando pequena para suas expectativas e, assim, decidiu fixar residência em Campinas, mais precisamente no Jardim das Bandeiras, para exercer seu ofício de vidraceiro no bairro, o que é seu emprego até o momento dessa pesquisa. Dessa maneira ele se instalou num bairro periférico de Campinas, como a maioria dos migrantes que chegaram nessa época na cidade.

Antônio Mendes tinha como modelo de radiodifusão uma emissora da cidade de Jandaia do Sul, com a qual teve contato antes de chegar a Campinas, tendo essa emissora o principal objetivo de ajudar a “população pobre” da região.

Eu conheci uma rádio lá no Paraná, em Jandaia [do Sul], que é a rádio Cidade Jandaia AM. Então o pessoal lá faz muito é campanha para ajudar a população pobre. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Então, quando foi convidado a participar da criação da rádio Bandeira FM, Antônio Mendes sugeriu para o grupo de amigos que a rádio comunitária do Jardim das Bandeiras também tivesse essa finalidade, como a rádio Cidade Jandaia Am, de utilidade pública para os moradores da região, afirmando que, caso contrário, ele não participaria dela.

Para o entrevistado, o objetivo da rádio comunitária que estava surgindo, deveria ser o de ajudar o bairro atuando de maneira assistencialista com a realização de campanhas com arrecadações de materiais a serem distribuídos para a população do bairro.

Eu falei: “Nós pode começar assim. Nós faz campanha ali.” A gente consegue cadeira de rodas. Consegue uns pacotes de leite. Consegue porque você tem um conhecimento, mais o meu conhecimento a gente vai longe. Porque você tá ligado que o pessoal aqui é muito carente. Aqui tem muitas pessoas doentes, então não tem condições de comprar. [Toni Som] falou: “É Tonho, se você estiver pensando assim...” (...) O objetivo da rádio tem que ser este. Porque se não, eu não vou nem entrar. Por que vou entrar para fazer o quê? Só para tocar música não dá certo. Aí ele [Toni Som] falou: “Vamos montar assim. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Dessa maneira a rádio surgiu com pequeno alcance, poucos equipamentos, sendo a maioria doada pelos próprios idealizadores da rádio e pela Igreja Católica do bairro, conforme relato do locutor Wagner, onde “cada um trouxe um aparelho, outro deu a mesa e parece que teve um pessoal da comunidade, da Igreja, que doou a antena.” Assim, seis locutores se revezavam na programação para que a rádio permanecesse com as transmissões de programas durante o dia e a noite sem interrupções.

A intenção dessas pessoas não era que a rádio tivesse um alcance territorial extenso, mas que fosse sintonizada nos bairros próximos ao Jardim das Bandeiras para atender a localidade em que estavam inseridos.

Não é para alcançar, não é para ter grandeza que tem hoje. Nós montou uma coisa pequena, para você ter uma idéia, a gente movimentava essa rádio 24 horas com seis locutores. Isso foi em 97. Então a gente montou ela com locutor pequeno. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Além dos fundadores da rádio, se aproximaram do grupo outros moradores do bairro que se interessaram em realizar programas na rádio Bandeira. Eram eles: Alencar, Pitrica, Martinha e Lea, todos moradores do Jardim das Bandeiras que desenvolviam trabalhos sociais na comunidade e pertenciam ao grupo de jovens da pastoral da Igreja Católica local; e Gilson Ribeiro, o único evangélico do grupo, que também morava no bairro Jardim das Bandeiras e atuava ativamente da comunidade participando da associação de moradores.

Nos relatos de Antônio Mendes, eram poucos locutores que se revezavam para manter a rádio em funcionamento todos os dias, porém, apesar dessa dificuldade, havia muito entusiasmo por parte de todos os envolvidos para prosseguir a realização de campanhas, através do intermédio da rádio, no bairro.

A rádio foi a maneira encontrada para aproximar essas pessoas dos moradores da região e a própria comunidade entre si, que desenvolvia campanhas para ajudar parte da população que necessitava, o que gerava grande empolgação para que os envolvidos permanecessem atuando com os meios de comunicação comunitários junto ao bairro.

Era eu, Daniel, o Mazinho, o Alencar, o Pitrica e o Gilson Ribeiro. Nós era em seis. Funcionava 24 horas. Eu entrava das 6 da manhã até as 10. O Daniel entrava das 10 as duas. O Gilson das duas as seis. Aí tinha uma hora de momento de fé, que era eu mesmo que fazia junto com a Martinha e a Léa, e depois o Mazinho, que era o Mazinho Flash, entrava das sete e ia até as dez. Aí entrava o Alencar das 10 a uma. Entrava o outro, o Pitrica, da uma as 6 da manhã. E era de 2ª a 2ª. Não tinha folga não. Falar para você, tinha dia que chegava aqui e não tinha nem o que falar mais. Mas a empolgação era tanta, que a gente sempre fazia campanha. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Durante os anos de existência da rádio ocorreram mudanças na grade de programação, porém, basicamente, sua estrutura permaneceu constante com a presença de programas musicais populares e momentos religiosos, além da freqüente prestação de serviços à comunidade.

Em Agosto de 2006, a grade de programação da rádio Bandeira Fm é distribuída de acordo com a tabela a seguir:

| | segunda-feira | terça-feira | quarta-feira | quinta-feira | sexta-feira | sábado | domingo |
|-------|--|--|--|--|--|---|---|
| 06:30 | | | | | | | Zeca Martins |
| 07:30 | “Show Musical”, com Nelson Lisboa, que realiza programa religioso. | “Show Musical”, com Nelson Lisboa, que realiza programa religioso. | “Show Musical”, com Nelson Lisboa, que realiza programa religioso. | “Show Musical”, com Nelson Lisboa, que realiza programa religioso. | “Show Musical”, com Nelson Lisboa, que realiza programa religioso. | | realiza programa com música sertaneja |
| 08:00 | | | | | | José Gonçalves realiza programa de música sertaneja. | |
| 09:30 | “Sertanejo” | “Sertanejo” | “Sertanejo” | “Sertanejo” | “Sertanejo” | | |
| 10:00 | Com Nelson Lisboa | “Salada Mista”, Melissa apresenta programa de música axé, black e pagode. | “Voz do povo direito do cidadão”, Jesuíno apresenta o programa que é um espaço aberto para a população reivindicar seus direitos. |
| 11:00 | “Toque de Amor”, com Wagner que apresenta músicas românticas | “Toque de Amor”, com Wagner que apresenta músicas românticas | “Toque de Amor”, com Wagner que apresenta músicas românticas | “Toque de Amor”, com Wagner que apresenta músicas românticas | “Toque de Amor”, com Wagner que apresenta músicas românticas | | Dimi e Rodrigo apresentam um programa com músicas reggae |

| | | | | | | | |
|-------|--|---|---|---|---|---|--|
| 12:30 | “Banha”, o | “Banha”, o | “Banha”, o | “Banha”, o | “Banha”, o | | |
| 13:00 | locutor toca | locutor toca | locutor toca | locutor toca | locutor toca | Marta e Flor | |
| 14:00 | pagode, axé, funk e black music | pagode, axé, funk e black music | pagode, axé, funk e black music | pagode, axé, funk e black music | pagode, axé, funk e black music | tocam pagode, sertanejo e música popular brasileira. | Coringa apresenta um programa com música axé, pagode e sertanejo. |
| 15:00 | “Tarde Alegre”, | “Tarde Alegre”, | “Tarde Alegre”, | “Tarde Alegre”, | “Tarde Alegre”, | “DJ Show”, | |
| 17:00 | com Wagner que toca música sertaneja. | com Wagner que toca música sertaneja. | com Wagner que toca música sertaneja. | com Wagner que toca música sertaneja. | com Wagner que toca música sertaneja. | Borrela apresenta o programa | |
| 18:00 | “Momento de fé” programa religioso (católico)onde alguns locutores revezam a apresentação | “Momento de fé” programa religioso onde alguns locutores revezam a apresentação | com rap nacional e internacional. | |
| 20:00 | Gilson Ribeiro apresenta programa religioso (evangélico) | “Interior Paulista”, Kapone apresenta programa com músicas de rap regional | | |
| 22:30 | | | | | | | |

A programação, durante a semana, é repetida todos os dias de segunda a sexta feira, ou seja, se o locutor tem um programa às segundas feiras num determinado horário, ele o apresentará

todos os dias até a sexta feira. Nos finais de semana a programação é diferenciada, pois participam apenas os locutores que não apresentaram programas durante a semana.

A programação da rádio Bandeira Fm tem início pelas manhãs de segunda à sexta feira com o programa “Show Musical”, do locutor Nelson Lisboa, que tem caráter religioso transmitindo mensagens de fé da Igreja Católica e hinos de louvor para os ouvintes. Na sequência, o mesmo locutor apresenta o programa “Sertanejo” com ênfase na divulgação de músicas desse estilo popular.

A partir das 11 h da manhã até as 12:30 h, Wagner apresenta o programa “Toque de Amor”, que, de acordo com o locutor, é “um programa romântico” para o horário de almoço das donas de casa do bairro, onde ele assume o nome artístico “Wagner Love”. Nesse programa, o locutor seleciona diversas músicas românticas dentro dos mais variados estilos, seguido de recados de amor para as ouvintes, que também ligam no programa para escolher as músicas a serem tocadas e as dedicam para seus respectivos companheiros.

Das 12:30h às 15 h o locutor Banha apresenta o “Programa do Banha” com músicas populares variando entre os estilos axé, pagode, funk e black music, sendo essas últimas consideradas pelo locutor as músicas negras norte americanas românticas como o rithm and blues.

O locutor Wagner retorna às 15 h com o programa “Tarde Alegre” apresentando músicas sertanejas, porém ressalta que o objetivo do programa não é apenas musical.

O programa tem esse nome, pois sua proposta é alegrar os ouvintes durante as tardes semanais e, para isso, o locutor utiliza uma linguagem bastante divertida com piadas e conversas descontraídas com os ouvintes que telefonam na rádio para participar do programa.

O meu programa da tarde é o sertanejo. É o Tarde Alegre só tocando músicas sertanejas ou música raiz se alguém pedir, mas a intenção é não só tocar música, mas ela tem a prestação de serviço, a utilidade pública e tem também a alegria do locutor, que é um jeito diferente que eu tenho de trabalhar, prá quê? Pra de repente fazer aquela pessoa que está triste, que está desanimada, com problemas, ela possa pelo menos três horas – das três as seis – dar um pouco de risada, descontrair. (Trecho de Entrevista com Wagner, locutor rádio Bandeira Fm, 23/09/2005)

Assim, de acordo com Wagner, seu programa tem como principal objetivo alegrar a população com o jeito descontraído que utiliza para apresentar o programa, contar histórias e anunciar as músicas sertanejas que estarão presentes na programação. Ele acredita que dessa maneira colabora para que seus ouvintes tenham momentos mais alegres durante o dia, ao menos no período em que estão escutando o programa “Tarde Alegre”.

Só alegria! Dá um bico aí na coisa ruim, na tristeza, na preguiça. Joga na lata do lixo. Wagnão ta gaguejando. É normal. Eu pra vocês até as seis, se Deus quiser. Só alegria com o Wagnão. Ta ruim, mas tá bom! (Trecho do programa Tarde Alegre, 23/09/2005)

A partir das 18h há uma hora de programação em que a rádio apresenta o programa “Momento de Fé” com representantes da Igreja Católica do bairro, onde são executadas músicas com essa temática e apresentadas reflexões de caráter religioso. Nesse programa não existe um locutor permanente, pois algumas pessoas revezam sua apresentação durante os dias da semana.

Após o “Momento de Fé”, às segundas feiras o apresentador Gilson Ribeiro realiza um programa evangélico, em que há uma ênfase nas músicas de louvor. Nos outros dias da semana, é realizado o programa “Interior Paulista” com o “melhor do rap regional”, nas palavras de seu apresentador Kapone, que será melhor analisado em capítulo posterior, encerrando a programação diária durante a semana da rádio Bandeira.

A programação durante a semana é predominantemente musical, com variações em estilos populares, o que apresenta a diversidade da demanda local, que também é expressa na existência de três programas religiosos na grade de programação, sendo dois com vínculos na Igreja Católica (Show Musical e Momento de Fé) e outro na Igreja Evangélica (Programa do Gilson Ribeiro).

A rádio Bandeira, desde seu surgimento estabelece relações com a Igreja Católica do bairro, e isso se explicita na existência de programas de caráter religioso na grade de programação. A Igreja Evangélica não é do bairro Jardim das Bandeiras e, por esse motivo, a relação estabelecida com a rádio comunitária do bairro é apenas através do locutor Gilson Ribeiro.

As igrejas estão presentes no cotidiano da rádio Bandeira Fm, tanto que existem programas específicos durante a programação semanal para as manifestações religiosas, porém esses vínculos não transformam a rádio em um aparato meramente religioso, mantendo independência em suas ações junto a comunidade.

A comunidade católica, que é a Nossa Senhora da Paz, do bairro aqui do Bandeira II, ela está sempre em acordo com a gente. Sempre apóia e nós também apoiamos eles, trabalhamos lado a lado. Agora quanto a outra Igreja Evangélica que é o programa do Gilson Ribeiro, aí já não temos tanto contato com eles, porque não é daqui (do Bairro).
(Trecho de Entrevista com Wagner, locutor rádio Bandeira Fm, 23/09/2005)

Apesar de haver além do programa católico um programa evangélico, alguns elementos no interior da rádio Bandeira Fm evidenciam um determinado privilégio da rádio aos programas de origem católica. Por exemplo, as imagens da Nossa Senhora Aparecida presentes dentro do estúdio são representações do catolicismo, além de ocorrer uma ênfase nos programas católicos

Momento de Fé e Show Musical que são exibidos diariamente, enquanto o programa evangélico do Gilson Ribeiro é veiculado apenas uma vez na semana.

Os programas realizados durante a semana não são apresentados aos finais de semana, então, dessa maneira, aos sábados a rádio Bandeira inicia sua programação às 8 h com o programa do José Gonçalves apresentando músicas sertanejas para a população do bairro. A partir das 10h a locutora Melissa apresenta o programa “Salada Mista” com estilos musicais variados entre o axé, pagode e música black.

Das 13 as 15 h ocorre o “Programa da Flor”, onde a própria Flor e a Marta apresentam músicas populares variando entre o axé, pagode, funk e black. Na seqüência, até as 20 h, o locutor Borrela apresenta o programa “DJ Show” com rap nacional e internacional, porém, ao contrário do Interior Paulista, os grupos apresentados no programa têm seus trabalhos produzidos em grandes estúdios e veiculados nos meios de comunicação comerciais.

Aos domingos, a rádio inicia sua programação às 06:30 h da manhã com o programa do Zeca Martins tocando música sertaneja até as 10 h, quando começa o programa “Voz do povo, direito do cidadão”.

No programa “Voz do povo, direito do cidadão”, o locutor Jesuíno estabelece um diálogo direto com a população do bairro que utiliza a rádio Bandeira para exercer sua cidadania através dos meios de comunicação. O povo busca informações sobre utilidade pública no bairro e reivindica melhorias de infra estrutura durante o programa.

Wagner explica o funcionamento do programa, onde “[Jesuíno] fala o que acontece no bairro, no pronto socorro”, sobre as melhorias ou os problemas do bairro, abrindo o espaço da “rádio para o povo ligar e fazer suas reclamações.” Para ele o programa é o elo com a população do bairro, que “é aberto só para o povo ligar e fazer sua reclamação.”

A partir das 11 h é apresentado o programa do Dimi e Rodrigo com músicas do estilo reggae até às 14h, quando começa o programa do Coringa, encerrando a programação dominical, com músicas do estilo axé, pagode e sertanejo.

Com a análise da grade de programação da rádio Bandeira Fm é possível notar que estão presentes vários programas musicais, predominando a música sertaneja e os ritmos populares como o axé e o pagode, que também são veiculados amplamente em outras rádios da cidade, sendo essa uma crítica de alguns entrevistados. Eles acreditam que a programação poderia seguir um estilo alternativo com músicas que não estão presentes nas outras emissoras, principalmente nas comerciais.

Muitos dos programas existentes na rádio Bandeira apresentam aquelas músicas que estão inseridas nas outras rádios da cidade e, para o Dj Dumbo, integrante do grupo de rap Fator Moral, a programação que passa nas estações de rádio são sempre as mesmas, independente de serem rádios comunitárias ou rádios comerciais.

Na boa, você ouve a rádio e é sempre a mesma coisa. Você bota na Nova FM [rádio comercial] e se você ouviu um dia no outro dia é a mesma coisa. Aí ouve a Antena 1 [rádio comercial] é a mesma coisa, até a Bandeira [rádio Bandeira Fm] é a mesma coisa. Não muda. (Trecho entrevista DJ Dumbo, grupo Fator Moral, 17/02/2006)

A maioria dos programas da rádio Bandeira Fm tem formato musical, com a participação dos ouvintes através de telefonemas ou visitas esporádicas à rádio. Além das músicas, que ocupam a maior parte dos programas, os locutores realizam momentos informativos sobre a comunidade e algumas propagandas comerciais de estabelecimentos locais.

Porém, um programa se destaca na grade de programação da rádio Bandeira Fm, o programa “Voz do povo espaço do cidadão”, que é definido pelo diretor de programação da rádio

Bandeira, Antônio Mendes, como o “espaço aberto para a população reivindicar seus direitos”, incentivando a atuação política dos moradores do bairro através da participação na rádio. Dentre os programas da rádio Bandeira Fm, apenas esse dedica seu tempo de duração exclusivamente para a participação da comunidade, que utiliza a rádio como maneira de expressar suas reclamações e reivindicações políticas.

2.3.1. Cidadania e atuação política

A população utiliza a rádio Bandeira como instrumento de acesso à cidadania, com a participação nos programas, não apenas escolhendo as músicas que serão executadas, ou seja, no âmbito cultural, mas também há a ênfase na participação política reivindicando melhorias no sistema de transportes, saúde, educação, moradia etc para os moradores do bairro.

Alguns meios de comunicação comunitários “têm o potencial de serem, ao mesmo tempo, parte de um processo de organização popular; canais carregados de conteúdos informativos e culturais e possibilitarem a prática de participação direta nos mecanismos de planejamento, produção de mensagens, programas e gestão da organização comunitária de comunicação.” (PERUZZO, 2004, p.70)

A partir dos anos 80, uma nova noção de cidadania passou a estar relacionada com a existência e experiência dos movimentos sociais no Brasil, estabelecendo uma conexão entre cultura e política para suas ações coletivas. Para Evelina Dagnino, “a nova cidadania busca implementar uma estratégia de construção democrática, de transformação social, que impõe um laço constitutivo entre cultura e política”. (DAGNINO, 2000, p. 85)

Nesse contexto, a nova cidadania “identifica construções culturais, como as subjacentes ao autoritarismo social, como alvos políticos fundamentais da democratização”. (DAGNINO, 2000, p. 85) Algumas ações culturais são identificadas como elementos de política que devem ser combatidos desde sua estrutura para implementar elementos hegemônicos para uma plena democracia na sociedade.

Essa nova cidadania pressupõe a transformação dos indivíduos em sujeitos sociais ativos, que agem com seus direitos lutando para serem reconhecidos enquanto cidadãos portadores de direitos. Assim, os sujeitos atuam “definindo o que consideram ser seus direitos e lutando para seu reconhecimento enquanto tais”, tendo como espaço de atuação todos os âmbitos sociais dos indivíduos, não estando restrito apenas ao espaço político reduzido aos partidos políticos. (DAGNINO, 2000, p. 87)

A nova cidadania é um projeto para uma nova sociabilidade: não somente a incorporação no sistema político em sentido estrito, mas um formato mais igualitário de relações sociais em todos os níveis, inclusive novas regras para viver em sociedade. (DAGNINO, 2000, p.88)

A ampliação do conceito de cidadania resulta em uma alteração no processo de construção social em que os indivíduos estabelecem contatos e vínculos entre si visando uma atuação ativa na busca de seus direitos. Assim:

Essa estratégia política implica uma reforma moral e intelectual: um processo de aprendizagem social, de construção de novos tipos de relações sociais, que requer, obviamente, a constituição de cidadãos como sujeitos sociais ativos. (DAGNINO, 2000, p. 89)

A população busca o acesso a essa nova cidadania através da participação nos meios de comunicação comunitários, desenvolvendo a expressão de diversas maneiras, inclusive cultural de cidadania ativa junto à sociedade.

Para Cicília Peruzzo, “a valorização do local e do comunitário na sociedade globalizada evidencia a busca pelo exercício da cidadania que está ao alcance de qualquer cidadão.” (PERUZZO, 2004, p.77)

A mídia e a cultura são transformadas em instrumentos de mudança social, e para isso ocorre uma maior atenção às mídias alternativas, que são refletidas popularmente no “modo como a tecnologia da mídia [é] reconfigurada e usada em favor das pessoas” (KELLNER, 2001, p.426)

Assim, esse acesso ao fluxo de informações caracteriza-se como fator essencial na busca da cidadania plena na sociedade democrática, onde “democracia implica acesso pleno a instrumentos de informação e comunicação” não apenas como indivíduos passivos e consumidores, mas como produtores de informações. (KELLNER, 2001, p.428)

Cicília Peruzzo (2004) define algumas características dos meios de comunicação comunitários, sendo estes uma “opção política de colocar os meios de comunicação a serviço dos interesses populares”, capazes de transmitirem “conteúdos a partir de novas fontes de informações”. Nesse caso a comunicação é encarada “mais que meios e mensagens, pois se realiza como parte de uma dinâmica de organização e mobilização social”. Nos meios de comunicação comunitários está presente a “proposta de transformação social e, ao mesmo tempo, de construção de uma sociedade mais justa”, abrindo a possibilidade de participação do cidadão de forma ativa atuando como protagonista do processo comunicacional. (PERUZZO, 2004, p. 50)

Os meios de comunicação comunitários são utilizados nas localidades como ferramentas para tornar as mídias politicamente atuantes, e contribuir para a atuação política da população

local. Na rádio Bandeira Fm, a participação popular no programa “A voz do povo espaço do cidadão” é um desses casos em que os indivíduos buscam transformações e desenvolvimento da cidadania plena através da atuação nos meios de comunicação comunitários. Entretanto, em programas como o Interior Paulista, voltado à divulgação da produção musical local e regional, pode-se entrever uma modalidade cultural de produção de cidadania, não de todo afastada da modalidade mais diretamente política, dados os vínculos políticos de seu idealizador e apresentador, conforme veremos a seguir.

De fato, para Canclini (1997), a atuação popular no âmbito da cultura substitui sua atuação no espaço político, constituindo-se essas em esferas distintas pelas quais os indivíduos transitariam alternadamente. Porém, tal afirmação pode ser contrariada quando analisada a participação dos locutores da rádio Bandeira Fm em alguns espaços de prática política juntamente com a atuação na rádio comunitária do bairro. Ocorre, dessa maneira, uma relação dinâmica entre cultura e política, onde as modalidades culturais são reconhecidas enquanto possibilidades de acesso à cidadania pela população.

Apesar dos atores aglutinados em torno da Rádio Bandeira em muitos momentos não se considerarem agentes políticos, estão atuando ativamente junto à comunidade e estabelecendo relações entre ela e vários segmentos e setores políticos da cidade, tais como a Prefeitura Municipal de Campinas, sobretudo via Secretaria Municipal de Saúde, as Pastorais da Igreja Católica e o movimento negro, por exemplo, além de estabelecerem links com o próprio Governo Federal, via Ministério da Saúde, e com o mundo, de alguma maneira, ao transmitirem notícias e comentários críticos retirados da Internet ao público ouvinte.

Na grade de programação da rádio Bandeira Fm, portanto, outros programas, além de “A voz do povo espaço do cidadão”, são representativos de modalidades ainda que culturais e/ou indiretas de atuação política. A principal distinção entre o programa “A voz do povo espaço do

cidadão” e o restante da programação está na maneira de atuação política exercida, pois o primeiro programa utiliza um modelo de atuação que foi predominante em determinado período histórico do bairro, qual seja, o momento de atuação na Assembléia do Povo, e os outros programas expressam a construção de uma cidadania cultural com vínculos com outros setores sociais.

No Jardim das Bandeiras, antes da existência da rádio comunitária Bandeira Fm, havia o registro da mobilização popular no âmbito político através da organização do movimento da Assembléia do Povo, com auxílio da Igreja Católica, na década de 80 em Campinas, quando ocorreu uma organização das periferias em torno de reivindicações de infra-estrutura básica para os bairros.

Neste período, além da mobilização política, a Igreja Católica iniciava a discussão sobre o papel dos meios de comunicação realizando, em 1981, o Congresso Brasileiro de Comunicação Social, organizado pela União Cristã Brasileira de Comunicação e pelas comunidades eclesiais de base, onde os meios de comunicação passam a ser vistos, pela Igreja Católica, como um instrumento com “potencial libertador através das possibilidades de utilização democrática” (ANDRIOTTI, 2004, p.53)

Passada à fase da Assembléia do Povo, a periferia encontra a necessidade de manter a organização entre os moradores dos bairros, de maneira a buscar melhorias para a região, então se reúnem através das associações de moradores e outras formas de mobilização social, como a rádio comunitária, para reivindicarem seus direitos.

A rádio Bandeira surge a partir do final da década de 90 com o intuito de incluir, principalmente através do viés cultural, a população local na produção dos meios de comunicações. Porém, a presença do programa “A voz do povo espaço do cidadão” retoma os ideais e objetivos que estavam presentes na década de 80, de inclusão política da população.

Assim, após mais de uma década do final das atividades da Assembléia do Povo, a população desenvolve um programa radiofônico nos modelos desse movimento de reivindicação e atuação política das periferias urbanas, com informações sobre as dificuldades dos bairros e de sua população.

A existência de um programa com caráter de participação popular e uma diversidade nos programas levou a população da região a se aproximar da rádio, passando a acompanhá-la em vários momentos, pois, além das transmissões diárias, os locutores participavam de diversas festas na comunidade tornando-se atração para o público que queria conhecê-los e presentear-los com cds de artistas que admiravam para tocar na programação.

O envolvimento da população no crescimento da rádio, com o fornecimento dos Cd's de artistas preferidos, também é uma maneira dos moradores encontrarem na rádio aquele conteúdo musical que estão acostumados a escutar em suas residências, ou seja, os indivíduos estão interferindo na produção de informações transmitidas pela emissora comunitária.

Antônio Mendes conta que apesar de ser conhecido no bairro, e ser referência na mobilização popular, muitas pessoas não sabiam que ele era o locutor do programa que a população escutava diariamente na rádio Bandeira Fm.

A gente fazia muita festa nas comunidades, nas paróquias, nas comunidades no nosso setor e a gente fazia muita animação. Então o pessoal [dizia]: “O pessoal da Rádio Bandeira vai vir aqui e tal”. Então, todo mundo já ia para querer conhecer nós. O negócio ficou muito famoso aqui. Os vizinhos aqui mesmo nem sabiam que era eu o Antônio Mendes que fazia o programa “Estrada da Vida”[programa com músicas sertanejas]. Os caras falou: “Nossa, você tem uma voz, hein”. Aí eu, pra você ver, eu tinha vergonha do microfone. Nossa, tinha um medo danado. Aí a gente começou daqui, começou dali. Aí começou a aparecer. Aí os cds, o povo mesmo que trazia os cds. Eles traziam o cd para nós começar a tocar aqui. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Esta proximidade com a comunidade é um dos principais objetivos da Bandeira Fm e, de acordo com Antônio Mendes, a rádio deve “ajudar a população”, desenvolvendo vínculos com a comunidade local para que esta se identifique não somente com a programação, mas, principalmente, com esse veículo de comunicação comunitário.

Mas aqui a rádio a gente tem os objetivos, sabe, de ajudar a população. Vamos supor, de repente, sumiu um papagaio seu e você liga na rádio: “Ô Antônio, sumiu o papagaio, tem como a gente anunciar?” Tem. A gente vai correr atrás. Você perde seu documento o pessoal vai ligar aqui: “Ô, perdi meu documento.” A gente vai correr atrás, vai conseguir os documentos. De repente tem uma família precisando de comida aqui em baixo. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

O bairro Jardim das Bandeiras é frequentemente atingido por enchentes quando o córrego que atravessa a região transborda nas épocas de intensas chuvas, atingindo a parte mais carente do bairro causando estragos em residências e, conseqüentemente, desabrigando pessoas. De acordo com Antônio Mendes, o bairro em si é humilde, mas o povo tem consciência de que deve ajudar aquela pessoa que está em condição menos favorável, e, dessa maneira, a comunidade atua em benefício da própria população do bairro com o auxílio e intermédio da rádio comunitária.

Tenho até gravado a campanha do ano passado. Aquela enchente que deu aqui na beirada do córrego, a gente conseguiu 1100 quilos de alimento num dia. Várias roupas, vários calçados. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Essa ação assistencialista de “ajudar” a população é uma característica da rádio Bandeira Fm que, de acordo com o entrevistado, não está presente nas rádios comerciais da cidade, pois, quando há a necessidade de ajudar as comunidades, as rádios comerciais não estão presentes.

A gente conseguiu coisas que, vai ver se o pessoal da Rádio Educadora [rádio comercial de Campinas], vê se o pessoal da Rádio Laser [rádio comercial de Campinas] vai fazer isso daí para a gente? Não vai. Jamais vai. Eu acho que é o seguinte: cada rádio, cada bairro tem sua dificuldade. Cada setor tem suas dificuldades, porque o pessoal só vê nós assim na manchete. Vamos supor, se é a região do São José, só tem ladrão, traficante, é PCC, só isso que eles vêem isso aí. Mas não vê que tem muito pessoal carente que precisa das coisas. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Para Armando Coelho Neto, os interesses das rádios comunitárias e das comerciais não são conflitantes, ou seja, cada qual atua em um determinado âmbito que não correspondem entre si, e “isto ocorre porque as emissoras menores exercem um papel de comunicação social ao qual as grandes rádios não poderiam se prestar.” (COELHO NETO, 2002, p.29)

Outra característica da rádio Bandeira é a “união” existente entre os participantes da rádio, pois, para Antônio Mendes, não existe remuneração ou interesses comerciais na rádio para atrapalhar a união entre os integrantes, além de estarem todos envolvidos na busca de estrutura para o funcionamento pleno e sustentação da emissora.

Essa rádio só é unida porque é o seguinte, ela só não tem parte financeira, só não rola um dinheiro. Os meninos falam que eu não gosto do progresso. O progresso é bom, mas a amizade é melhor ainda, porque eu já falei para os meninos quando começar a rolar dinheiro acaba a união. Falei: “Já passei por muitas experiências disso aí. Já comecei em firma pequena e quando cresceu, os primeiros a ser mandado embora era nós que estava lá desde pequeno, que ajudou a crescer. (Trecho de entrevista com Antônio

Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

2.3.2. Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência

A rádio Bandeira Fm surgiu em meados de 1997, porém apenas em Maio de 2000 que é oficializada com o surgimento da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, através da realização de assembléia geral com convocação da população interessada e, conseqüentemente, aprovação de estatuto nessa assembléia.

A organização da Associação e sua posterior oficialização foram necessárias para que a diretoria pudesse encaminhar a documentação para liberação da autorização de funcionamento da rádio comunitária no bairro, pois o Ministério das Comunicações só libera concessão de radiodifusão para aquelas fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos.

De acordo com o artigo 7º da Lei nº 9612, de 19 de Fevereiro de 1998, que regulamenta o serviço de Radiodifusão Comunitária:

são competentes para explorar o Serviço de Radiodifusão Comunitária as fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos, desde que legalmente instituídas e devidamente registradas, sediadas na área da comunidade para a qual pretendem prestar o serviço, e cujos dirigentes sejam brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos (Lei nº 9612/98)

Segundo a ata de constituição da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, a assembléia geral convocada para 17 de Maio de 2000 tinha como finalidade discutir e aprovar o projeto do estatuto social; constituição definitiva da sociedade; eleição da Diretoria, Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal; e outros assuntos relacionados à constituição e fundação dessa associação.

Segundo o estatuto que organiza a rádio, a Diretoria, o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal devem ser escolhidos pelos sócios contribuintes e sócios beneméritos da rádio. São considerados sócios todos aqueles indivíduos sem impedimentos legais que se interessem em associar a rádio, mediante preenchimento de formulário próprio e que “mantenham fiel obediência ao estatuto e deliberações da sociedade”⁶.

De acordo com o artigo 6º, ficam criadas duas categorias de sócios: sócios contribuintes, sendo que “são considerados sócios contribuintes quaisquer pessoas físicas ou jurídicas que contribuam mensalmente com qualquer importância por ele designada”, e sócio benemérito: “quaisquer pessoas físicas ou jurídicas que prestam ou tenham prestado relevante serviço à Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência e à coletividade”.

A “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência” é constituída pelas seguintes instâncias: I – Diretoria Executiva; II – Conselho Fiscal; III – Assembléia Geral e IV – Conselho Comunitário.

A Diretoria Executiva é eleita em Assembléia Geral para um período de dois anos, podendo ou não ser reeleita no todo ou parcialmente. É vedada a participação na Diretoria Executiva de membro que ocupe cargo eletivo que assegure imunidade parlamentar ou foro especial. Essa diretoria é composta pelos seguintes cargos de diretores: Presidente; Vice-

⁶ Artigo 5º - estatuto Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência.

Presidente; 1º Secretário; 2º Secretário; 1º Tesoureiro; 2º Tesoureiro; Diretor de Patrimônio e Diretor de Programação.

Além da Diretoria Executiva, a rádio é composta pelo Conselho Fiscal, Assembléia Geral e Conselho Comunitário, sendo este último constituído, no mínimo, por cinco representantes de entidades da comunidade local.

A gente tem o estatuto, que tem que dar uma renovada nele ainda, mas enquanto não muda, o Presidente é o Lúcio Rodrigues, o vice é o Maméde, aí entra o secretário que é o Wagner, que trabalha aqui também com a gente. Aí tem o Jesuíno que é tesoureiro, depois tem o pessoal do São José, da comunidade do Sou da Paz, várias da associação que são o pessoal do conselho. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Nesse momento de constituição da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, em 2000, o Conselho Comunitário era composto por representantes do conselho local de saúde do São José, sociedade beneficente amigos do bairro Jardim Nova Mercedes, associação de moradores do núcleo residencial do Jardim Nova América, associação do núcleo Irmãos Sigrist (FEPASA), comunidade São José operária e comunidade Nossa Senhora da Paz.

De acordo com Antônio Mendes, apesar de estar presente no estatuto a renovação da Diretoria a cada dois anos, após essa Assembléia inicial para constituição da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, não ocorreu outra para renovar os membros da Diretoria e Conselhos, permanecendo, até o momento dessa pesquisa, as mesmas pessoas compondo a Diretoria e as entidades no Conselho Comunitário.

O estatuto da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência” determina a organização e estruturação da rádio Bandeira através das assembleias deliberativas, porém, além

dessas, são realizadas reuniões mensais com os locutores para resolver questões cotidianas internas de funcionamento da rádio e prestação das contas mensais.

De acordo com Antônio Mendes, só ocorreu uma assembléia geral em todo o tempo de existência da rádio Bandeira, que foi justamente a que estabeleceu sua formação. Após isso, com o desinteresse e afastamento da maioria dos envolvidos no período de surgimento da rádio, inclusive membros da Diretoria, apenas foram realizadas reuniões mensais com os locutores para resolver questões referentes à dinâmica diária da rádio.

O morador do Jardim São José, Paulo Josué Ferreira, ex-locutor da rádio Bandeira Fm, deixou de participar da emissora quando percebeu que alguns dos envolvidos estavam vinculados a partidos políticos e em alguns momentos de dificuldade da rádio se afastavam do convívio da emissora.

Tinham algumas coisas que eu já não estava concordando. Por exemplo, o Lúcio, que sempre foi um cara ligado a um partido político, saiu candidato a vereador, e quando a rádio foi fechada ele “se jogou”, saiu fora porque disse que não podia se envolver. Aí todo mundo correu, conseguiu juntar. Aí o partido dele assumiu a prefeitura (PT) e ele conseguiu um cargo e tal, aí novamente a rádio foi fechada. Aí ele deixou claro que não ia se envolver por causa do cargo dele, né. Porque, senão pô, o cara que trabalha na prefeitura tá envolvido com rádio comunitária? E todo mundo pensava ao contrário, que ele era o cara que mais podia ajudar. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

A presença de alguns interesses políticos por parte de envolvidos com a rádio levou outras pessoas a se afastarem da Bandeira Fm, por não acreditarem na comunicação comunitária com envolvimento partidários.

De acordo com o estatuto, o artigo 20º determina que “nenhum membro da Diretoria será remunerado, para desempenho de suas funções e respectivas atribuições.” Assim, todos os

membros da diretoria da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, ou seja, da rádio Bandeira Fm são voluntários, bem como os locutores, existindo apenas um “funcionário” que recebe uma ajuda de custo para exercer as funções de secretário cuidando dos avisos internos, finanças e questões administrativas. O valor desta ajuda de custo é de 180 reais – aproximadamente meio salário mínimo – e uma cesta básica de alimentos por mês.

Então, todos aqui são voluntários, os locutores e a diretoria também. De verba ninguém ganha nada. A única coisa que a gente dá é uma ajuda para o Wagner, que ele é secretário, e outra, ele fica o dia inteiro aqui. Também tem problema de saúde e não pode trabalhar. A gente dá uma cesta básica para ele, acho que 180 reais para ele por mês para dar uma ajuda de custo para ele para ajudar a família dele, que ele tem uma menina de menor. Então isso dá uma força para ele. Quer dizer, nós não tem, mas tem que ajudar os outros. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Os locutores da rádio Bandeira Fm não recebem auxílio financeiro para realizar seus programas e, para colaborar com a manutenção dos equipamentos, devem buscar parcerias com comerciantes locais nos anúncios que serão veiculados durante a programação, e, além dessas propagandas, também colaboram mensalmente com taxa estabelecida pela diretoria da rádio, que é de 20 reais por mês (valor em meados de 2006). Dessa maneira, torna-se tarefa dos locutores a busca de sustentação financeira para a rádio, realizando parcerias com comércios locais na forma de propagandas através de vinhetas e anúncios na programação. Dessa maneira todos os locutores são responsáveis pela independência financeira da rádio, se envolvendo para desenvolver a sustentabilidade financeira da rádio comunitária.

No estúdio da rádio existem vários informes localizados na mesa dos equipamentos e nas paredes, com a finalidade de lembrar os locutores de fazer a divulgação dos anunciantes. Dois

cartazes fixados na parede ao lado dos equipamentos no estúdio, durante o período em que freqüentei a rádio, chamaram a atenção:

Cartaz 1.

“Apoios e vinhetas da rádio:

1. *Bandeira, Bandeira, Bandeira;*
2. *Casa de carnes Ki-Carnes Filho;*
3. *Vitória Rios;*
4. *Restaurante Yellow Red;*
5. *Academia Pantera;*
6. *Quase Tudo Mat. De Const.;*
7. *UBS Sucatas;*
8. *Peixe Vivo;*
9. *Tapeçaria do Marquinhos;*
10. *Lava jato Atamba;*
11. *32283183 – Bandeira;*
12. *Supermercados Bahia;*
13. *Sementes;*
14. *Vidraçaria Bandeira;*
15. *Anuncie aqui e faça bons negócios;*
16. *Auto Socorro 3 vias;*
17. *Supermercado Machado;*
18. *Se você quer ouvir o melhor não se engane, ouça Bandeira FM;*
19. *Neco Reciclagem;*

20. *Voz do povo, espaço do cidadão;*
21. *Graficolor;*
22. *Se você quer ouvir o melhor não se engane, ouça Bandeira FM;*
23. *Bar do Alemão;*
24. *Banca do Sr. José;*
25. *Rádio Bandeira FM; aqui a música não pára.”*

Cartaz 2.

“Srs. Locutores:

Por favor rodar em seus programas, o cd que se encontra sobre o aparelho, pois, é apoio novo e o cliente está nos ouvindo.

Está no mesmo CD: Quase tudo mat. de construção e Bar do Alemão.

A Direção”

Além destes informes contendo os nomes dos anunciantes, que devem ser lidos frequentemente pelos locutores, há um Cd com vinhetas, o qual deve ser executado por todos os locutores no momento em que fazem a transição dos programas. A cada uma hora de programação as vinhetas dos apoiadores devem ser divulgadas na rádio, ou seja, todos os programas devem fazer, ao menos uma vez, a apresentação das propagandas dos comércios locais. O único programa isento dessa obrigação é o Momento de Fé, programa religioso da Igreja Católica, que explicita novamente o privilégio concedido à programação católica da rádio Bandeira Fm.

O diretor de programação, Antônio Mendes, afirma que escuta a maioria dos programas para conferir se os anúncios são realizados no decorrer da programação da rádio Bandeira. Caso

não ocorra, na reunião mensal com os locutores há uma cobrança daqueles que não cumprem suas obrigações junto à rádio.

Toda a verba arrecadada com a taxa mensal entre os locutores e com os anunciantes é utilizada para custear os gastos com aluguel do imóvel, contas de água, luz e telefone, ajuda de custo para secretário etc. Apesar de constar no estatuto a contribuição dos sócios, de acordo com Antônio Mendes, isso não ocorre, pois a existência desses sócios está somente no estatuto não ocorrendo de fato, sendo que os próprios locutores devem buscar recursos financeiros para a rádio.

Fazemos [propagandas]. É uma propaganda para manter a rádio. Que nem, vamos supor, eu tenho o meu serviço e praticamente cada um tem o seu serviço. Mas tem gasto de água, de luz, de telefone, entendeu? Tem que comprar um café, um livro, um caderno, então tem gasto. O pessoal dá uma ajuda de custo. Eu mesmo tenho uma propaganda da [minha] vidraçaria [Vidraçaria Bandeira] (...) [Os locutores] ajudam também, eles dão 20 reais cada um [por mês]. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

As rádios comunitárias, diferente das rádios comerciais, atendem uma demanda muito específica da localidade territorial a qual estão situadas o que se reflete no tipo de propagandas que veiculam. Para Armando Coelho Neto, as rádios comunitárias atendem um “segmento que normalmente as grandes emissoras não se prestam a fazer”, sendo essas emissoras comunitárias totalmente integradas às comunidades. (COELHO NETO, 2002, p.28)

Desta maneira, os principais anunciantes da rádio Bandeira são comerciantes locais do Jardim das Bandeiras e Jardim São José (bairro vizinho), apesar do alcance da rádio se estender além dessa região para bairros próximos e outras periferias de Campinas.

As propagandas são criadas pelos próprios locutores da rádio Bandeira ou comerciantes locais falando sobre seus estabelecimentos comerciais que apóiam a emissora financeiramente. Não são propagandas criadas em estúdios especializados, mas produções caseiras e, muitas vezes, improvisadas durante o programa.

No programa Interior Paulista do dia 15 de Julho de 2005, o locutor Kapone faz propaganda do *Mercado Dia A Dia* (R. Rodolfo Gardelli, 38) no Jardim Bandeira II , anunciando o preço promocional de alguns produtos que estarão vigorando até o final de semana seguinte.

Quero falar do final de semana no supermercado Dia a dia aqui no São José. Imbatível os preços do leite Frutalat R\$1,09; Arroz Pileco 5 Kg R\$ 5,49; Sabão em pó Omo Multiação R\$ 4,98. Aproveita aí. (...) Aqui na Rua Rodolfo Gardeli, 38 no Jardim Bandeira II. (Trecho do programa Interior Paulista, 15/07/2005)

A importância das rádios comunitárias está além da alteração das formas de comunicação e busca da cidadania, pois está presente também na questão econômica, onde o comércio da região gera conseqüências de baixa nos preços de anúncios de propagandas locais estando restritos territorialmente ao alcance da transmissão da emissora. “O anúncio de uma padaria em Santana, na zona norte de São Paulo, por exemplo, não precisa ser divulgado no Jabaquara (zona sul) custando mais por isto. Numa rádio local, seu anúncio alcançaria exatamente o público-alvo e pagaria mais barato.” (COELHO NETO, 2002, p.28)

Assim, as propagandas dos comércios locais veiculadas nas rádios comunitárias estão limitadas ao alcance da transmissão e ao bairro em que estão instalados, tendo um custo de veiculação mais baixo do que se fossem transmitidas por uma rádio de alcance maior na cidade. Porém, o retorno financeiro para essa propaganda local é mais eficaz, visto que o público alvo do

estabelecimento comercial de bairro é a comunidade local e não os moradores de outros bairros, que dificilmente utilizarão seus serviços.

Atualmente a rádio Bandeira Fm está com um alcance maior do que o que tinha quando do seu surgimento. A combinação técnica de potência de transmissor, com 50 watts, e altura de antena situada a aproximadamente 30 metros do chão, estabelece o perímetro de alcance de transmissão da rádio.

De acordo com alguns locutores, e confirmado nas ligações de ouvintes de diversos bairros da cidade, o alcance da rádio Bandeira é de aproximadamente 150 bairros.

Assim, de distância assim eu não sei nem falar para você. Mas eu sei que pega mais de 150 bairros. Distância [territorial] assim eu não sei. Daqui ao Viracopos tem 12 quilômetros e pega lá. Você já vai lá no Campo Grande, porque os meninos ligam lá do Campo Grande. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

De acordo com Kapone, locutor do programa Interior Paulista da rádio Bandeira Fm, não é possível definir com exatidão o alcance ou público da rádio, mas de acordo com as ligações durante seu programa ou quando andam de carro pela cidade percebem que a transmissão tem um longo alcance territorial.

Há um alcance em bairros próximos como o São José e o próprio Jardim das Bandeiras, mas [a rádio] também pode ser sintonizada em bairros à margem da rodovia Santos Dummont como o Jardim Maria Rosa, Jardim Telesp, Parque Ozziel, região do DIC (Distrito Industrial de Campinas), Jardim Campo Belo, Jardim Fernanda, alguns bairros altos de Valinhos, centro de Campinas com algumas falhas [na transmissão], São Bernardo e outros bairros onde ouvintes ligam para pedir músicas e mandar recados. (Kapone, entrevista realizada durante o programa Interior Paulista em 02/05/05)

A partir de dados coletados pelas ligações de ouvintes recebidas nos programas da rádio Bandeira, a figura abaixo ilustra um estimado alcance territorial pela frequência da rádio, que é sintonizada por bairros da Administração Regional 11 (Jardim Eulina e Jardim Boa Vista), Administração Regional 04 (Jardim Guanabara), Administração Regional 01 (Centro), Administração Regional 09 (Vila Ipê), parte significativa da área de abrangência das Administrações Regionais 06, 07, 08, 12, 13 e 05. Sendo a Administração Regional 12, Administração Regional 13 e Administração Regional 06 as áreas mais populosas da cidade de Campinas, totalizando **486.205** habitantes nessas três últimas regiões, de acordo com dados do IBGE de 2000.

Dessa maneira, a rádio Bandeira abrange uma população superior a 486.025 habitantes no território de Campinas, porém não é possível evidenciar o número exato de ouvintes que estão escutando sua programação, pois não há um controle de quantidade de ligações ou qualquer outra forma de contabilizar essa audiência.

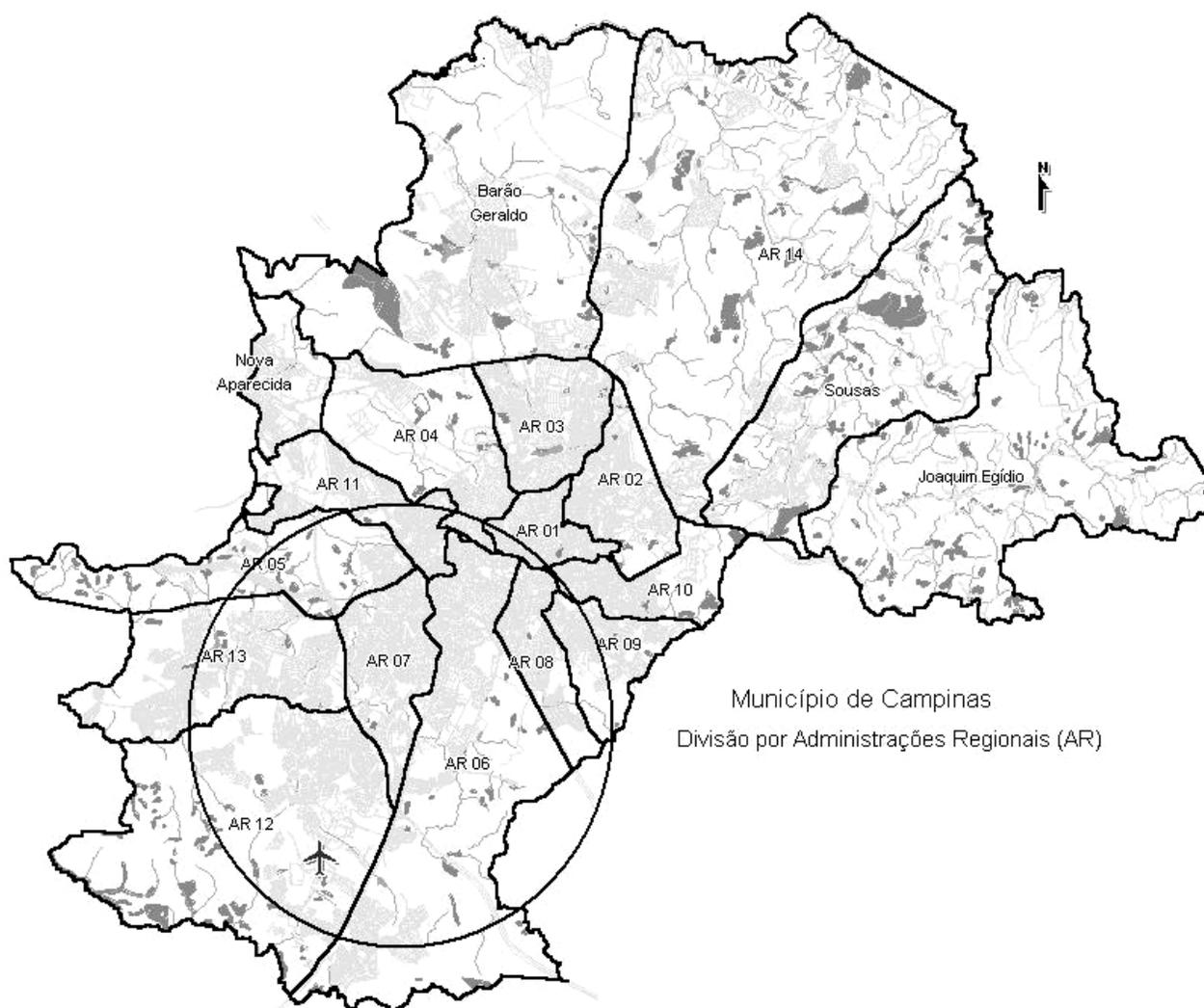


Figura 1: Área de suposto alcance da rádio Bandeira Fm

2.3.3. Legalidade e comunidade

Antes de iniciar a pesquisa eu nunca havia visitado a rádio, conhecendo-a apenas pelos comentários de amigos e conhecidos do movimento hip hop. Na primeira visita que fiz à rádio eu não consegui localizá-la pela descrição do caminho e indicações que recebi do diretor de

programação, Sr. Antônio Mendes, então decidi perguntar aos moradores locais, que transitavam pelas ruas naquele momento, onde eu encontraria a rádio Bandeira FM. Prontamente, para minha surpresa, os jovens abordados pelas perguntas me indicaram como chegar ao local onde está a rádio sem qualquer receio de que eu estivesse indo até lá para repreender a transmissão ou agir com qualquer outra forma de fiscalização. Desta maneira notei que a existência de uma rádio comunitária no bairro era de conhecimento e aprovação da população, que não tem receio de falar sobre ela.

Porém, apesar deste conhecimento público, a rádio Bandeira Fm é uma rádio que não possui concessão do Ministério das Telecomunicações para seu funcionamento e, desta maneira, está à margem da legalidade.

De acordo com o artigo 3º do estatuto da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência”, a legalização da rádio está atrelada à liberação de concessão de funcionamento junto ao Ministério das Telecomunicações.

“A associação terá como finalidade a exploração e instalação de serviço de radiodifusão sonora, com finalidade educativa, artística, cultural e informativa, respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família em benefício do desenvolvimento geral da comunidade do Jardim das Bandeiras e bairros adjacentes, mediante concessão, permissão ou autorização que lhe seja outorgada por ato do poder público competente para a exploração dos serviços de radiodifusão, exploração, esta sujeita de acordo com a legislação específica”.

Para adquirir concessão de radiodifusão comunitária, de acordo com a lei nº 9.612 de Fevereiro de 1998, as entidades interessadas deverão “dirigir petição ao Poder Concedente”, sendo que, de acordo com o art. 1º “denomina-se serviço de radiodifusão comunitária e radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita,

outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço”.

Armando Coelho Neto, em seu livro “Rádio comunitária não é crime” desenvolve ampla reflexão sobre o direito de comunicação pelas rádios comunitárias e o debate criminal que envolve essa temática. Para o autor, as rádios comunitárias fazem parte de “um dos mais legítimos movimentos populares que reivindica nada mais nada menos do que a liberdade de expressão”. (COELHO NETO, 2002, p. 23)

Todos os indivíduos têm direito à comunicação como expressão de sua plena cidadania, onde “o acesso à informação e os canais de expressão é um direito de cidadania”. (PERUZZO, 2004, p. 63)

A participação popular na comunicação é vista como estratégia para ampliar o status da cidadania do indivíduo, que atua diretamente na produção de informações para a sociedade. Desta maneira, “são os meios comunitários que mais potencializam a participação direta do cidadão na esfera pública comunicacional no Brasil contemporâneo”. (PERUZZO, 2004, p. 68)

Quando a população assume o direito à comunicação passando a executá-lo na prática, muitas rádios surgem operando sem “licença” dos órgãos responsáveis. Porém, em muitos momentos, há uma repressão a essas emissoras, que utilizam os mesmos argumentos que sustentam a prática da comunicação comunitária nos processos judiciais com o intuito de assegurar a continuidade das transmissões.

Essas entidades e associações de comunicação comunitária se utilizam da noção do direito de comunicação que as comunidades têm para exercerem, através do rádio, sua plena cidadania “em razão de estarem realizando um trabalho de desenvolvimento comunitário e de possuírem o direito constitucional à liberdade de expressão”. (PERUZZO, 2004, p. 62/63)

Analisando juridicamente vários aspectos que permeiam as leis de radiodifusão, alguns autores apontam para o afastamento da questão penal quando se trata de rádios comunitárias.

O artigo 70 da lei 4.117/62 efetivamente criminaliza a radiodifusão sem autorização, afirmando constituir-se em:

crime punível com pena de detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, aumentada da metade se houver dano à terceiro, a instalação ou utilização de equipamentos de telecomunicações, sem observância do disposto nessa lei e nos regulamentos. Parágrafo único. Precedente ao processo penal para os efeitos referidos neste artigo, será liminarmente procedida a busca e apreensão da estação ou aparelho ilegal. (COELHO NETO, 2002, p. 155)

E é baseando-se nessa lei que várias rádios comunitárias sem concessão são lacradas e impedidas de atuar no processo de comunicação pela Anatel. Porém, para Armando Coelho Neto, “sem prejuízo do importuno concurso policial, é também com base neste dispositivo [jurídico] que a Anatel, muitas vezes sem mandato judicial, vem dando ato-aplicação do parágrafo único.” (COELHO NETO, 2002, p. 155)

Dessa maneira, apesar de basear-se em uma legislação sobre radiodifusão, para esse autor não poderia ocorrer apreensão de equipamentos de rádios comunitárias por parte da Anatel sem autorização judicial. Para não ocorrer abusos nos atos aplicados pela agência de regulamentação de telecomunicações, Anatel, é necessária a compreensão dos limites da ação apenas fiscalizatória que possui. Há então uma ilegalidade quando um órgão responsável apenas pela fiscalização torna-se executor de repreensão em relação às rádios comunitárias.

Assim, na opinião do advogado tributarista Raul Haidar, é preciso esclarecer a separação entre atos de fiscalização ou, ao menos, tentar “estabelecer limites para a ação fiscalizatória”, que não é seguida pela Anatel quando se une à Polícia Federal para apreender equipamentos, lacrar

rádios, auto-aplicando, dessa maneira, o parágrafo único do artigo 70 da Lei 4.117/62. (HAIDAR apud COELHO NETO, 2002, p. 155) Quando ocorrem essas ações, pode-se considerar ilegal a ação de apreensão do órgão fiscalizador e, portanto, de alguma forma legítima a reação das emissoras contra essa apreensão.

Além da ação da Anatel, atuando na repressão às rádios comunitárias sem mandado judicial, outro elemento que pode ser contestado no quesito legalidade é a utilização da terminologia expressa na lei 4.117/62 quando se refere às telecomunicações. Armando Coelho Neto (2002) afirma que “quando se fala em telecomunicações, estaria sendo estabelecida uma relação de dois pólos, duas pessoas, para o qual serviria de exemplo o telefone, fax, pager, etc.” Assim, na legislação das telecomunicações “não há referência expressa à radiofonia, particularmente as de natureza comunitária, haveria dissonância na adequação penal da conduta tida como criminosa, àquele tipo penal.” (COELHO NETO, 2002, p. 156)

A terminologia aplicada permite um afastamento em relação à radiodifusão comunitária dando espaço para contestações no âmbito jurídico visando a permanência do funcionamento das rádios comunitárias.

Outro elemento que contesta as repreensões às rádios comunitárias é o fato da lei que regulamenta as telecomunicações apresentada anteriormente ser datada de 1962, sendo que o advento das rádios comunitárias corresponde aos anos 80 do mesmo século XX. É necessário “assinalar que as rádios comunitárias correspondem a um fato social que data de 1982, fruto inclusive da inovação tecnológica da frequência modulada, tendo em vista seus baixos custos”. (COELHO NETO, 2002, p. 157) Dessa maneira, o funcionamento das rádios comunitárias não poderia ser regido por uma legislação criada anteriormente à sua existência.

Assim, pelos fatos apresentados de acordo com a legalidade no estabelecimento e funcionamento das rádios comunitárias, utilizando elementos que definem sua atuação, alguns autores chegam a afirmar que não existe um crime em atuar com radiodifusão comunitária.

Todas as conjecturas sob o ponto de vista penal parecem endereçar para a inexistência de crime. Seja por falta de adequação da conduta do tipo, seja pela sua exclusão temporal, por ser fato inexistente quando do advento da lei datada de 1962, seja pela forma posterior como o tema foi disciplinado, é possível encontrar indicadores de que a norma envelhecida ao artigo 70 não pretendia contemplar o espectro eletromagnético de forma tão diminuta. (COELHO NETO, 2002, p. 157)

O diretor de programação, Antônio Mendes, explicou que já foram encaminhados os documentos para legalizar a rádio dentro da lei de concessões para rádios comunitárias, mas enquanto isto não ocorre a rádio Bandeira permanece funcionando normalmente, mantendo alguns cuidados de segurança.

A gente montou todo o estatuto, montou todos os documentos e já mandou para Brasília, e está até hoje lá esperando. Quer dizer, se você manda um documento e não vem a resposta, não vou ficar esperando ele chegar. [A gente] já mandou dois documentos para a ANATEL. [Um] para São Paulo [e outro] para Brasília, mas manda para a ANATEL e a ANATEL faz o quê? Tem que mandar para Brasília, e está lá esperando a boa vontade dos homens, você entendeu? E até lá a gente vai trabalhando. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Em primeiro momento nota-se que é estabelecida uma clandestinidade involuntária da rádio Bandeira Fm, pois apesar da documentação para legalização enquanto rádio comunitária já ter sido encaminhada aos órgãos responsáveis, há uma morosidade na avaliação e nos critérios para liberação de concessões que ainda não autorizou o funcionamento da emissora. O Ministério

das Telecomunicações libera uma quantidade de concessões restrita, proporcionalmente, ao número de rádios comunitárias existentes solicitando essa legalização, e, dessa maneira, a rádio Bandeira Fm permanece ilegal a partir da visão do Estado.

Muitas rádios comunitárias existentes no país atuam na ilegalidade e permanecem assim por questões ideológicas, mas a rádio Bandeira tem o desejo de tornar-se legalizada junto ao órgão regulador.

Porém, apesar desse desejo de legalização expresso no discurso de Antônio Mendes, com a criação da “Associação de Comunicação Bandeira e Adjacência” e de um estatuto próprio que regulamenta as ações locais da rádio Bandeira Fm, as ações tornam-se contraditórias, pois não houve um prosseguimento na organização em torno das Assembléias Gerais, manutenção da Diretoria e Conselho Comunitário através da eleição de seus membros.

A lentidão no processo burocrático para autorização de funcionamento da rádio comunitária teve como consequência um esvaziamento dos membros da Diretoria e conselhos da rádio Bandeira Fm.

Quando são informados por outros integrantes de rádios comunitárias da região, ou pela população local, de que a Polícia Federal está na região para lacrar e apreender equipamentos de rádios que operam sem concessões, os locutores da rádio Bandeira Fm a deixam fora do ar com receio de serem reprimidos pelas autoridades.

Durante o período de funcionamento da rádio ela já recebeu três visitas da Polícia Federal a pedido da ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações), que regulamenta e fiscaliza as concessões de radiodifusão, para que a rádio Bandeira FM fosse lacrada e os equipamentos apreendidos. Porém, nessas visitas encontrou a rádio fechada, sem transmissão da programação duas vezes.

Houve um dia, durante a pesquisa, que cheguei na rádio para acompanhar a programação no período da noite e encontrei o portão trancado e todas as luzes do imóvel apagadas. Tentei sintonizar a estação no rádio do carro, mas estava muda a sintonia da rádio Bandeira Fm. Estranhei o fato e permaneci no local aguardando a chegada do locutor do programa, porém este não chegou e alguns minutos depois o morador vizinho avisou que naquele dia a rádio permaneceria fechada pois a Polícia Federal estava na região, segundo boatos, com mandato para lacrar algumas rádios comunitárias e, entre elas, a rádio Bandeira Fm.

Mesmo com a preocupação de garantir a segurança dos locutores e equipamentos, mantendo a porta da rádio e portão do imóvel fechado nas transmissões, em 2004 durante a apresentação de um programa no período da tarde, a rádio foi lacrada e seus equipamentos apreendidos, conforme relato de Antônio Mendes.

De lacrar já vieram uma vez, já levaram todo o equipamento. Esse daí já é outro equipamento. (...) Não sei se foi no dia 13...dia 13 de Agosto do ano retrasado [2004] que eles estavam com o mandato de busca e apreensão e vieram aqui. (...)(Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

No episódio que conseguiu lacrar a emissora, a Polícia Federal chegou até o estúdio da rádio Bandeira, no Jardim das Bandeiras, em meados de 2004, com mandato de apreensão dos equipamentos, porém não entraram no imóvel porque o portão de acesso estava trancado. Quando o locutor do programa teve conhecimento da presença da Polícia Federal ele retornou para o interior do estúdio na intenção de pegar as chaves para abrir o portão, o que ocasionou um mal entendido que é relatado pelo Antônio Mendes:

O que aconteceu foi o seguinte: quando os caras, a polícia, chegou aqui aí...porque aqui fica fechado. Aí então o Banha [locutor da rádio] estava fazendo programa, só que ele subiu lá em cima [próximo ao portão] para ver o que os caras queriam, e voltou para buscar a chave para abrir o portão para eles. E a hora que ele voltou, os caras tinham pulado o muro. Aí colocou o revólver na cara dele, porque ele estava tentando entrar em contato comigo, né! Daí eu cheguei, o cara já falou: “Polícia. Nós tem um mandato de busca e apreensão e tal.” (...) Os caras chegou e falou: “Tá aqui, nós tem...” Eu falei: “Beleza. Se caiu a casa, caiu. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Nesse momento, além de apreender os equipamentos, a Polícia Federal também questionou Antônio Mendes sobre a existência de outras rádios na região.

[Os policiais falaram:] “Ô, você sabe de alguma rádio?” [Antônio Mendes falou:] “Eu não sei de nada”. Você entendeu? Eu falei: “Caiu a casa para nós. Caiu, nós tem que segurar e pronto. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Antônio Mendes conta que, após a apreensão dos equipamentos, a rádio Bandeira Fm entrou com recurso para tentar recuperar os materiais que foram levados do estúdio, porém sem grandes êxitos.

Levaram tudo os equipamentos. Inclusive a gente já está entrando com um recurso para ver se consegue os equipamentos, e até hoje ainda não tem retorno. Por causa disso que é ruim. Pô, eu acho o seguinte, se tá ilegal, tá ilegal. A lei é tal. Vai liberar [concessão]? Vai. Se não vai liberar, não vai liberar e pára todo mundo. Mas pára. Uma coisa justa. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Além de não reaver os equipamentos, a rádio Bandeira recebeu algumas intimações para seu representante comparecer à delegacia e entregar os equipamentos eletrônicos de transmissão. Mas, ele afirma que não havia mais equipamentos na rádio, uma vez que a própria Polícia Federal tinha levado na apreensão realizada na rádio.

Os caras mandou uma intimação e levou todos os equipamentos. Daqui a pouco vem outra intimação para a gente comparecer lá na Anatel, na Polícia Federal e levar todos os equipamentos. Aí eu cheguei lá e falei: “Olha, Doutor, é o seguinte, deve estar acontecendo alguma coisa errada.” [O representante da Polícia Federal falou:] “Por quê?” [Antônio Mendes respondeu:] “Porque eu tô com o mandato de busca e apreensão que o senhor assinou, os caras levou todos os equipamentos e está mandando outra intimação para nós, para nós mandar todos os equipamentos. Esse equipamento não chegou aqui?” [O representante da Polícia Federal falou:] “É, mas a gente precisa dar uma investigada direito”. É bom mesmo, porque como a gente vai levar todos os equipamentos? Aí outra intimação de novo. Olha, num mês eu fui lá umas 5 vezes. Porque as intimações vêm em nome da rádio Bandeira, qualquer um podia ir lá responder, entendeu? (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

De acordo com Antônio Mendes, os representantes da Polícia Federal que foram à rádio Bandeira não tinham a intenção de prender os responsáveis pela rádio, mas apenas tirá-la de funcionamento com a apreensão dos equipamentos.

Eu acho interessante uma coisa, e realmente o pessoal que veio aqui da Anatel, eles não queriam prender, mas igual eu falei para o menino lá: “Não adianta, se eu não fechar outro vai vir e vai fechar.” E outra coisa. Você também é pai de família, você tem seus filhos, você também tem que cumprir a lei, cumprir seu trabalho, porque não adianta passar a mão. Você também está certo. Se você veio para fechar, fecha mesmo. Inclusive o cara até falou para mim: “Pô Antônio, você não mudou nem de endereço?” (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Após este episódio, a Polícia Federal voltou à rádio Bandeira Fm com a intenção de fechá-la novamente, porém neste dia não havia locutores no local e os equipamentos de transmissão estavam desligados. Para Antônio Mendes, essa repressão e a tentativa de fechamento da rádio Bandeira Fm ocorrem porque há um grande reconhecimento da população tornando a rádio do bairro “famosa” em toda a cidade.

Eles vieram outra vez e estava tudo fechado. Aí nem entraram e foram embora. Mas por quê [ocorreu a repressão por parte da Anatel e Polícia Federal]? Porque a rádio Bandeira ficou muito famosa, e é o seguinte, quando você tem nome, tem fama, você vai longe. Todo mundo quer te derrubar. Entendeu? (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

A importância e influência da rádio Bandeira é, na opinião de Antônio Mendes, algo muito forte na comunidade e na região. Para ele, se a rádio ou seus locutores tivessem interesses na política partidária teriam grande êxito com a mobilização social que a rádio possui, através do apoio da comunidade.

E a sorte deles é que nenhum daqui se interessa por política. A sorte deles, porque se alguém se interessasse, nós ia longe. Nós ia longe e ninguém derrubava nós mais. Mas não é isso que a gente quer. A gente quer humilde, uma coisa simples que você trabalhe sossegado, honestamente, entendeu? Porque é o seguinte, a polícia, você mesmo sabe como funciona o sistema, se ladrão que é mais forte do que nós os caras se rendem para a polícia, porque nós vai bater de frente? Eles estão ali para cumprir a lei, o que é bom, ruim...se eles vieram para levar, vai fazer o quê? Tem mais que levar os equipamentos e pronto. Ainda falei para eles: “Da próxima vez vou abrir uma tevê comunitária”. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Porém, apesar da afirmação de que os locutores não possuem interesse político em atuar nos meios de comunicação, as observações a partir da rádio Bandeira Fm nos mostram que todos os locutores estabelecem vínculos políticos com diversos setores da sociedade, atuando como elos de diálogo entre esses setores e os cidadãos.

Além da evidente mobilização da população em torno de questões referentes à rádio Bandeira, na entrevista acima com Antônio Mendes fica explícito o interesse em desafiar as leis, principalmente quando cita que da próxima vez que a Anatel apreender os equipamentos de radiodifusão ele não montará uma rádio comunitária, mas uma televisão comunitária.

O que fica explícito é que apesar da falta de autorização e repressão do Governo para o funcionamento da rádio comunitária no bairro Jardim das Bandeiras, é estabelecida uma legitimidade da rádio por parte da comunidade local que a reconhece enquanto meio de comunicação comunitário.

Eu percebi assim que o pessoal é muito unido. Quando fecharam a rádio eu vi a participação mais ativa da comunidade, que fizeram abaixo assinado em questão de pouquíssimos dias. Tinha não sei quantas assinaturas lá, muita coisa. Onde você passava o pessoal assinava mesmo porque queria a rádio de volta. Aí eu comecei a entender que o pessoal participava, e tem o pessoal da Igreja, mesmo porque tem o programa da Igreja. Este pessoal se envolve bastante. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

O envolvimento da comunidade ocorre em vários momentos durante a existência da rádio Bandeira, pois na criação da rádio várias pessoas do bairro se envolveram para obter os equipamentos, e quando há a repressão da polícia em relação à irregularidade da rádio, os moradores estão presentes, unidos, para impedir essa ação e manter a rádio em funcionamento.

Em outros momentos, quando alguns indivíduos do próprio bairro necessitam auxílio, a comunidade também se prontifica a ajudar por intermédio da rádio Bandeira.

Os meios de comunicação comunitários estão “mais facilmente ao alcance do povo, se comparados com a grande mídia. Primeiro, porque se situam, num ambiente em que as pessoas vivem, conhecem a localização e podem se aproximar mais facilmente”. (PERUZZO, 2004, p.68) Um segundo aspecto que assegura o acesso da população aos meios de comunicação comunitários é “porque se trata de uma comunicação de proximidade”. A rádio comunitária tem como “fonte a realidade e os acontecimentos da própria localidade, além de dirigir-se às pessoas da 'comunidade', o que permite construir identificações culturais”. (PERUZZO, 2004, p.68)

Na visão de Antônio Mendes, a música não é o elemento principal da rádio comunitária, pois essa deve ter como objetivo levar informações para a população. Para ele, “ela não é só música, então ela tem prestação de serviço. Ela tem a parte social, e a gente também está sempre trabalhando”.

A música é o atrativo para que o público sintonize a rádio Bandeira, mas o objetivo principal de seus locutores é atuar em benefício da comunidade.

Por exemplo, a pessoa precisa de uma cadeira de roda, a pessoa precisa de uma muleta, de uma cesta básica. Isso vem gente todo dia pedindo... A música ela é apenas para você atender o ouvinte e não ficar falando a mesma coisa, mas na verdade o objetivo maior é trabalhar junto com a comunidade. Se pudéssemos atender todos os pedidos era um prazer, mas infelizmente às vezes não dá . A gente luta. A gente tenta, tiramos algum dinheiro do bolso para ajudar uma determinada pessoa com remédios ou alimentos. Quando a rádio não tem a gente se mobiliza e cada um dá um jeitinho...
(Trecho de entrevista com Wagner, locutor e secretário da rádio Bandeira, 06/09/2006)

Porém, apesar de Antônio Mendes acreditar que o assistencialismo é o principal para atrair o público da rádio Bandeira, a programação da emissora é amplamente musical, o que

reflete a demanda da população de seus ouvintes, que considera a música como atrativo principal para sintonizar essa rádio comunitária.

A comunicação comunitária é invisível nas grandes audiências, porém possui forças na comunidade em que está inserida e, desta maneira, “os meios comunitários se baseiam em demandas muito específicas, de acordo com a realidade de cada lugar ou movimento social em que esteja ligado”. (PERUZZO, 2004, p. 52)

Assim, a rádio comunitária está presente nos bairros e representa os interesses dos moradores daquela localidade referentes não só a infra-estrutura básica, mas também as demandas culturais específicas de determinada região.

Os meios de comunicação comunitários desenvolvem a participação ativa e democrática dos cidadãos e, principalmente, um sentido de pertença entre os indivíduos e a localidade em que estão estabelecidos.

Nesse contexto, “a comunicação comunitária que vem sendo gestada no contexto dos movimentos populares é produzida no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns”. (PERUZZO, 2004, p. 53)

O papel das rádios comunitárias para a maioria dos entrevistados é levar informações para o bairro e, principalmente, ser o elo de comunicação entre os moradores das periferias urbanas.

Eu vejo assim como de grande importância pelo fato das informações, né, que tem algumas coisas interessantes. (...) A comunidade termina participando nesta questão de ajuda, algumas coisas assim que eu acho de grande importância. Eles terminam fazendo um elo com a própria comunidade. (Trecho de entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José, 06/09/2006)

Para Antônio Mendes, a população local quando tem alguma necessidade material ou de informações procura a rádio Bandeira.

A gente ajudou o pessoal com câncer aqui. Nossa, a gente conseguiu uma cadeira de rodas para o menino que estava há muitos anos na cama, assim, sabe, no colchão d'água. Você vê o estado da pessoa, porque as vezes a gente vai lá para ver, para levar as coisas, para ver a pessoa. (...) Um tiozinho com câncer, assim, só tinha que tomar coisa com sonda. Tem mãe também que precisa muito daquele leite NAN [leite em pó] que custa 7 ou 8 reais. E todo o pessoal vem atrás de quem? Da rádio Bandeira. Têm os momentos bons também. Hoje é o dia do seu aniversário, do aniversário do seu marido, pô, você liga aqui e quer fazer uma homenagem. É na hora. Não tem esse negócio de amanhã ou depois. Já faz na hora, entendeu? (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

O papel das rádios comunitárias, para os entrevistados e freqüentadores da rádio Bandeira é criar um vínculo com a comunidade dos bairros para ajudar a população local.

Ah, o papel da rádio aqui, vou falar uma coisa para você, é ajudar. Não é só ajudar assim, em parte financeira para ajudar os outros. É ajudar mais na união. Você entendeu? Porque é o seguinte, vamos supor, todo mundo fala: “Ô, você trabalha na rádio, que legal. Como é que é a rádio? Como é que funciona?” A maior parte do pessoal aqui tá dentro da comunidade. Eu mesmo trabalhei na comunidade aqui. Fui coordenador do grupo de jovens(pastoral da Igreja) aqui faz dez anos. Então, o problema da rádio aqui é estar junto com a comunidade. Entendeu? Não é assim ficar, vamos supor, agitando greve, agitando isso. Não. O nosso negócio aqui é mais social. É ajudar, é estar no dia-a-dia com a comunidade. Você precisa de alguma coisa, você vem aqui, vamos supor, igual agora estou aqui. Daqui a pouco tenho que ir lá para a Igreja para dar uma força lá porque vai ter uma festa. (Trecho de entrevista com Antônio Mendes, morador do Jardim das Bandeiras e Diretor de Programação da rádio Bandeira Fm, 04/02/2006)

Capítulo 3: MOVIMENTO HIP HOP E RAP NO INTERIOR DA PERIFERIA

*“Em rara missão de paz em terreno em disputa,
Regendo essa orquestra de pensamentos loucos,
Usando um microfone de mão como batuta,
De casulo em casulo com apenas alguns centavos,
Dedo sujo espirrando, esse cara é biruta”
(Munhoz, “Clássicos”)*

3.1. Histórico do movimento Hip Hop

Hip hop, termo bastante presente atualmente nas grandes metrópoles, cidades interioranas, meios de comunicações, escolas, espaços acadêmicos, televisões, livros, academias de dança, nas rádios e outros ambientes, por vezes perde seu sentido original para ser reapropriado em um novo contexto.

Esta expressão surgiu originalmente em meados da década de 60 do século XX e significa “sacudir o quadril”, tendo sua tradução literal do termo inglês respectivamente como quadril e pulo, salto ou dança. O termo se referia inicialmente ao modo de dançar dos jovens freqüentadores dos eventos que surgiram nesta época, onde aos sons de músicas *black*, como por exemplo *funk*, *soul* e *rithm and blues*, a juventude se reunia para momentos de diversão nos bailes com a finalidade de “balançar o quadril”.

Num primeiro momento a juventude se encontrava por diversão e lazer unicamente. Porém, no contexto histórico e social em que estavam inseridos, questionamentos e reflexões sobre a atuação dos jovens na sociedade vieram à tona e, com o tempo, o termo *hip hop* deixou de estar relacionado apenas à diversão e tornou-se sinônimo de movimento de resistência e protesto. Um movimento popular de origem juvenil, com o intuito de reunir jovens, num primeiro momento os negros e hispânicos dos guetos norte-americanos, para através de manifestações artísticas protestarem, resistirem e reivindicarem seus direitos e inclusão social.

Eu vejo que [o hip hop] é uma saída para transformação social muito forte. De diminuir a desigualdade social, de diminuir a alienação, de diminuir a manipulação. (...) É um movimento para transformação. (...) Porque quem está fazendo o movimento hip hop tem o poder de levar informação para muitas pessoas. (Entrevista Tânia Ximenes, militante do movimento hip hop de Campinas e Mestre em Educação, 2001)

Para diversos autores, entre eles Pimentel e Guimarães, o movimento *hip hop* é originário dos guetos norte-americanos, principalmente do Bronx novaiorquino, no início dos anos 1970.

Nesse período não só a juventude, mas a sociedade norte-americana estava sob influência de diversas transformações econômicas, sociais e políticas mundiais. De acordo com Tricia Rose, “por toda América, as condições urbanas pós-industriais refletiram num complexo conjunto de forças globais que deram forma à metrópole urbana contemporânea”. (ROSE, 1997, p.195)

Nas décadas que sucedem os anos 70 até 1990 as sociedades passaram a um momento pós industrial, onde ocorreu um intenso processo de reestruturação econômica e transformação tecnológica, abrindo espaço para diversas mudanças sociais incluindo uma redução na área de empregos industriais em todo o mundo.

Neste contexto em que as “forças globais tiveram um impacto direto e sustentável sobre as estruturas da oferta de trabalho urbano e levaram às últimas conseqüências as já existentes formas de discriminação racial e de gênero”, (ROSE, 1997, p.195) os jovens negros e hispânicos dos guetos dos Estados Unidos decidiram manifestar suas insatisfações sociais, políticas e econômicas através da arte.

Alguns autores utilizam a definição de gueto como sendo aquele espaço geográfico em que há uma precariedade de serviços básicos e infra-estrutura, predominando a pobreza e desorganização social para seus habitantes, podendo comparar-se às periferias urbanas brasileiras. Porém, ao utilizarmos unicamente este “conceito encobre-se o fato de a população negra ter sido a única que vivenciou um processo de ‘guetização’ na sociedade norte americana”. (SUNEGA, 2001, p.09)

De acordo com Wacquant, “um gueto não é apenas uma entidade topográfica ou um agregado de famílias e indivíduos pobres, mas uma forma institucional, uma articulação espacial, historicamente determinada, de mecanismos de fechamento e controle étnico-racial”. (WACQUANT, 1996, p.147)

Dessa maneira, a exclusão espacial e social contribuiu significativamente para o surgimento das manifestações do movimento hip hop onde, “insatisfeitos com a situação de exclusão a que eram submetidos, alguns jovens do Bronx propuseram resistir a partir do resgate de sua auto-estima e de uma crítica sistematizada a sua condição sócioterritorial”. (ALVES, 2005, p. 10)

A pobreza e violência predominavam nos guetos, onde as gangues dos bairros atuavam em verdadeiras “guerras urbanas”. Porém, a juventude preocupada com a violência crescente

passou a se reunir nas ruas, com seus sound systems⁷ em suas block parties⁸, para expressar seus anseios.

O movimento hip hop entra em cena neste contexto para substituir a violência física das brigas de gangues com as “batalhas” artísticas, onde a dança, as artes plásticas e a rima são os principais elementos deste espetáculo.

O hip hop é representado por quatro elementos, sendo eles: o *MC* (Mestre de cerimônias) que é o responsável pelas rimas, ou seja, pelo canto falado; o *DJ* (disc jôquei), que através dos toca discos elabora a música instrumental para que o MC expresse suas letras; o *Graffiti*, que é o elemento visual gráfico, onde os artistas com as tintas e cores se manifestam nos mais distintos espaços urbanos e o *Break*, que é a dança de rua. Além destes quatro elementos, um quinto é usualmente citado e vale ser lembrado aqui, que é o “conhecimento”. Este elemento foi incorporado pela Zulu Nation⁹ e representa a consciência crítica que deve estar presente em toda a sociedade e, assim, nos outros elementos do hip hop, o que posteriormente incentivou a organização interna desse movimento com a criação das posses.

Cada elemento tem sua especificidade e importância no interior do movimento hip hop, porém devem existir enquanto conjunto.

Com a união do DJ e Mc temos o “Ritmo e a Poesia” – o RAP (Rhythm and poetry), com principal característica as letras compassadas no ritmo da base das músicas elaboradas pelos toca discos. Este elemento tem sua origem nos anos 50, na Jamaica, com o canto falado ritmado pelo reggae, onde os jovens expressavam nas letras as questões sociais vividas naquele momento.

⁷ Sound Systems é o nome dos equipamentos de som muito potentes que montados nas ruas eram utilizados na realização das festas nos bairros.

⁸ Block parties são as festas ocorridas nos quarteirões das periferias das cidades norte americanas em que estavam presentes todos os elementos do movimento hip hop – break, graffiti, mc e dj.

⁹ Organização criada pelo DJ África Bambaataa em 12 de Novembro de 1973 para desenvolver atividades educativas com os jovens do Bronx e, assim, propagar a ideologia do movimento hip hop. Um dos fundamentos da Zulu Nation é incorporar ao movimento hip hop o quinto elemento, que é o conhecimento. www.zulunation.com

De acordo com Hermano Viana, “no final dos anos 60, o DJ Kool-Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos ‘*sound systems*’ de Kingston”. (VIANA Apud PIMENTEL, 1997, p. 15) Após este contato inicial, a musicalidade do rap dispersou e se fortaleceu pelo país – e posteriormente pelo Mundo – com personalidades como Grandmaster Flash – o criador da técnica *scratch*¹⁰ -, Áfrika Bambaataa, que além de DJ fundou a Zulu Nation e o grupo de rap Sugar Hill Gang, que gravou o primeiro rap em disco LP (long play).

O break também surge na década de 60 inserido na realidade urbana das metrópoles. Elaine Nunes Andrade enfatiza isto ao afirmar que “cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos, ou então, a lembrança de um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas”. (ANDRADE Apud PIMENTEL, 1997, p.11/12) Assim, contrários a Guerra do Vietnã, os dançarinos se expressavam através dos movimentos. Por exemplo, o movimento conhecido como “giro de cabeça” pode ser interpretado como imitando os helicópteros da guerra, além de outras performances de dança que imitam os soldados mutilados.

O *graffiti*¹¹, presente também neste contexto dos guetos, surgiu inicialmente como assinaturas e nomes, conhecidos como tags, que os jovens espalhavam pelos bairros da cidade com a utilização do spray (tinta), para demarcar os territórios de cada grupo. “Em meados de 1970, começam a fazer suas tags em prédios públicos centrais, a fim de registrar o protesto contra a discriminação e a pobreza”. (FERREIRA, 2005, p. 06)

Os trens que percorriam as cidades também eram alvos para os graffiteiros, pois queriam que seus nomes estivessem presentes em todos os espaços, principalmente naqueles locais que

¹⁰ Técnica em que o Disc jôquei com o auxílio das mãos e dos toca discos empurra para frente e para trás os discos de vinil na vitrola, provocando uma sonoridade de arranhado nos discos.

¹¹ De acordo com Celso Gitahy, graffiti é o plural da palavra graffito, que vêm do italiano com as inscrições e desenhos utilizando utensílios pontiagudos ou pedaços de carvão nos desenhos das épocas antigas. “No singular, é usada para significar a técnica (pedaço de pintura no muro em claro ou escuro). No plural refere-se aos desenhos (os Graffiti do palácio de Pisa).” (GITAHY, Celso, 1999, p.13)

não eram acessíveis a estes indivíduos por conta de discriminação e exclusão social. Para Pablo Augusto Silva, “o grafite invadiu áreas nobres das grandes metrópoles em vários países numa espécie de ‘invasão simbólica’ dos grandes centros urbanos, deixando as marcas da periferia como um retrato da realidade social”. (SILVA, 2003, p. 11) As tags já não bastavam para eles, então as cores e desenhos foram incorporados a esta estética.

Os guetos eram ambientes marcados pela extrema violência e exclusão social, porém com a chegada do hip hop a esses espaços, se propagaram as competições através das “batalhas”¹² entre os grupos de jovens. Desta maneira, “o hip hop proporciona um campo estético onde a violência física e a agressão são traduzidos em formas simbólicas”. (SHUSTERMAN Apud GUIMARÃES, 1998, p. 161)

A disputa entre os jovens não estava mais no campo da violência física, mas na originalidade e improviso das manifestações artísticas e, assim, era definido quem era o melhor através da “batalha”. Os MC’s disputavam com as rimas improvisadas, os b. boys com a dança e os graffiteiros com a “invasão” dos espaços públicos centrais com suas assinaturas. “Em vez de brigar com as gangues inimigas, de outros bairros ou quarteirões, os jovens começaram a promover rachas de break. Ganhava a turma que ficasse mais tempo apresentando passos diferentes. Quanto mais acrobático e rápido, melhor”. (GUIMARÃES, 1998, p. 161)

Assim, pode-se afirmar que

o gueto, longe de ser des-organizado, organiza-se segundo princípios diferentes, que respondem a uma série de coações estruturais e estratégicas singulares que incidem sobre os enclaves urbanos racialmente estigmatizados de um modo que não ocorre em nenhum outro segmento do território norte-americano. (WACQUANT, 1996, p. 150)

¹² São chamadas de “batalhas” e “rachas” as competições de dança entre os breakers para escolha do melhor dançarino.

Após esta breve apresentação sobre as origens do movimento hip hop e seus elementos, é possível compreender porque um movimento de resistência e protesto como o hip hop surgiu destes territórios segregados e não nos bairros nobres ou centrais das cidades. Portanto, este “sacudir o quadril” também pode ser referência ao “jogo de cintura” que os jovens adquirem para sobrevivência numa sociedade excludente e discriminatória. (FERREIRA, 2005, p.01)

3.2. Hip Hop Brasil

*“O tempo foi passando, eu me adaptando,
aprendendo novas gírias, me malandreado,
observando a evolução radical de meus irmãos,
percebi o direito que temos como cidadão,
de dar importância a situação,
protestando para que achamos uma solução.
Por isso Black Power continua vivo,
só que de um jeito bem mais ofensivo,
seja dançando break, ou um DJ no scratch,
mesmo fazendo Graffiti, ou cantando RAP.”
(Thaíde e Dj Hum – “Sr. Tempo Bom”)*

Devido ao caráter de inclusão social, conforme vimos, o hip hop é originário nos guetos norte americanos, porém se disseminou pelo mundo e, principalmente, por suas periferias urbanas.

Através dos meios de comunicações, incluindo intercâmbio das músicas e dos filmes, a juventude mundial conheceu as intenções do movimento e pode se identificar com sua linguagem e conteúdo.

Nas palavras do rapper GOG, “com o [filme] ‘Beat Street’, a gente viu que o hip hop não é só a arte, era um estilo de vida”. (PIMENTEL, 1997, p. 23)

O hip hop no Brasil teve uma origem muito semelhante ao restante do Mundo, pois as periferias brasileiras têm os mesmos problemas de violência, desemprego, exclusão etc. que os bairros pobres em outras localidades do mundo. Dessa maneira, as principais dificuldades da juventude periférica brasileira eram semelhante às do restante do mundo.

As periferias urbanas são marcadas pelas dificuldades de acessibilidade e infra-estrutura para seus moradores. Assim, Milton Santos afirma que “em termos geográficos a periferia não será definida pela distância física entre um pólo e as zonas tributárias, mas antes em termos de acessibilidade”. (SANTOS Apud ALVES, 2005 : p. 12)

Além da precariedade na infra-estrutura, os bairros periféricos são deficientes em formas de lazer e entretenimento para a população.

Nos anos 80, a juventude paulistana encontrava-se nos bailes como forma de diversão e nesses locais os jovens tiveram os contatos iniciais com as músicas dos grupos de rap e vídeos clipes internacionais.

O break é o primeiro elemento a surgir nos bailes com a presença dos dançarinos, tendo um destaque para o Nelson Triunfo e sua equipe de dança, a Funk e Cia, que se apresentavam nas

casas noturnas paulistanas e durante o dia estavam nas ruas e praças centrais de São Paulo dançando para os transeuntes e trabalhadores locais.

Assim como nos Estados Unidos, os espaços públicos de praças e ruas eram os locais onde os jovens se encontravam para trocar informações sobre os estilos musicais e passos de dança. No Brasil, especificamente em São Paulo, a Estação de metrô São Bento foi o palco para que os b.boys¹³ desenvolvessem seus encontros aos finais de semana e aglutinassem ao seu redor os admiradores da cultura hip hop. Nesse “local várias equipes, das diversas regiões da cidade, encontravam-se para realizar alguns ‘rachas’ – que compreendiam a disputa, ou seja, a competição entre os grupos através da dança”. (SUNEGA, 2001, p. 11)

No início o espaço nas proximidades da Estação São Bento era utilizado quase que exclusivamente pelos dançarinos, porém atraídos pela novidade e musicalidade, além da aceitação da população local, os outros elementos do hip hop foram encontrando neste espaço seu ponto de encontro.

A partir do encontro de todos os elementos na Estação São Bento, o movimento hip hop se expandiu para outras regiões da cidade e do Estado de São Paulo.

3.3. Campinas no ar

“Interior.

Campinas, quebrada.

1999. Uma cartada certa no ar.

¹³ B. boys e B. girls são os nomes utilizados para designar os dançarinos de break, respectivamente os meninos e as meninas.

Cenário musical estilo original.

Mensagens positivas, idéias construtivas.

É rap nacional. (...)

Campinas no ar.”

(DLN – Defensores da Liberdade Negra – “Campinas no ar”)

Em Campinas o movimento hip hop também surgiu no início dos anos 80, a partir do elemento break nos bailes e, posteriormente, ocupou os espaços públicos centrais da cidade. Os b. boys se encontravam no Largo do Rosário¹⁴ e Bosque dos Jequitibás¹⁵ para dançar, apesar das dificuldades com as “manobras” no chão áspero - tendo como solução forrar o calçamento da praça com papelão para deslizar melhor - e com a repressão da polícia, que constantemente expulsava os dançarinos do local. Por estarem em um ambiente central da cidade, ao redor de diversos comércios e lojas, atraíam muitos curiosos com aquelas danças “robóticas”, encantando os transeuntes com a apresentação.

Comecei a freqüentar bailes, na época até escondido da minha mãe. Tinha que pular a janela, saía escondido e comecei na época que era soul, funk, que eram paradas completamente diferentes, mas que eu gostava muito. Não sabia dançar não, mas eu gostava de ir lá para ver o pessoal. Só que na seqüência começou a vir aquele break, aquele negócio e eu me envolvi. Me envolvi de lá pra cá, logo na seqüência começaram a surgir os primeiros rappers, e na época fiz meu primeiro rap e até participei de uma coletânea. (Entrevista com Paulo Josué Ferreira, Tuta, morador do Jardim São José e rapper do grupo DLN, 2001)

¹⁴ Praça Visconde de Indaiatuba – Centro Campinas.

¹⁵ Localizada na Rua Coronel Quirino, região central de Campinas.

Para Cristiano Alves, “os jovens dançarinos passavam a executar suas primeiras evoluções, como o moinho de vento e giro de cabeça”, chamando “a atenção da população que parava para vê-los dançar, e da polícia, que mediante qualquer reclamação da vizinhança os reprimia com violência”. (ALVES, 2005, p.61)

Mesmo sem ter muito conhecimento de que a dança que realizavam fazia parte de um contexto com outros elementos, os breakers dançavam influenciados, principalmente, pelo ritmo das músicas de estilo funk e soul e pelos vídeos, como já foi citado o filme Beat Street. Para Tânia Ximenes Ferreira, “o principal incentivador deste envolvimento dos breakers foi o filme Beat Street. (...) Nele a dança está unida ao rap e ao graffiti e estas manifestações estão permeadas pela crítica econômica, política e social, apresentando o conjunto denominado hip hop”. (FERREIRA, 2005, p. 19)

Muitos integrantes do movimento hip hop que atualmente desenvolvem o elemento rap tiveram o contato inicial com a cultura a partir dos bailes e, principalmente, do break, como é possível ver no trecho da entrevista a seguir:

Meu interesse pelo hip hop foi (...) desde o soul, do funk, e quando a gente vê a gente acaba no meio. Em [19]84, [19]85 eu já estava dançando, criando os primeiros passos de break, embora eu não conhecesse enquanto movimento hip hop. Até porque acaba chegando aqui no Brasil de uma forma bem estética. Não chegava assim a nível de informação para estar gerando esta informação toda. (Entrevista com Dr. Sinistro, rapper do grupo Inimigos do Sistema, 2001)

Em meados de 1988 era realizado nas tardes de domingo na Avenida Aquidabã o evento “Hot Sunday”, em que a avenida era interditada para o trânsito de veículos e equipamentos de som instalados para entreter os jovens, crianças e famílias que transitassem no local. Porém, após algumas edições, surgiram problemas em relação à utilização do espaço público para a realização

do evento, pois moradores locais não estavam satisfeitos com o som e o barulho proporcionado pelo evento na região. Então, os membros do hip hop deixaram de ter como ponto de encontro para se reunirem o evento “Hot Sunday” e passaram a se encontrar nas ruas do centro da cidade, em frente aos comércios e, posteriormente, nas festas e bailes organizados pelos “baileiros”¹⁶ da cidade.

Desta maneira, até os finais dos anos 80 as ruas e os bailes eram as principais formas de lazer e convívio entre os jovens hip hoppers, que os utilizavam para dançar, cantar e graffitar.

Nos anos 90 o hip hop campineiro passou por um processo de transformação na ocupação dos espaços urbanos, pois sua participação não estava mais concentrada nas ruas, com as rodas de break, conversas etc., mas nas casas noturnas, onde empresários organizavam shows destinados a este público jovem com apresentações de grupos de rap e de pagode na mesma noite. Nesta época, a principal casa de shows da cidade era o Nifama, localizada na região central da cidade.

A gente se encontrava nas Pernambucanas [Rua 13 de Maio], mas não existe mais. A gente se encontrava nas Pernambucanas, conversava aos sábados, aí não existe mais isso. (Trecho de entrevista com Lajara, militante do movimento hip hop, 2001)

Foi neste período, em que o movimento hip hop estava nacionalmente conhecido devido a grupos de rap como Racionais Mc’s, DMN e outros, que dezenas de novos grupos surgiram na cidade de Campinas. Os jovens com suas angústia e necessidade de expressar suas reivindicações criavam grupos musicais.

¹⁶ “Expressão utilizada pelos membros do hip hop para definir aqueles empresários que faziam os famosos bailes em Campinas, em que as principais atrações eram os grupos de rap ou samba. Esses empresários só mantinham um vínculo ‘comercial’ com o movimento hip hop, ou seja, permaneciam organizando festas de hip hop até o momento que era lucrável realizar eventos deste tipo na cidade, Mas, a partir do momento que outro ritmo tornava-se moda, eles abandonavam os bailes de rap para dedicarem-se a outros tipos de baile”. (SUNEGA,2001, p. 18)

No caso de Jamaica, jovem rapper do grupo Elementos Mc's, seu contato com o movimento hip hop , principalmente com o rap, foi através das letras das músicas de grupos conhecidos nacionalmente .

Aí eu comecei me identificando com as letras, tal, gostava, gosto muito de GOG [cantor de rap de Brasília]. Escutava GOG, aí apareceu, veio Racionais.[...] Sistema Negro. Tenho um som deles na fita. Incrível. Era “Mister Rap” que passava na época, eu lembro. Aí ficava lá escutando e a gente ficava rimando em cima. Por exemplo estava escutando uma música que eu ainda lembro que a gente gostava bastante da instrumental do “Pânico na Zona Sul” do Racionais. Tocava e ficava rimando, brincando. Aí ele falava que eu tinha jeito para cantar, que eu escrevia. Eu tenho acho que uns quatro ou cinco poemas no livro de uma professora minha, que ela gostou, mas era tudo brincando falando de...sei lá, nem sei se era metáfora. Alguma coisa assim meio que sem sentido, mas que eu gostava por causa das rimas. Então eu já rimava, quando apareceu o Elementos, que era Elementos do Rap na época. (Trecho de entrevista com o rapper Jamaica, do grupo Elementos Mc's, 18/02/2006)

Os integrantes do grupo campineiro Fator Moral também descrevem como foi esse contato inicial com o hip hop e como se interessaram em ingressar no rap.

Ah, meu primeiro contato com o rap foi aqui na rua. Tinha uns caras que ficavam ouvindo um som aqui, aí eu fiquei ouvindo. Tipo assim, ouvindo a galera. Todo mundo aqui ouvia rap, todo mundo da periferia ouve. (Trecho de entrevista com DJ Dumbo do grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Eu cresci ouvindo rap. Sou de 78, o mais tiozinho da banda. Então nos anos 80, quando foi a minha infância, eu cresci ouvindo Thaíde, Racionais, eu ouvi várias coisas americanas também e eu sempre escrevi. Péssimo, mas eu sempre escrevi, sempre tentei escrever e eu tentei fazer outras coisas na vida e vi que o caminho, a única coisa que eu gosto de fazer é isso mesmo. (Trecho de entrevista com Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, 17/02/ 2006)

Porém eram poucas as casas noturnas que tinham suas programações voltadas para este público e, assim, a oferta de grupos para apresentações era maior do que os espaços para ocorrerem eventos de hip hop. Algumas pessoas que participavam de grupos de rap locais sentiram a necessidade de organizar o movimento hip hop campineiro e, de acordo com entrevistas, estas conversas ocorreram nas filas de entrada dos próprios bailes.

A gente (...) se viu nos bailes e a gente se falava nos bailes. A gente se falava pra organizar o movimento, nas filas de entrada. Começou tudo no ImperaSamba [Casa noturna que existiu entre os anos 96 e 99 em Campinas que realizava shows de rap] ...a gente ficava conversando. (Trecho de entrevista com Lajara, militante do movimento hip hop, 2001)

Assim, a partir dessa necessidade de organização do movimento hip hop, entre os anos 1997 e 1998, surgiu em Campinas a posse Rima & Cia. Essa posse tinha como finalidade estabelecer contato entre os militantes do movimento hip hop de Campinas e região, principalmente entre os rappers, e fortalecer esta organização para que pudessem realizar seus próprios eventos, visto que a partir do momento em que os “baileiros” não consideravam o hip hop lucrativo abandonaram os eventos na cidade.

Quando passou a não ser mais interessante para as equipes de som fazerem bailes do movimento hip hop, que começou a interessar mais o pagode, e eles começaram a se mobilizar mais para este lado, a cidade ficou parada. Porque os membros do hip hop não estavam organizados para andar com as próprias pernas, dependiam dos baileiros. Quando não foi mais interessante saíram, deixaram a cidade, deixaram o movimento e a coisa ficou meio desorganizada. (Trecho de entrevista com Lajara, militante do movimento hip hop, 2001)

Além da posse, que estabelecia o contato entre os militantes do movimento hip hop nos eventos da cidade, existia um vereador local que apoiava a existência de um hip hop organizado na região, colaborando em parceria com a Rima & Cia para realização de eventos e cedendo o espaço físico de seu escritório para reuniões dos elementos.

Sobre o envolvimento do movimento hip hop e da Posse Rima & Cia com partidos políticos, um entrevistado afirma que

ela [a posse] é bem apartidária. Não mistura o partido com a Posse. Cada um tem a sua demanda. A nossa relação veio através de um candidato que fazia um trabalho e chamava certo grupo para se apresentar, mas aí a coisa ficou superficial. A coisa [o vínculo] se deu mesmo foi quando o vereador Tiãozinho [PT – Partido dos Trabalhadores] realizou o Rap em Trânsito em [19]97 e chamou alguns grupos para estar discutindo. (...) Eles discutiram e a coisa teve um caráter de continuidade. Aí começamos a participar de algumas reuniões para realizar o segundo [Segunda edição do Rap em Trânsito], então ele passou a bola para a gente. Então hoje quem realiza o Rap em Trânsito ficou basicamente por nossa conta. (Trecho de entrevista com o rapper Dr. Sinistro do grupo Inimigos do Sistema, 2001)

Um dos principais objetivos da Posse Rima & Cia, além desta organização para realização de eventos em que os elementos do movimento hip hop pudessem se apresentar, era dar maior visibilidade ao movimento e desenvolver um trabalho social nas comunidades em que vivem.

Fazer com que todos os grupos ali expandam seu trabalho e que gravem [seus Cd's]. É a meta de todo mundo ali, mas além de gravar, trabalhar com o lado social do movimento. (Trecho de entrevista com o rapper Dr. Sinistro do grupo Inimigos do Sistema, 2001)

Assim, a posse assume um caráter educativo em que questões relacionadas ao cotidiano dos jovens militantes do hip hop eram discutidas e suas experiências levadas, através de oficinas e apresentações de seminários, para outros jovens também moradores das periferias, que podiam buscar no hip hop e seus elementos uma opção para a falta de lazer de seus bairros.

O objetivo principal [da posse Rima & Cia], que era estar organizando o movimento, a gente conseguiu em partes, né? Porque a gente começou a se organizar, a estar realizando os nossos eventos, a discutir, a ir nos bairros. Porque o rap não é só você ir lá e cantar. É também estar indo nas escolas, nos bairros, estar conversando sobre a realidade da periferia. Sobre estas coisas. (Trecho de entrevista com Lajara, militante do movimento hip hop e, na época, assessora do vereador Sebastião Arcanjo – Tiãozinho – PT, 2001)

Para os entrevistados esta intensa formação com os jovens carentes através do movimento hip hop é fator essencial para a existência da posse Rima & Cia e, desta maneira cada indivíduo pode colaborar para as melhorias em sua comunidade.

A proposta é de estar fazendo da posse um veículo de informação dos rappers e, conseqüentemente, da comunidade em que ele está inserido. (...) Eu acho que a posse [Rima & Cia] está trazendo muitos grupos para freqüentar [as reuniões] e os grupos que estão vindo, já estão vindo com essa mentalidade de que têm o poder de colaborar na sua comunidade. (Trecho de entrevista com Tânia Ximenes, militante do movimento hip hop de Campinas e Mestre em Educação, 2001)

Para Félix, “é na posse que os praticantes de quaisquer dos quatro elementos definidores do hip hop fazem as suas reflexões política e ideológicas” (FELIX, 2005, p. 80)

De acordo com o entrevistado Dr. Sinistro, rapper da cidade e freqüentador da posse Rima & Cia, os jovens de Campinas se uniram na posse “porque o movimento hip hop tem que estar

unido, junto. E a melhor forma de trabalhar isso é numa forma de Posse.” (Trecho de entrevista com o rapper Dr. Sinistro do grupo Inimigos do Sistema, 2001)

A Posse Rima & Cia teve papel fundamental no mapeamento do cenário hip hop da cidade com a realização de reuniões esporádicas para a organização e reflexão da atuação dos militantes do movimento. Até o final da década de 90 foram realizadas diversas atividades organizadas por esta posse para proporcionar visibilidade ao movimento hip hop e sua ideologia, entre as quais estavam oficinas sócio-educativas em escolas, palestras, seminários, eventos culturais etc. em Campinas e região.

Apesar dos depoimentos dos entrevistados no sentido de que a posse era uma instância apartidária, no ano de 2000 a cidade vivia um clima eleitoral com a proximidade das eleições municipais para prefeito, o que levou membros do hip hop a apoiarem candidato local de partido político.

Parte dos militantes do movimento hip hop e integrantes da Posse Rima & Cia expressaram seu apoio ao Toninho do PT, que levava aos seus comícios membros do hip hop. Durante a campanha eleitoral foi elaborada uma música em ritmo de rap composta e interpretada pelo rapper Dr. Sinistro, que também era um dos coordenadores da posse Rima & Cia.

Cristiano Nunes Alves analisa o movimento hip hop da região metropolitana de Campinas em seu trabalho de conclusão de curso em Geografia, destacando a tendência de aproximação com partidos políticos e, conseqüentemente, ao poder público, ressaltando as conseqüências deste vínculo estabelecido para a cidade, Governo Municipal e movimento hip hop. De acordo com o autor:

o movimento conhece então uma crise em meados da década de 1990. Sem lugares para se apresentar o hip hop na região convive com o dilema da afirmação e sob forte pressão

surge uma nova orientação: o movimento, gradativamente, se aproxima de partidos políticos e caminha rumo à institucionalização. (ALVES, 2005, p. 100)

Após as eleições, em 2001, com a chegada do chamado governo “Democrático e Popular” do Partido dos Trabalhadores (PT), o movimento hip hop organizado através da posse Rima & Cia estava representado no Governo Municipal com um assessor na Secretaria de Cultura, o rapper Dr. Sinistro.

Além disso, durante o governo do Partido dos Trabalhadores - PT na cidade, os hip hoppers participaram das assembleias do Orçamento Participativo, conseguindo a aprovação de uma verba para ser destinada à criação e à instalação da Casa do Hip Hop de Campinas. Desta maneira, em meados de 2001 foi instalada em um galpão nas dependências da Secretaria Municipal de Cultura localizada na Estação Cultura (antiga estação ferroviária localizada no centro de Campinas), a Casa do Hip Hop em Campinas.

O espaço da Casa do Hip Hop foi criado para ser referência do movimento hip hop na cidade, onde todos os elementos compartilhariam o espaço físico para realização de eventos culturais, oficinas, debates etc. Para administrar este espaço, alguns integrantes do movimento hip hop foram contratados pela Prefeitura Municipal de Campinas tendo como objetivo a realização de oficinas abertas ao público geral da cidade com os elementos break, graffiti, mc e dj, além de seminários de formação.

Desde a instalação da Casa do Hip Hop, poucas atividades foram realizadas e viu-se estabelecer o desenvolvimento de um processo de institucionalização do movimento hip hop juntamente aos partidos políticos. Neste cenário, e como consequência deste processo onde o movimento estava vinculado ao partido do governo da cidade e a instituição da Prefeitura

Municipal, os grupos de rap se afastaram dessa organização, gerando um “esvaziamento” dos eventos e atividades propostas pela Casa do Hip Hop.

Como reflexo da cooptação de membros do movimento hip hop pelos partidos políticos e “confusão” de interesses, neste período ocorre a fragmentação da Posse Rima & Cia, que deixa de realizar atividades no âmbito do movimento hip hop.

Atualmente, apesar de o Governo que assumiu a Prefeitura Municipal de Campinas no início de 2005 ter mudado, o movimento hip hop continua possuindo um espaço vinculado ao Governo Municipal e à Secretaria Municipal de Cultura, com algumas reestruturações e alterações dos militantes responsáveis pela Casa do Hip Hop. Porém, igualmente à “gestão” anterior, as atividades permanecem limitadas a algumas oficinas com pouca participação do movimento hip hop e seus elementos e shows de rap com grupos locais e nacionais.

Capítulo 4: INTERIOR PAULISTA

“Interior Paulista.

Nós somos pretos.

Não caipiras, nem muito menos otários”

(“O poder da rima” - Sistema Negro)

4.1. Programa Interior Paulista

Interior Paulista é um dos programas que compõem a grade de programação da rádio Bandeira Fm. Na época em que acompanhei os programas (entre Maio e Novembro de 2005) eram transmitidos às segundas e sextas feiras das 20 às 23 horas, porém em meados de 2006 passou a ser realizado de terça a sexta feira no mesmo horário.

O programa Interior Paulista tem como principal característica ser realizado por um rapper militante do movimento hip hop de Campinas, e divulgar somente artistas locais da região metropolitana de Campinas e do interior paulista. Surgiu em Agosto de 2004 quando o rapper de Campinas, Elean Pereira Bonatine, vulgo Kapone, realizou seu sonho de, além de ser cantor, ter um programa em rádio.

Olha, desde pequeno eu tive interesse por rádio. Eu brincava com gravador em casa. Então, eu ficava com outro rádio do lado tocando música e eu fingindo que era locutor gravando e depois ouvindo com meus amigos da rua. Então, [tinha] a vontade de fazer

um programa de rádio, a vontade de cantar músicas desde pequeno. Eu acho que vem de pequeno isso daí. Desde pequeno tive vontade de ser locutor de rádio. Realizei meu sonho correndo atrás para ser cantor, e eu consegui. Quando era pequeno eu queria ser cantor, mas não sabia o que cantar, e depois que eu descobri o hip hop eu me identifiquei com o rap e estou aí uns 14, 15 anos no rap. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Kapone tem 28 anos e nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, vindo para Campinas quando tinha 2 anos de idade acompanhando sua família, que migrou para a região em busca de oportunidades de emprego.

Na situação dos meus pais, [viemos para cidade] pelo desenvolvimento de Campinas. Meus tios já vieram para cá antes, aí assim que eu nasci, eles [pais de Kapone] já pensavam em vir para cá. Só esperou eu pegar uma idade de dois anos aí eles vieram para Campinas tentar a sorte e emprego, né. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Durante o período em que está na cidade já passou por mais de cinco bairros da periferia de Campinas residindo atualmente com sua esposa e duas filhas no Jardim Maria Rosa, que é próximo ao Jardim das Bandeiras e que também margeia a rodovia Santos Dumont.

Em meados da década de 80, Kapone conheceu o movimento hip hop acompanhando os bailes que eram realizados em clubes da cidade. Após alguns anos freqüentando o cenário hip hop ele resolveu iniciar sua carreira com produção musical em festas, criando assim, com mais alguns amigos, uma equipe de som chamada “Power Som”, que se apresentava e animava festas e bailes nas periferias de Campinas.

Nesse período sua atuação era, principalmente, como Disc Jôquei, mas também escrevia letras de músicas. Como não tinha parceiros para cantar suas composições, Kapone decidiu abandonar a ocupação de disc jôquei para se dedicar exclusivamente ao rap. Ele criou o grupo

“União Racial” entre os anos 1993 e 1997, para ser vocalista e interpretar suas próprias composições.

O nome do grupo reflete a temática com a questão racial que estava muito presente no início do movimento hip hop e, conseqüentemente, no surgimento dos grupos de rap. União Racial, pois eram jovens de diversas origens étnicas refletindo em suas letras de músicas a discriminação racial e outros fatores presentes na sociedade da época.

Após criar o grupo, alguns projetos surgiram na vida artística de Kapone, entre eles uma parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, quando compôs o “rap da prevenção” falando sobre as doenças sexualmente transmissíveis e temáticas de saúde jovem.

Os vínculos políticos do movimento hip hop estavam se ampliando para além dos partidos políticos, comunidades de bairros e movimentos sociais, incluindo outros setores da sociedade em que o diálogo com as questões sociais era prioridade no discurso. Desta maneira, os militantes do movimento hip hop estiveram, desde o início, atrelados às discussões políticas, em alguns momentos com tendências partidárias, devido ao caráter contestador do discurso desse movimento juvenil.

Porém, apesar das diversas atividades no movimento hip hop, em 1997 Kapone pensava em abandonar completamente a carreira artística por questões pessoais, principalmente por ter se casado e constituído uma família para criar. Nesse ano Kapone permaneceu afastado do rap e dos eventos que envolviam o movimento hip hop da cidade, para se dedicar à família e aos projetos pessoais.

No ano seguinte, em 1998, conheceu a posse Rima & Cia e, conseqüentemente, o rapper campineiro Dr. Sinistro¹⁷. Por influência do Dr. Sinistro, Kapone retornou ao cenário hip hop

¹⁷ Dr. Sinistro é rapper da cidade de Campinas e canta no grupo “Inimigos do Sistema”. Além de militante do movimento hip hop é membro do Partido dos Trabalhadores (PT) da cidade, o que lhe rendeu cargo de assessor

com sua carreira solo, sendo convidado, juntamente com outros grupos da posse Rima & Cia, a participar da gravação do CD “Rima & Cia – A Posse”¹⁸, que só seria lançado anos depois, em 2002.

Kapone permaneceu cantando sozinho até meados de 2002 com suas próprias composições, mas em algumas músicas ele contou com participações de outros artistas da cidade, como por exemplo o graffiteiro Osmir que participa cantando na música “Vida de Pixote”. Em 2003 conheceu Max¹⁹ e com este formou a dupla “Kapone e Max”.

Durante todo o período, desde que iniciou sua carreira até o momento em que conheceu Max, o rapper Kapone havia passado por vários projetos e se envolvido intensamente com a posse Rima & Cia fortalecendo vínculos com os projetos e movimentos sociais da cidade.

Durante os anos de militância que presenciei no movimento hip hop de Campinas, pude notar a grande dificuldade dos grupos de rap para divulgarem seus trabalhos nos meios de comunicação comerciais, por escassez de recursos financeiros, sendo que esta era uma questão muito presente nas reuniões da posse Rima & Cia e também incomodava o Kapone, que desenvolveu diversas reflexões sobre os objetivos do movimento hip hop, sua atuação na sociedade e a importância dos meios de comunicação para a difusão da música rap e dos outros elementos para a população.

Percebendo a proximidade existente entre os rappers e diversas rádios comunitárias da cidade, Kapone decidiu que a criação de um programa de rap voltado exclusivamente para a divulgação da produção musical regional seria uma maneira de difundir o movimento hip hop na

cultural na Secretaria Municipal de Cultura em 2001, ano em que o Toninho tornou-se prefeito. Após o assassinato do então prefeito Toninho, Dr. Sinistro foi transferido de local de trabalho, saindo da Secretaria de Cultura para a Casa do Hip Hop de Campinas, onde desenvolveu atividades com o elemento rap até o final do mandato do Partido dos Trabalhadores na cidade, em 2005.

¹⁸ Participaram da coletânea também, além de Kapone, os grupos: Fator Moral; Artigo 157; Execução Sumária & Real Periferia; Z.N.C.; Naípe; Ato Suspeito; Júri Criminal; Sub Mundo Mortal; P.F.R.; 3+P na Trilha e Dr. Sinistro.

¹⁹ Max é rapper da cidade de Campinas, integrante do grupo Inimigos do Sistema e conheceu Kapone através do intermédio do rapper Dr. Sinistro.

cidade e nos bairros periféricos. Desta maneira, decidiu criar o programa Interior Paulista, pois os grupos de rap, em sua maioria, não encontram espaços nas rádios comerciais para divulgar suas produções musicais.

Sabendo disso por estar diariamente em contato com esse meio, Kapone tem como principal objetivo no programa Interior Paulista a divulgação de grupos de rap de Campinas e região. Porém, ressalta o locutor que veicula em seu programa grupos que não têm inserção nos meios de comunicação comerciais, ou seja, são os grupos dos bairros próximos, ou de periferias de cidades do interior, que ele define como “rap regional”.

Após decidir que criar um programa de rap seria a melhor maneira de divulgar seu trabalho e de seus parceiros, Kapone precisava entrar em contato com alguma rádio comunitária que proporcionasse um espaço para o programa Interior Paulista. Assim, Kapone lembrou-se da rádio Bandeira, que havia conhecido através da participação em alguns eventos em que os locutores dessa rádio estavam presentes, além de ter vários amigos que haviam participado dos programas da rádio e comentaram com ele.

Depois da idéia que eu formei de estar fazendo este programa de rap, comecei a juntar alguns cd's de amigos aí eu falei: “acho que agora é a hora e estou preparado”. Aí procurei a rádio que eu já tinha conhecimento, que já tinha amigos dentro, inclusive já participei aqui da rádio em entrevistas também. Eu, como rapper, militante já vim como entrevistado. Tenho programa aqui segunda e sexta [das 20 às 23 h]. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Kapone, assim como vários outros locutores que passaram pela rádio Bandeira Fm tinha vínculos no bairro com o grupo de jovens da Pastoral da Igreja Católica.

A Igreja Católica, na década de 90, estabeleceu força junto aos jovens com a atuação das Pastorais da Juventude nos bairros. Assim, os jovens se encontravam nos bairros com a intenção

de evangelizar um número maior de pessoas, com suas reflexões baseadas em uma abordagem e linguagem descontraída para atrair uma maior juventude para o interior da Igreja Católica.

No Jardim das Bandeiras, a juventude católica se encontrou em torno da criação da rádio comunitária Bandeira FM, tendo uma atuação política mais voltada para o âmbito cultural do que para a militância pela infra-estrutura dos bairros, que era o objetivo principal na década de 80, com a presença do Movimento da Assembléia do Povo.

A rádio Bandeira eu conheço ela há um bom tempo. Eu tive vários amigos que participaram aqui que foram locutores aqui da rádio, inclusive o diretor da rádio foi amigo meu de grupo de jovens [da pastoral da Igreja Católica] da época que a gente era jovens, adolescentes e participávamos de vários eventos que tinha. Ele entrou na rádio “comandando” aqui a rádio, na direção de programação. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

O formato do programa Interior Paulista é informativo e musical. O locutor apresenta grupos de rap de Campinas e região para a população, além de convidá-los para entrevistas, levando informações da atualidade e da região. De acordo com Kapone, na segunda feira é apresentado um programa com mais informação, além de músicas dos grupos de rap da região metropolitana de Campinas, e na sexta feira o programa é dedicado à entrevistas com integrantes de grupos da “nossa região”.

4.2. Música e momentos de informação

Em ambos os dias existem momentos de informação, em que o locutor apresenta informações de utilidade pública e matérias selecionadas com o apoio do jornalista Eli Fernandes, admirador de rap e amigo de Kapone. A maioria das matérias apresentadas, entre os meses de Maio e Novembro de 2005, era retirada de sites de notícias da internet com temas da atualidade, criando um elo entre a comunidade local e as informações globais e nacionais.

O jornalista seleciona as notícias de acordo com interesses e vínculos políticos estabelecidos entre eles e os grupos sociais que convivem. São informações, em sua maioria, de acordo com análise dos programas acompanhados, ligadas à temática da saúde, movimento negro e utilidade pública, principalmente relacionada à região territorial em que a rádio está inserida.

As outras informações transmitidas durante a programação da rádio Bandeira Fm, também refletem os vínculos políticos estabelecidos pelos locutores, sendo que alguns estabelecem relações com a Igreja Católica tornando-se, através da utilização da rádio comunitária, intermediários para a transmissão de mensagens para a população.

Kapone, por ser militante do movimento hip hop, enfatiza em seu programa informações com essa temática, divulgando eventos de hip hop que são realizados nos bairros de Campinas ou região metropolitana, e novidades sobre artistas conhecidos no movimento, estabelecendo um elo com o movimento hip hop de Campinas e seus elementos

E o programa traz bastante informação sobre a cultura hip hop, onde eu passo o conhecimento e trago sempre um grupo de rap para estar conversando. Algum graffiteiro ou B. Boy para estar conversando, passando suas experiências. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Também, há uma preocupação em transmitir informações sobre questões cotidianas como saúde, gênero, direitos humanos, cultura etc. para a juventude, que predomina entre os ouvintes do programa Interior Paulista.

Eu abro espaço para os militantes da cultura hip hop e a importância desse programa é que são 104 bairros da região da periferia mais carente do lado de Campinas, pobre, vamos dizer assim, que está na sintonia e eu passo várias informações sobre saúde, como prevenção a DST/AIDS. Também eu falo sobre racismo, etnia, gêneros, assuntos que diz respeito ao viver de cada um. Então, o programa é musical, e toca músicas do Interior, rap regional, e informativo porque eu tô sempre passando informações para quem está do outro lado ouvindo, né. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

O movimento hip hop de Campinas desenvolveu desde o início vínculos com partidos políticos e com movimentos sociais da cidade. Durante os anos 90 os hip hoppers estreitaram as relações com o movimento negro e, principalmente, com aqueles indivíduos que estavam ligados ao Partido dos Trabalhadores (PT) que ocupavam cargos junto ao Governo Municipal da época.

Com as transições de Governo, alguns desses militantes do partido político foram remanejados para a área de saúde, trabalhando no Centro de Referência em DST/AIDS do município. Porém, as relações dos partidos e militantes políticos com o movimento hip hop permaneceram, mas nesse momento foram ressaltadas outras temáticas de discussão junto a esses jovens.

No caso do Kapone, por exemplo, o locutor tem proximidade com a Secretaria Municipal de Saúde, principalmente com o Programa Municipal de DST/AIDS, para o qual elaborou música chamada “Rap da Prevenção” no início de sua carreira.

Desta maneira, as informações do programa Interior Paulista são baseadas no conhecimento proveniente dessas relações, ou seja, informações sobre doenças sexualmente transmissíveis, saúde da mulher, redução de danos, racismo, anemia falciforme etc.

Os objetivos do programa é passar informação. E a informação que a comunidade está carente, que é a de saúde, de gêneros, que a gente tenta passar e utilidades públicas que a gente faz aqui. O objetivo fundamental é a divulgação dos grupos e informar o público de tudo o que acontece. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Durante o período em que foram acompanhados os programas, Kapone divulgou momentos de informação em 9 desses, onde as notícias sobre saúde e utilidade pública local predominaram entre as demais. No total foram 9 notícias sobre saúde e 8 sobre utilidade pública local, 5 sobre a questão racial, 3 sobre meios de comunicação, 2 sobre hip hop mundial e 1 sobre atualidades .do mundo.

No dia 09 de Maio de 2005, Kapone falou sobre as conseqüências do tabaco no organismo humano, ressaltando que “na hora do esporte quem não fuma tem muito mais fôlego e disposição” e se o indivíduo “parar de fumar agora, após duas horas não tem mais nicotina no seu sangue”. Nesse programa ele também comentou sobre o racismo presente no meio esportivo do futebol, onde um jogador de time paulista foi humilhado por torcedores.

Jogadores continuam sofrendo com a discriminação racial e o mundo do futebol está encharcado de preconceito contra pobres, homossexuais e negros isso todo mundo já

sabe. O que muitos não sabem é que o atacante Grafite do São Paulo [Futebol Clube] continua sendo vítima do preconceito racial. Agora, torcedores têm a falta de educação de jogar bananas no campo onde o Grafite estava jogando. É uma forma encontrada pelos racistas de comparar o jogador, que é um negro, com um macaco. (Trecho programa Interior Paulista, 09/05/2005)

No dia 13 de Maio de 2005, Kapone faz um momento de informação sobre a Abolição da Escravatura, com a participação do rapper Dr. Sinistro. No programa seguinte, o locutor destaca informações locais sobre a desapropriação de terrenos próximos ao Aeroporto de Viracopos para sua ampliação, e os questionamentos da população dos bairros afetados sobre a indenização que irão receber.

No dia 23 de Maio de 2005, Kapone informa sobre direitos humanos, com a atuação na cidade de Campinas do grupo Identidade. “Desrespeitar um gay, uma lésbica ou um travesti é tão feio quanto desrespeitar uma pessoa porque ela é negra, pobre ou usa drogas. Um grupo de Campinas está sendo premiado justamente pela atuação em favor dos direitos de homossexuais, bissexuais e travestis. É o grupo Identidade.”

No dia 27 de Maio de 2005, é realizado um programa com a participação do grupo Sistema Negro, porém, diferente dos outros programas com entrevistados, Kapone realiza momentos de informação sobre saúde e fala sobre o vírus do HIV, pois na música “Passaporte para o inferno” o grupo retrata o cotidiano de um parente que era portador dessa doença.

De acordo com o grupo, a letra serve de alerta para a juventude se preservar com o uso de preservativos e/ou seringas descartáveis. Para Alex F, rapper do grupo Sistema Negro, “*muita gente se identificou com a letra. Pois muita gente já sofreu com isso ou já perdeu alguém querido para a AIDS. Ou senão sofre com os problemas das drogas na família, essa coisa toda. Muitas vezes está dentro de casa*”.

No dia 03 de Junho de 2005, Kapone divulga um CD informativo distribuído pelo Ministério da Saúde chamado “Qual é a sua?”, que ele recebeu do centro de referência em DST/AIDS de Campinas, reiterando os vínculos políticos estabelecidos pelo locutor do programa Interior Paulista. Esse é um material produzido com o objetivo de ser divulgado nas rádios comunitárias do país, possuindo uma linguagem jovem com informações sobre doenças sexualmente transmissíveis. Nesse programa ele veiculou o cd inteiro, aproximadamente 25 minutos, dividido em dois blocos de informações seguidos de comentários do próprio locutor.

A falta de informação para os jovens moradores das periferias urbanas é vista como um problema que deve ser superado diariamente. O movimento hip hop estabelece grande diálogo com juventude, enfatizando em seus elementos a busca pelo conhecimento e informações. O uso da linguagem delimita o nexo no discurso entre os rappers de várias regiões territoriais, fortalecendo o circuito de contato do movimento hip hop.

As informações que estão, inicialmente, disponíveis em um acesso restrito aos indivíduos que possuem contato com a internet, são ampliadas a um público maior através do intermédio da rádio comunitária. O fluxo de informações é mediado pelo locutor do programa Interior Paulista, que seleciona as notícias que julga mais relevante e as circula através da rádio comunitária para a população do bairro.

Alguns autores afirmam que o fluxo de informações nos meios de comunicação comerciais é limitado apenas a uma via de acesso, ou seja, o público recebe a informação que é selecionada pelos empresários da comunicação. Nesse contexto, a alternativa para a possível ampliação do fluxo de informações é a utilização das rádios comunitárias com a circulação de informações que não são amplamente dissipadas nas mídias comerciais e “massivas”.

Essa ampliação do acesso à informações ocorre, principalmente, com o uso da internet como ferramenta de comunicação, além da existência dos meios de comunicação comunitários,

onde a população realiza a seleção das notícias que deseja receber e, conseqüentemente, transmitir, tornando-se personagens ativos no processo de comunicação. Porém, os meios de comunicação contemporâneos, tanto os comerciais quanto os comunitários, não representam em totalidade essa polarização acentuada que alguns autores citam.

A partir da rádio Bandeira Fm foi possível notar a existência de uma interatividade entre o público da rádio e os locutores que não se diferencia em nada daquela que ocorre nas rádios comerciais, ainda que marcada pelos objetivos assistenciais e culturais adotados pela emissora.

De acordo com Martin Hopenhayn (1999), na pós modernidade estabelecida, o fluxo de símbolos e informações circula de maneira a dissipar-se entre os indivíduos, expandindo o seu alcance para um número cada vez mais amplo de indivíduos. Porém, em via contrária ao fluxo ampliado de símbolos, a circulação monetária e econômica restringe-se cada vez mais, acarretando uma concentração econômica.

A utilização de notícias retiradas de sites da internet, no programa Interior Paulista, reflete o uso desse meio de comunicação pelos jovens que buscam informações referentes a temas de seus interesses, como por exemplo notícias sobre o movimento hip hop.

No discurso do rapper Dr. Sinistro, as informações recebidas pelas mídias oficiais e ambientes de formação dos indivíduos, como, por exemplo, a escola, são contestadas a partir da experiência e vivência em movimentos sociais.

É uma data que foi passada pela escola como o marco de libertação dos negros, porém sabemos que não é bem assim. No processo de escravidão os negros não foram passivos. É que estavam muito distantes de seu continente, de sua terra natal. Então não tinham muito o que fazer numa terra estranha. Mas resistiram enquanto puderam, construíram o Quilombo dos Palmares. (...) É uma data para refletir. Ela não significou uma libertação para os negros, pois eles já vinham se libertando. (Dr. Sinistro, rapper, trecho do programa Interior Paulista, 13/05/2005)

Tudo isso mostra que a Rádio Bandeira e o programa Interior Paulista conectam sim os ouvintes com a cidade, o país e o mundo – e não só reiteram os limites da própria localidade ou da própria periferia como comunidade imaginada. Voltaremos a esse ponto na Conclusão.

4.3. Participantes do Interior Paulista

Nesses programas acompanhados, alguns grupos de rap da região foram entrevistados, entre eles: Fator Moral (grupo da região do Ouro Verde/ DIC), Elementos Mc's (Jardim Ipaussurama, Jardim Yeda e Vila União), Sistema Negro (Vila Rica e São José), Execução Sumária (Campo Belo e DIC); Revolta 5.73 (DIC), Direto do Setor Mundão (Sumaré) e Dois Éllis (Paulínia).

Dentro do rap existem algumas distinções de acordo com o estilo das músicas, baseadas nas narrativas das letras compostas pelos rappers. Existem os grupos de rap que cantam com temática religiosa voltada para o gospel; há grupos chamados de gangsta rap que retratam e exaltam a violência da periferia com tom de narrativa agressiva; o rap melódico é aquele em que as letras são mais românticas; o rap underground ou “bate cabeça” com letras relatando a experiência do cotidiano utilizando uma linguagem mais alegre, e o rap consciente que é aquele em que as letras das músicas são mais engajadas politicamente e reivindicatórias.

Além das letras, os nomes dos grupos também refletem a tendência e estilo adotado pelos rappers. O grupo Fator Moral desenvolve músicas no estilo underground e explica a escolha do nome do grupo a partir de conversas entre seus integrantes.

Ó, Fator Moral era SD Rap - Soldados do Rap. Eu falei: “na boa, não vou tocar se for Soldados do Rap”. Não tinha nada a ver com a gente. Nunca fui um soldado, de forma nenhuma. A gente nunca segue padrão nenhum. Se eu seguir alguma coisa que alguém fala é mentira, então eu não vou ser um soldado. Aí, meu irmão, que estava louco para entrar no grupo [e] estava procurando emprego, passou na agência Fator. Ele gostava muito do [nome do grupo de rap] “Cirurgia Moral” e ele ligou uma coisa na outra. Ele colocou Fator Moral, ligou uma coisa na outra e ficou massa. E hoje acho que o nome do grupo tem muito a ver com o que a gente é. Cada um tem o seu Fator Moral, tá ligado? (Trecho de Entrevista com DJ Dumbo, grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Outro grupo entrevistado no programa Interior Paulista foi o Elementos Mc's, que também desenvolve músicas no estilo de rap underground. O grupo é composto por jovens dos bairros Vila União, Jardim Ipaussurama e Jardim Yeda, que definem a temática de suas letras como sendo a rua, ou seja, o cotidiano da vida urbana. De acordo com Jamaica, Mc do grupo, “*É a rua, o que a gente passa. Conversando assim passou um doido perto da gente, fez um gesto que a gente achou legal, assim, que seria engraçado até, a gente usa [na música]*”.

O grupo Elementos Mc's se chamava anteriormente Elementos do Rap, mas com esse nome representava apenas uma parte da musicalidade do rap e, para pertencer a algo mais amplo como o hip hop, eles alteraram para Elementos Mc's.

Elementos que a gente queria fazer algo que significasse para nós. Como era Elementos do Rap, os caras já eram conhecidos aqui em Campinas como Elementos só, a gente só colocou o Mc's. Mais para ficar Elementos do Rap sendo parte do Rap, e do Hip Hop, na parte dos Mc's, então a gente valorizava os mc's. (Trecho de entrevista Jamaica, Mc do grupo Elementos Mc's, 18/02/2006)

O grupo Sistema Negro surgiu em meados da década de 80, quando o movimento hip hop estava surgindo em Campinas e, nessa época, a maioria dos grupos utilizava a temática do rap consciente para desenvolver suas letras de músicas e escolher os nomes para os grupos. Nesse

caso o grupo teve grande influência do movimento negro e das reivindicações políticas dessa época, mas atualmente é um grupo que desenvolve a maioria das letras de músicas com temática e estilo gangsta.

Execução Sumária é o nome de um grupo gangsta rap de Campinas, que enfatiza a violência em suas letras e, portanto escolheu um nome que estivesse coerente com os temas abordados.

O grupo Revolta 5.73, da região dos DIC's (Distrito Industrial de Campinas) mistura o rap com a batida do rock e desenvolve letras falando do cotidiano das periferias de maneira descontraída. Assim, o nome do grupo é referência ao número do ônibus que seguia, na época, do centro da cidade para o bairro dos Dic's, a linha 5.73. O termo revolta foi acrescentado na frente da linha do ônibus, pois era uma linha que demorava muito para passar, além de apresentar péssimas condições de transporte aos seus passageiros.

Direto do Setor Mundão é um grupo que surgiu com integrantes vindos de Goiânia, que se encontraram nas ruas de Campinas, e decidiram fazer músicas no estilo gangsta rap, com relatos da violência urbana, ou seja, esses jovens falam diretamente do “setor mundão”, da realidade que está presente tanto nas ruas de Campinas quanto de Goiânia.

O rapper Dois Éllis faz um estilo de rap mais dançante, com letras críticas e politizadas. Ele canta em carreira solo, não fazendo parte de um grupo de rap, e é direto ao explicar o porquê de seu nome: “Dois Éllis porque tem dois elles no [meu] nome. Marcello com dois elles.”

Além desses grupos que foram entrevistados no programa Interior Paulista, durante o período de pesquisa, foram apresentadas músicas de diversos grupos da região de Campinas, entre eles: DLN – Defensores da Liberdade Negra, Visão Consciente, ambos os grupos retratam o rap consciente com letras politizadas refletidas no nome do grupo, sendo o primeiro com temáticas relacionadas ao movimento negro.

Os grupos Quadrilha VPA e Agressão verbal tendem a um rap gangsta com discursos sobre a violência na qual estão cercados em seus bairros. O grupo Quadrilha VPA, também tem grande referência à localidade em que está situado, pois VPA significa Vila Padre Anchieta remetendo ao bairro dos integrantes do grupo.

De maneira geral, os nomes dos grupos de rap e, principalmente, as letras dos entrevistado no programa Interior Paulista refletem o estilo de rap que desenvolvem em suas letras, além de envolvimento com a localidade em que estão inseridos.

Muitos dos grupos participantes da rádio Bandeira, no programa Interior Paulista, são de bairros periféricos de Campinas que, em sua região já possuem grande aceitação da população, porém mantêm-se anônimos em outras regiões da cidade, tendo como um dos objetivos na participação durante a programação da rádio a ampliação do alcance desse reconhecimento para outras regiões.

A ênfase do locutor Kapone e dos integrantes dos grupos de rap ao bairro em que vivem e, conseqüentemente, sua população, pode ser vista como maneira encontrada para representar a periferia nos meios de comunicação.

De acordo com alguns entrevistados, a população de periferia surge nos meios de comunicação de massas quando há alguma relação direta com elementos da violência ou da criminalidade. Há grande esforço dos grupos de rap em representar o lado bom da periferia, com as crianças nos seus momentos de lazer ou o dia-a-dia dos bairros periféricos.

A valorização dos grupos no programa Interior Paulista reflete como maneira de explicitar artistas locais, retratando a vivência de uma comunidade em maior escala que apenas o bairro que residem, alcançando a proporção de serem reconhecidos enquanto cidadãos por um grupo mais amplo que também está submetido aos mesmos valores e circunstâncias de vivências.

A rede de divulgação do hip hop é mais ampla que aquela estabelecida pelos meios de comunicação comunitários, pois utiliza além do alcance territorial da transmissão das emissoras comunitárias do circuito underground, também tem disponível outras redes de contato nas periferias urbanas de cidades próximas. São contatos estabelecidos a partir de vivências e experiências comuns aos moradores dessas periferias urbanas.

O grupo Fator Moral, por exemplo, com três integrantes moradores da região do Ouro Verde, mais precisamente da área do DIC (Distrito Industrial de Campinas) é bastante conhecido na região, tanto que criou uma música chamada “DIC City” que é constantemente veiculada no programa Interior Paulista e reflete o cotidiano da periferia em que este grupo reside.

Todo dia levanto e vejo a cara dessa Vila. Tão linda, tão fria, tão sua, tão minha. (...) Os pensamentos vão além, quando eu lembro do começo difícil no chão de terra mesmo. Sem lugar pra curtir, lugar pra brincar. Jogar bola no campo de terra era o que virava. Depois de um tempo o asfalto chegou, a negada vibrou, chorou, emocionou. Aqui era o começo de tudo. Dic city, um novo mundo. Naquele momento vi tudo mudar. Vi você crescer, vi você lutar com os seus guerreiros na batalha diária. (...) Muitos parceiros se perderam nessa correria. Andersinho e Du. Mó saudade de quem fica. (...) o Dic está em você irmão, seja onde for. Na alegria, na tristeza, na derrota ou na vitória. Deus ilumine nossa trajetória. (...) Eu sou mais um guerreiro que vive e persiste na Dic City. (Trecho da letra da música “Dic City” do grupo Fator Moral)

A letra da música é composta pela sequência de recordações de pessoas que vivem há anos no bairro e, durante esse período, presenciaram diversas mudanças desde as ruas de terra que foram asfaltadas até a lembrança de pessoas que não estão mais no DIC (Distrito Industrial de Campinas). Os integrantes do grupo acreditam que há uma identificação dos moradores com as situações expressas na letra da música porque eles retratam a realidade com que as pessoas se

deparam diariamente e, principalmente, o comportamento dos indivíduos diante dessas diversas situações.

Acho que o que nós escrevemos não é o que acontece no bairro, que nem muito grupo faz. A gente escreve como as pessoas se comportam no bairro, entendeu? Como é o convívio do cara que vai lá no boteco e bebe uma cervinha, o moleque que acabou de comprar um carro e sai pra curtir balada, entendeu? Ou aquele cara lá que de repente tá na deprê [deprimido], ferrado. A gente fala mais das pessoas, entendeu? Do que a pessoa está sentindo ou tenta passar alguma coisa naquele momento para ela. Não tem aquela coisa de: “ah, eu vi um cara morrer”. Porque isso é diário, isso acontece em tudo quanto é lugar, então para que eu vou ser mais um para falar disso, entendeu? Então vamos falar e uma coisa mais da pessoa, dar um pouco mais de dinâmica na vida, entendeu? É isso o que a gente faz. (Trecho de entrevista com Jords, rapper do grupo Fator Moral, 17/02/2006)

A fala do rapper do grupo “Fator Moral”, Jords reflete o estilo de música dentro do rap conhecido como underground ou bate cabeça, que visa levar momentos de alegria com a música, mesmo que seja para falar da realidade da periferia, porém não utilizando a violência como tema central de suas letras.

Um de nós criou o tema: vamos fazer um som sobre o bairro. Aí ficou livre, cada um fez sua parte como queria interpretar o seu bairro. Cada um falou da maneira que quis. O Jords falou do passado dele, eu falei das pessoas que eu convivo diariamente, o Maicon usou o bairro dele, o 31 de Março, onde ele fica. Cada um enfocou seu ponto de vista num único tema. (Trecho de entrevista com Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Assim como o grupo Fator Moral, o “Revolta 5.73” é outro grupo de Campinas da região do DIC, que, além de ser integrante da banca²⁰ Fator Moral, também enfatiza em suas letras características e referências do bairro em que vivem.

Na letra da música “amigos da Perifa”, o grupo tem uma visão consciente da realidade da periferia, onde estes jovens se retratam como os “super amigos” de seus bairros, sendo aqueles indivíduos que através do rap expressam as revoltas e reivindicações da população local para as autoridades e governantes. Outra característica dessa música é mostrar uma perspectiva da periferia diferente daquela exibida pelas mídias oficiais, onde a população da periferia “não é só consumista, que tem voz ativa e sabe partir pra briga”.

Há sempre uma revolta querendo uma resposta. (...) O que se vê não parece com um seriado. É mais um ser humano acuado pelo Estado. O bem e o mal lado a lado, descontrolado. E só quem sofre conhece o desespero. Autoridade é assim mesmo, vergonha e gás lacrimogêneo. Esse é o espelho das crianças logo cedo. Muitas largam seus brinquedos e se perdem no pesadelo. Essa história parece não ter fim. Sai em todo lugar, mas dá ibope sempre no 'plim-plim'. Sendo assim, em Deus me fortifico. Então não me confunda, sou skateboard e não bandido.(...) Não quero ibope, não quero ser notícia. Não quero ser medalha no peito do polícia. (...) [Mário – Revolta 5.73]

Super Amigos da Perifa, isso é o que liga. Defensores do povo. Ataques contra a mídia, que nos transformam em canibais nos jornais da vida. Eu vim aqui pra mudar a falsa estatística. Mostrar que pobre e favelado não é só consumista, que tem voz ativa e sabe partir pra briga. Não espera. Faz a hora e segue em frente. Pra ser alguém na vida e nunca ser ausente. [Jords – Fator Moral] (Revolta 5.73 – trecho da música “Amigos da Perifa”)

Kapone, no programa Interior Paulista de 06 de Maio de 2005 manda um “salve”²¹ para os ouvintes, em especial para um amigo que está na prisão, e na seqüência toca uma música de

²⁰ Quando vários grupos – às vezes da mesma região ou com integrantes que fazem parte de vários grupos musicais – se juntam para desenvolver trabalhos coletivos ou se ajudar, é designado como banca

seu grupo que tem como objetivo levar informações para a juventude com o intuito de afastá-los dos crimes e violências.

O locutor ressalta que a letra dessa música que desenvolve carrega lembranças do bairro em que vivem e das experiências de vida que tiveram.

Vidas perdidas, que vida é essa? Vida violenta, não me interessa. Vidas perdidas, que vida é essa? Vida violenta, maluco saí dessa. (Kapone e Max – trecho da música “Vidas perdidas”)

Após exibir a música, Kapone manda lembranças para seu amigo que estava preso, associando sua trajetória com a relatada na música “Vidas Perdidas”, onde transmite uma mensagem positiva para a juventude manter-se afastada dos crimes e violências que estão presentes nas periferias.

Então vamos rolar um som agora. Esse som aqui, a rapaziada aí também vai ouvir em primeira mão, até eu ouvindo em primeira mão. Trabalho já pronto nosso, Kpone e Max, vamos rolar para vocês este som aqui. Tem tudo a ver aí com o Jardim Maria Rosa, Jardim Telesp, é uma história que muitos do Jardim Maria Rosa e Jardim Telesp vão lembrar. E quero mandar este som pro Lê. O Lê que está aí na saidinha, como muitos aí neste final de semana. Muitos que estão aí privados da sua liberdade e hoje estão na rua para comemorar o dia das mães com suas mães (...) a todos os irmão aí que estão na rua, juízo. (Trecho programa Interior Paulista, 06/05/2005)

²¹ Salve é uma expressão utilizada entre os militantes do movimento hip hop quando mandam lembrança para outra pessoa.

Durante os programas, Kapone tem o costume de mandar “salves” para alguns ouvintes de diversos bairros da cidade. Esta é uma das maneiras encontradas pelo locutor para estabelecer uma interação entre o programa Interior Paulista e os ouvintes que ligam para a rádio, além de ser uma expressão comum do movimento hip hop para manifestar a consideração estabelecida por algum outro indivíduo.

Um salve pro velho Luizinho [do Bar Cantinho da Amizade localizado no Jardim São José] que vai fazer uma viagem. Luizinho que está curtindo nosso som aí no Cantinho da Amizade, seu estabelecimento. Com certeza vai fazer uma boa viagem e vai voltar contando muita novidade pra gente. Então, boa viagem. (Trecho do Programa Interior Paulista, 13/05/2005)

Esses “salves” são realizados em diversos momentos do programa, podendo ser seguidos de músicas de grupos dos bairros citados. Por exemplo, após mandar o salve para o Luizinho, como foi visto no trecho acima, o locutor toca uma música do grupo Sistema Negro, que também tem integrantes que residem no Jardim São José e freqüentam o estabelecimento comercial do Luizinho.

O locutor do programa Interior Paulista, Kapone, tinha o costume de, em alguns programas que antecediam as entrevistas com os grupos da região, divulgar na programação as músicas desses grupos, que seriam posteriormente entrevistados nos programas. Esta era uma maneira encontrada para que os ouvintes conhecessem os trabalhos dos rappers da região e, assim, pudessem acompanhar as entrevista com maior envolvimento e informações.

As entrevistas duravam quase o programa inteiro, observando que terminavam próximo ao horário do ônibus final, que seguia do bairro para a região central, e assim os convidados poderiam ir embora sem qualquer problema ou transtorno para chegar a suas residências.

No momento de chegada dos convidados ao estúdio, Kapone anunciava para os ouvintes, principalmente os moradores dos bairros de origem dos integrantes do grupo, a presença desses indivíduos na rádio Bandeira.

Pra quem não conhece, o Fator Moral toca aquele som DIC City. Então toda região do DIC ligadinha aqui com a gente no programa Interior Paulista. (Kapone, trecho do programa Interior Paulista 06/05/2005)

Essa atitude é uma maneira dos moradores da região se sentirem valorizados e reconhecidos com a presença de pessoas que moram no mesmo bairro que eles nos meios de comunicação. A periferia passa a se reconhecer na presença de seus semelhantes nos programas das rádios comunitárias.

As perguntas realizadas por Kapone aos convidados, em sua maioria, eram sobre a carreira do grupo e os planos futuros, além de comentarem sobre as músicas apresentadas no programa.

Em todos os programas, Kapone iniciava com vinhetas dos comércios e publicidades locais enquanto se acomodava nas dependências do estúdio. Após se instalar no estúdio, o locutor colocava uma das vinhetas criadas para o programa:

1. *“Interior. Interior Paulista. Interior. Interior Paulista.
Nós somos pretos! Não caipiras, nem muito menos otários”.*

2. *“Interior Paulista. Estratégia, estrutura. Malandragem pura. Mente interiorana a favor do bem e dos trutas. Desejando a melhoria geral de toda a quebrada. Mostrando a importância da rádio comunitária. Estagnação mental não pode acontecer. Estamos a caminho*

de um novo amanhecer. Protesto, manifesto. Lazer é evidente. O rap nacional evolui constantemente. O lance é esse mesmo. É formalizar o bonde pra curtir o som de boa no comando do Kapone”

Nesta primeira vinheta ocorre uma reiteração de valores do movimento hip hop, além da distinção entre o rap presente no interior do estado de São Paulo e na capital, São Paulo, que fica explícita quando há a afirmação de que os rappers de Campinas se identificam enquanto negros, porém não são caipiras ou otários.

Kapone não tem origem étnica negra, porém na vinheta de abertura do programa Interior Paulista há a utilização da expressão: “nós somos negros”, retirada da música “Poder da rima” do grupo campineiro Sistema Negro.

Na década de 80, como já foi visto, a ideologia que permeava o movimento hip hop estava relacionada às reivindicações políticas no âmbito da violência social, exclusões e questões raciais.

Para Eliane Nunes de Andrade, “tanto no movimento negro quanto no movimento juvenil, a questão identidade toma aspecto relevante. Ambas categorias, específicas de movimento social, possuem em comum a manifestação cultural utilizada como cultura de resistência, ou seja, como forma simbólica de protesto diante da sociedade abrangente, mas também possuem o fator identidade como forte estímulo à constituição dos grupos de protesto”. (ANDRADE, 1996, p.84)

No início da década de 90, em Campinas, o grupo Sistema Negro mantinha a proposta de fazer letras de músicas com essas discussões sociais e raciais, como é expressa na letra da música “Poder da Rima”:

“Seis letras eu vou contar

*quatro pretos com o poder de rimar
nunca vi, coisa mais bela
RAP Nacional, coisa e tal
som de periferia favela
coisa de malandro música de desesperado
ouço um idiota numa estação de rádio
querendo sim acabar com a nossa música
por não ser agradável como o samba,
por ser a única que atinge todas as camadas
das chamadas capitais, mais
na minha área tem preto de nível
apesar de você otário achar
isto impossível
interior paulista, Campinas pra ser mais claro
nós somos pretos e não caipiras e muito menos otários.
Te darei a receita da droga
se preparem pra escutar esta proposta
cheire e faça um caracol, de batida pesada
RAP na veia um back (hã)
Ou senão de uma tragada
cof, cof (que levada)
Nada mais, que uma tragada
põe para fora irmãos, frases bem boladas
irmãos pretos alienados preste atenção, então*

tirem a conclusão

esteja preparado para o segundo recado

nós somos pretos pesados”.

(“Poder da Rima” – Sistema Negro)

Kapone, assim como grande parte dos rappers da capital do Estado, se identifica com as reivindicações do movimento negro levando para a vinheta de seu programa a afirmação de que é negro, ou seja, há a semelhança no conteúdo dos estilos de rap existentes entre a capital e interior, que nesse caso envolve a questão racial sempre ressaltada pelo movimento hip hop.

Porém, apesar de alguns fatores aproximarem a capital do interior, há uma distinção muitas vezes ocasionada na rivalidade estabelecida pelo fato de São Paulo ter sido a cidade em que o hip hop primeiramente se estabeleceu no Brasil e, em alguns momentos, pela disputa de espaço no mercado cultural, onde há a visão de que o rap do interior é mais atrasado e precário em relação à capital.

Dessa maneira, Kapone utiliza a vinheta para elevar a auto estima dos rappers do interior, ressaltando que apesar de estarem afastados territorialmente na “capital” do rap, eles se identificam com as temáticas do movimento hip hop.

A segunda vinheta foi composta pelo rapper Dois Éllis, de Paulínia, que é amigo de Kapone, tendo como finalidade expressar os objetivos do programa Interior Paulista, bem como dos rappers do interior de São Paulo, e das rádios comunitárias em proporcionar melhorias para a comunidade em que a emissora se encontra. Essa vinheta expressa a conscientização que está presente no rap e deverá ser compartilhada pelas rádios comunitárias, com as músicas e participação política da população através das reivindicações sociais.

O conteúdo do programa Interior Paulista é basicamente voltado para o público admirador da música rap e do movimento hip hop de Campinas e outras cidades da região.

Atualmente existem poucas rádios comerciais que divulgam as produções dos grupos de rap, então muitos dos rappers procuram nas rádios comunitárias espaços para apresentarem seus trabalhos.

A maioria dos grupos não possui CD produzido por grandes gravadoras com distribuição por selos musicais de reconhecimento nacional; ao contrário, as produções são realizadas em estúdios caseiros, muitas vezes nas residências dos próprios rappers, e os discos distribuídos pelos integrantes do grupo de rap.

Em entrevista no programa Interior Paulista de 15 de Julho de 2005, o grupo “Direto do Setor Mundão” conta que a produção de seu Cd foi realizada em estúdio caseiro e a distribuição feita pelos próprios rappers.

Produzimos no Krill [do estúdio MKF em Hortolândia]. A gente colocou umas músicas e tal, mas quem criou mesmo foi o Mola nas bases. O cd está vendendo de mão em mão, fazendo independente e quem quiser comprar é dez conto [R\$10,00] no lançamento. (Trecho de entrevista do grupo Direto do Setor Mundão no programa Interior Paulista, 15/07/2005)

Em um programa Interior Paulista, esse mesmo Krill, que tem um estúdio de produção de músicas em Hortolândia (MKF), visitou a rádio Bandeira para conversar com Kapone sobre a possibilidade de realizar propagandas de seu comércio ao longo de alguns programas. Em troca dessas propagandas do estúdio MKF, o dono do estúdio, Krill, produziria duas músicas do grupo do locutor.

Dessa maneira, na semana seguinte a esta visita, Kapone já passou a divulgar o estúdio com sua vinheta, durante três semanas, e integrou na programação do Interior Paulista a música “Saia dessa”, de seu grupo, que foi produzida no estúdio MKF.

Pra você que tem aí um grupo de rap e quer fazer o seu trampo. Pra você que já está em fase de produção, quer produzir, um estúdio bom para você. A rapaziada lá do MKF estúdio. A MKF estúdio fica lá em Hortolândia, no shopping metropolitano. (Programa Interior Paulista, 13/05/2005)

Durante os programas há uma referência constante aos grupos da região e, principalmente, à população dos bairros próximos que recebem transmissão da rádio. Ocorre uma ênfase na produção de programação local, onde o locutor se refere às problemáticas da população regional, que são os ouvintes da rádio devido ao raio de alcance da transmissão ser restrito territorialmente.

O programa [Interior Paulista] fala do São José, Oziel e não de Pirituba [região metropolitana da grande São Paulo]. (Kapone, Programa Interior Paulista 02/05/2005)

Em alguns momentos o locutor refere-se a uma “macro” região denominada interior paulista, abrangendo não só os bairros que captam a transmissão da rádio Bandeira, mas diversas cidades do interior do Estado de São Paulo que apesar de não receberem a programação da rádio, se assemelham por terem grupos de rap que também não estão inseridos nos meios de comunicação existentes e nas rádios comerciais. É estabelecido um circuito do movimento hip hop que não se restringe apenas a territorialidade ou abrangência da transmissão da rádio comunitária.

A seleção dos grupos que são convidados para participar dos programas é realizada pelo próprio locutor, que prioriza os grupos que não têm CD “lançado”, o que significa, para Kapone, o grupo não ter Cd de grande gravadora e com veiculação nos meios de comunicação comerciais.

Desta maneira, os grupos veiculados na rádio são aqueles que fazem parte de um circuito alternativo de produção e divulgação.

Olha, eu escolho os grupos para estar tocando aqui. [Priorizo] mais aquele que não tem CD lançado. CD lançado que eu falo, assim já como um grupo grande do Interior. Têm grupos grandes do interior que já tem essa oportunidade nas rádios comerciais, então eu não toco. Mas aquele que está independente a gente procura estar tocando. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Além dos grupos da cidade de Campinas, Kapone também divulga os grupos que estabelece contato através do amplo circuito hip hop, em outras cidades quando vai se apresentar. Esses grupos se interessam em deixar o Cd para Kapone divulgar no seu programa, e, dessa maneira, ampliar o alcance da sua mensagem e conseqüentemente o reconhecimento do grupo.

Na correria que faço, sempre estou em várias cidades conhecendo outros grupos e, no contato, vai deixando CD comigo e eu vou divulgando aqui. E os grupos amigos que a gente está na correria sempre, os conhecidos que eu sei que tem CD eu corro atrás e falo para estar mandando para mim e eles mandam. E os outros é na correria dos encontros que a gente participa e acaba trocando CD e eu falo que estou na rádio e eles deixam o trabalho comigo e eu toco aqui e divulgo. Mas [sempre] são os independentes. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

O locutor ressalta que divulga apenas os grupos independentes, que têm a produção centrada em pequenos estúdios caseiros e distantes dos grandes estúdios e mercado fonográfico.

São trabalhos caracterizados pelos baixos custos na produção, mas com qualidade para distribuir num circuito independente dos selos das indústrias fonográficas.

Independentes são os grupos que não estão por trás de gravadoras e empresários e com dinheirinho suado eles conseguem gravar um CDR, um trabalho humilde e começou a divulgar através deste trabalho de CDR. Trabalho simples mas com qualidade. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

É freqüente, durante os programas, o locutor receber ligações de ouvintes pedindo músicas de grupos de outras cidades que estão inseridos no circuito de rádios comerciais. Por exemplo, no dia 09 de Maio de 2005 um ouvinte ligou ao programa pedindo para tocar a música do grupo “Ao Cubo”, porém Kapone ressaltou que além de não ser um grupo da região de Campinas, do interior Paulista, também está sendo veiculado na programação da rádio comercial 105 Fm.

O locutor é enfático ao expressar os objetivos do programa Interior Paulista em apenas divulgar grupos de rap que não tem “espaço” nas mídias comerciais. Para ele, não há necessidade de divulgar nas rádios comunitárias os grupos que estão no cenário nacional com visibilidade em mídias comerciais. É preciso abrir novas oportunidades para os grupos que estão começando suas carreiras ou aqueles que não estão inseridos no mercado fonográfico.

Assim, quando algum ouvinte insiste em que o programa Interior Paulista divulgue a música de grupos de outras cidades, principalmente os que estão tocando nas rádios comerciais, Kapone explica que esses grupos já são bastante conhecidos e que o programa é para dar oportunidade do público conhecer as novidades musicais que estão surgindo nas cidades do interior.

Eu sou locutor do programa Interior Paulista, programa de rádio comunitária, na Rádio Bandeira FM 91,1. O projeto deste programa é estar levando o rap regional, o rap desconhecido, o rap que é nosso. Nossos amigos, nossos parceiros, os grupos de rap que são da nossa região, do Interior de São Paulo e não têm oportunidade em outras rádios comerciais. Então surgiu a idéia minha, já fazia um bom tempo que eu queria fazer um programa assim onde está divulgando. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

4.4. Mainstream e Underground

No mercado fonográfico há um circuito de divulgação das produções musicais em comercial e alternativo, que será definido, respectivamente, como mainstream e underground.

O espaço definido como mainstream é aquele do mercado propriamente, com formas de produção e divulgação estabelecidas pela indústria cultural fonográfica em que os artistas e suas produções estão inseridas em grandes gravadoras e distribuidoras. Seus trabalhos são veiculados, principalmente, nos meios de comunicação comerciais, em que esses artistas estão submetidos às normas e valores impostos pelo mercado consumidor.

O circuito underground é composto por grupos e artistas que, muitas vezes, se consideram alternativos ao mercado, sejam pela forma de produção e divulgação de seus trabalhos ou devido às letras e conteúdo de suas músicas, que não são consideradas unicamente mercadorias.

No interior do movimento hip hop também há essa distinção, que pode ser observada claramente no rap com a variedade de estilos existente, que se distinguem de acordo basicamente

com o conteúdo, mas outro fator que influencia essa distinção é a inserção no mercado, ou seja, entre rap comercial e rap underground.

De acordo com Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, o rap por ser música também difundiu-se em vários estilos como ocorreu com o rock e outros ritmos.

Eu penso que o rap é música. Assim como outro estilo musical, o rock, o hard rock, tem o punk rock. O rap também se difundiu em vários estilos de rap. Tem o rap político que atua de uma maneira na comunidade, tem o rap de festa mesmo, “Motirô”, esse tipo de rap que é comercial para tocar numa rádio. Tem o rap carioca que é o estilo deles. Tem o rap do sul, então cada um vai trabalhar da sua maneira... (Trecho de entrevista com Ricardo, Mc do grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Os grupos surgem nas periferias urbanas com um discurso contestador, tendo como objetivo atingir a juventude e a população moradora das periferias urbanas com suas músicas. Muitos desses grupos não possuem recursos financeiros para produções sofisticadas em estúdios fonográficos, estando restritos, assim, à produção caseira em estúdios de amigos ou conhecidos.

Quando os grupos conseguem produzir suas músicas, o sistema de distribuição utilizado continua sob responsabilidade dos próprios rappers, que circulam suas músicas nas rádios comunitárias ou as vendem para freqüentadores dos shows de rap e outras pessoas conhecidas de seus círculos sociais.

Porém, apesar da maioria dos grupos iniciar suas atividades no circuito underground, nem todos pretendem permanecer nesse âmbito, buscando alternativas para se inserir no mercado existente para a cultura hip hop e, conseqüentemente, para o rap. Essa inserção pode significar uma mudança no estilo de música ou temática das letras dos grupos para se adequarem aos novos ambientes.

Dessa maneira, podemos definir rap do mainstream como aquele produto criado para o mercado, presente nas mídias comerciais, enquanto o underground está no circuito alternativo das rádios comunitárias. Muitos grupos de rap se encontram no circuito underground por opção de acreditar que a liberdade de criação e produção não existirá no circuito comercial. Porém, outros rappers estão nele por dificuldade de acesso ao mainstream, querendo transitar entre esses mundos.

Um exemplo desse desejo de profissionalização dos rappers é visto no discurso do Kapone, que apesar de estar realizando um programa de rap em rádio comunitária do bairro Jardim das Bandeiras vê a necessidade de expandir o alcance de seu discurso para diversas cidades da Região Metropolitana de Campinas.

Sobre a rádio eu gostaria de estar levando este projeto deste programa a ter uma audiência mais ampla. Sair para fora de Campinas, não ficar em 104 bairros aqui da região e sim pegar o Interior inteiro para a gente estar divulgando o rap do interior que é de qualidade e tem boas idéias. O projeto meu é estar chegando a uma rádio de longo alcance aí, que pegue todo interior de São Paulo. (Trecho entrevista Kapone, locutor programa Interior Paulista na rádio Bandeira Fm, 25/11/2005)

A transição entre o circuito de produção e circulação underground para o mainstream ocorre quando os rappers assumem a necessidade de se inserirem no mercado, seguindo seus padrões e lógicas, com seus trabalhos musicais. Para Kapone, a sua profissionalização ocorreria no momento que ampliasse o alcance de seu programa passando a realizá-lo numa rádio comercial.

Seria comercial, mas conversado e bem estudado como a gente estaria fazendo [o programa], e o projeto é Interior Paulista. Então, se eu entrar numa rádio vai ser Interior Paulista. Não vou tocar outros raps que estão aí na mídia. Então o projeto é

estar destacando e divulgando novos artistas da cultura hip hop através deste programa. (Trecho entrevista Kapone, locutor programa Interior Paulista na rádio Bandeira Fm, 25/11/2005)

A profissionalização no rap é observada no discurso de vários grupos entrevistados, que visam a transição entre o circuito underground de produção para a inserção no mercado capitalista.

Há uma tensão no discurso de alguns rappers que vêem a necessidade de manter seus trabalhos no âmbito underground por questões ideológicas inerentes ao movimento hip hop, porém, por outro lado, sentem o desejo de estarem inseridos no fluxo do mercadorias estabelecido pelo mercado cultural.

Para o grupo Fator Moral, essa questão está presente no decorrer de suas carreiras, onde tentaram mandar suas músicas inicialmente para diversas rádios comunitárias da região, porém dizem que não querem permanecer restritos apenas ao circuito alternativo.

A gente quer trabalhar no mercado também. Tanto que o rap é uma música. A gente não somos militantes políticos. Nós fazemos rap, música, e nós temos nossa ideologia, nossa postura e nossos ideais, mas primeiro de tudo é música. Tem que passar entretenimento, a música. (Trecho entrevista Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Há a necessidade de estar presente nas rádios comerciais para que ocorra a profissionalização da atividade que desenvolvem com a música, porém eles acreditam que o mercado padroniza o conteúdo e o formato das músicas apresentadas.

Uma coisa que eu vejo, nas rádios comerciais há uma padronização do rap. Uma coisa que todo mundo acha que o rap é o que toca numa rádio comercial. Tipo, ninguém

conhece os outros tipos de rap e sempre está tocando a mesma coisa. Hoje mesmo eu estava ouvindo a rádio comercial, a 105, e estava tocando um som que eu pensei como que aquilo pode tocar numa rádio. Uma coisa sem ritmo, sem pegada, o som era ruim. Não vou falar de quem era porque é falta de ética, mas era muito ruim. Musicalmente aquilo lá era horrível, só que estava tocando ali porque é comercial, porque o dono da rádio fazia participação. Mas é tudo gerando esse comércio. (Trecho de entrevista Dumbo, DJ grupo Fator Moral, 17/02/2006)

A relação entre comercial e underground não deve se estabelecer enquanto contradição absoluta, mas enquanto um ambiente de tensão em que algumas características são ressaltadas. O discurso dos integrantes do grupo Fator Moral demonstra essas tensões, onde um deles acredita que não há necessidade de se inserirem nas rádios comerciais para a profissionalização, enquanto os outros dois indivíduos vêem a inclusão no mercado como a única alternativa para o grupo tornar-se profissional na indústria fonográfica. Para Ricardo, rapper do grupo Fator Moral, “a gente não tem que fazer um trampo para tocar numa rádio comercial. A gente tem que fazer do nosso próprio jeito”.

O integrante do grupo Fator Moral, Jords, acredita que o mercado aceita um tipo de rap que se modela para estar dentro dele, mas há a necessidade de alterar o mercado para que outros tipos de rap consigam estar inseridos lá, inclusive o som deles.

Acho que está faltando ponte, está faltando acesso. Essas coisas ficam mais difíceis quando você está de fora do jogo, do circuito. Eu acho que o rap, no nível de rádio está na mesma situação. Só tem um estilo e você só vai entrar aqui se for assim. Ter a mente mais aberta nessa questão de comércio de rádio, pra comunitária, pra comercial, pra ver se a gente consegue fazer um outro tipo de mercado. (Trecho entrevista Jords, rapper grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Para Renato Afro, rapper do grupo Execução Sumária, o mercado está muito competitivo e com “panelas” (quando os grupos se organizam entre si para realizar atividades e projetos que estarão restritos entre estes participantes) entre os grupos, assim são vários os grupos que surgem apenas para tocarem na 105 FM, rádio comercial que é considerada a mídia que dita “padrão do mercado” fonográfico do rap.

Quando questionados se pagariam para tocar as músicas do grupo em alguma rádio comercial, as opiniões dos integrantes se dividem num primeiro momento, quando o DJ Dumbo afirma que não pagaria, porém, por fazer parte de um grupo em que há diversidade de opiniões e, principalmente, por estar trabalhando com música teria que pagar sim para estar inserido no mercado. “Na boa, eu não daria um real, mas como o grupo não é só eu...” (Trecho Entrevista Dumbo, Dj do grupo Fator Moral)

[Ricardo] Pagaria pelo mercado porque a gente quer entrar no mercado, quer trabalhar, quer viver disso. É o nosso sonho e não tem muitas maneiras de viver disso. A gente não quer viver na alternativa para sempre, quer ser profissional. [Jords] Infelizmente essa é uma realidade para tudo quanto é tipo de música. Isso não é só no rap. “[Ricardo] Eu não tô falando que vamos pagar para tocar na 105, mas é o mercado. É um círculo vicioso, é um mercado, é um jogo, é uma empresa. O pai dele (se referindo ao Jords) tem uma empresa de mecânica e paga os tributos dele para receber os dele. É um jogo. O mercado tem seu jogo. [Dumbo] Eu não pagaria. Eu acho que ninguém deve pagar. Eu faço apologia para não pagar, mas como sou do Fator Moral, sou da empresa, lógico, a gente paga. Eu até dou a minha contribuição, tipo, não quero, mas eu dou. Fazer o quê? (Trecho entrevista grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Alguns dos jovens rappers encaram como situação contraditória viver do produto cultural que desenvolvem, seja porque operacionalizam uma dicotomia muito rígida entre o mainstream e o underground, seja em razão do caráter contestador que atribuem ao próprio conteúdo do rap. Entretanto, mais que contradições advindas da polarização, o que se observa são tensões, já que

efetivamente buscam viver de seu trabalho musical, como fica claro quando Dumbo chama seu grupo de rap de empresa, como na citação acima, ao mesmo tempo em que afirma: “têm muitas outras alternativas que dá para você entrar [no mercado] sem ter que pagar um jabá. Têm rádios comunitárias no Brasil inteiro. Têm programas de tevê que você consegue entrar, fazer entrevistas.” Assim, ele acredita que para estar inserido no mainstream não há a necessidade de estar presente nas rádios comerciais, que acabam gerando um círculo vicioso onde o artista precisa pagar sempre para estar constantemente veiculando seu trabalho.

Têm vários outros tipos de propaganda que dá para você fazer. Eu prefiro pagar um poster e colar em todas as lojas que vendem cd de rap, fazer uma divulgação, do que pagar para uma 105 que vai tocar em São Paulo. Eu vou ter que pagar para a 105, vou ter que pagar na rádio do Rio, vou ter que pagar para...Vai acabar gerando um custo tão alto de você ter que ficar pagando jabá que vira um círculo vicioso. Toca dois meses, aí vou ter que pagar de novo para tocar dois meses. Se eu não pagar de novo vai tocar mais duas semanas e não vai tocar mais. (Trecho entrevista DJ Dumbo, grupo Fator Moral, 17/02/2006)

Outra tensão está presente no discurso do rapper Dois Ellis, que também se diz contra a mídia comercial, mas tenta estar inserido nela a qualquer custo, inclusive pagando jabá para que suas músicas toquem na programação. Ele imagina que para que ocorra a divulgação do hip hop e rap nos meios de comunicação e, conseqüentemente, inserção no mercado deva existir uma mídia do próprio movimento hip hop.

Então sou totalmente contra o hip hop original estar nessa mídia comercial que tá aí que não tem nada a ver com a gente, onde o dinheiro vai para os caras. Então o que eu penso é o seguinte: tem que ter uma mídia hip hop com pessoas especializadas em hip hop. Com pessoas do meio do hip hop, que não tenham preconceito nenhum com os estilos musicais, porque hoje em dia o rap é bem variado. A mídia comercial não tem nada a ver com o hip hop original porque eles não querem saber se estou fazendo

trabalho lá no bairro. Hip hop original tá fora da mídia comercial. Hip hop original tem que ter sua própria mídia, a mídia hip hop. (Trecho entrevista com o rapper Dois Ellis, 25/10/2006)

A atenção dos responsáveis pelas rádios comunitárias é maior do que a das mídias comerciais, sendo que nas primeiras, de acordo com o Dj Dumbo, há um interesse na atuação dos rappers nas comunidades em que vivem.

Rádio comunitária, pelo menos as que eu conheço, que não são muitas, as que a gente chegou e levou o cd elas deram uma atenção para a gente. Todas as rádios fez uma entrevista com a gente, queria saber como era a gente, como era a gente na comunidade. Deu uma atenção maior. (Trecho entrevista Dj Dumbo, grupo Fator Moral, 17/02/2006)

De acordo com vários entrevistados durante o programa Interior Paulista, os grupos de rap não têm oportunidades de apresentar seus trabalhos em rádios comerciais, pois, para isso, teriam que possuir dinheiro para custear esta divulgação. Assim, apesar do desejo de estarem presentes no mercado, há a necessidade de investimentos para a divulgação de seu trabalho nas mídias comerciais, visto que este é o espaço do mercado fonográfico.

Alguns grupos investem na divulgação de seu trabalho em rádios comerciais, principalmente na 105 Fm, mais conhecida na grande São Paulo e região metropolitana de Campinas por ter programação voltada para o público admirador do samba e rap. A maioria de sua programação tem esses estilos musicais, além de programas com a temática esportiva de futebol.

Agora, a 105 ela praticamente domina aqui no interior de São Paulo, e no sul de Minas acredito eu, fora que tem por internet também. (Trecho de entrevista rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

Para integrantes do grupo Execução Sumária, desde o ano de surgimento do grupo, eles investem na produção independente, sendo que no primeiro cd tentaram mandar seu trabalho para as gravadoras de São Paulo. Porém, de acordo com eles, atualmente dizem ter mais paciência para esperar a realização de seus projetos profissionais, e não têm a do início da carreira, onde acreditavam que o sucesso do grupo seria imediato, acreditando que a função deles no rap e movimento hip hop é instruir e levar informação para os jovens das periferias.

Como pode ser visto na entrevista com o rapper Dois Éllis, é necessário um investimento de grande capital financeiro, que a maioria dos grupos de rap não possui, faltando, dessa maneira, oportunidade para colocar uma música na programação da rádio comercial, como a 105 Fm, por exemplo.

A rádio comunitária serve para impulsionar a carreira profissional dos artistas para não dependerem apenas das rádios comerciais. Para DJ Dumbo, “se um grupo de rap está começando, o moleque vai lá, com poucos meses faz seu “demo” e toca numa rádio comunitária e é o primeiro impacto dele para sentir o som dele tocando numa rádio. A primeira vibração até profissionalmente”.

A rádio comunitária é aquela que dá espaço pros caras que têm um show de verdade. Então tem que ser a rádio que toca sem medo, sem frescura e toca direto os caras. Pros caras conseguir caminhar com as próprias pernas e não depender de rádio grande. (Trecho de entrevista com o rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

Esse mesmo rapper, o Dois Éllis, decidiu pagar 5 mil reais, na época, para ter sua música executada uma vez por dia durante uma semana, porque acreditava que dessa maneira seria conhecido nacionalmente, teria reconhecimento do trabalho que desenvolve e, assim, transitaria do underground para o mainstream. O alcance de transmissão nessas rádios comerciais costuma ser maior do que as comunitárias, porém há a necessidade de pagar um valor determinado por cada emissora para se inserir na programação.

[Falta] oportunidade porque as rádios comerciais são pagas, então para você colocar uma música, por exemplo na 105, você vai ter que pagar pelo menos uns 5 mil reais para estar tocando uma semana. Então, os grupos às vezes mal têm dinheiro para ir ao estúdio. Levam anos e anos para produzir um CD, músicas, então fica difícil jogar numa rádio que vai pegar um Estado inteiro, um país inteiro, é difícil. (Trecho de entrevista rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

O rapper Dois Éllis descreve como foi que ele decidiu, junto com alguns amigos, investir na divulgação de seu trabalho musical numa rádio comercial da região, a 105 FM, localizada em Jundiaí, que tem alcance de sintonia na grande São Paulo e várias cidades do interior do Estado de São Paulo.

O principal motivo que levou o rapper a pagar para veicular suas músicas nas rádios comerciais foi querer obter reconhecimento nacional no circuito hip hop, mas, para isso, deveria sair do modo de produção underground para o mercado propriamente dito do mainstream.

Aí eu vi que na 105 é o seguinte: pra tocar lá você não precisa ser bom, infelizmente. É que nem a mídia comercial. Pra tocar na 105 não basta você ter talento e ser foda no rap, você ser o cara que faz os baratos acontecer. Na 105, infelizmente não basta ser bom, você tem que pagar para tocar lá. Então você paga um tanto lá, um valor x, negocia com alguém lá, paga e toca. Pagou ali pra tocar, ganha um pouquinho de popularidade em alguns lugares e já era. Rádio comunitária ajuda, mas fica ali dentro,

ali o rap circulando ali dentro. (Trecho de entrevista rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

De acordo com Dois Éllis, o mercado não exige qualidade nas músicas que serão veiculadas, apenas necessita de dinheiro para inserir suas produções na programação durante um período determinado.

Porém, com a limitação econômica dos grupos de rap, a opção encontrada como consequência ao acesso restrito aos meios de comunicação existentes, principalmente aos comerciais, e o surgimento das rádios comunitárias para absorver a demanda da produção cultural local.

Uma crítica dos rappers aos programas das rádios comunitárias é que muitos são semelhantes aos das rádios comerciais em seus formatos e veiculam apenas os grupos de rap que já estão inseridos nas mídias.

Então os grupos têm a oportunidade de estar lançando seus trabalhos em rádios comunitárias, só que tem o problema que as rádios comunitárias, que fazem programas de rap, praticamente tocam o que as rádios comerciais tocam, deixando de lado a oportunidade para o grupo que está ali precisando. Então, acho que o programa fundamental é, aliás, para resolver este problema é fundamental criar um programa como esse para estar tocando grupos que não têm essa oportunidade. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

O rapper Dois Éllis, por exemplo, percorreu diversas rádios comunitárias de cidades do interior do Estado de São Paulo, em meados de 2005, para divulgar seu trabalho, deixando “o CD numa porrada de rádios [comunitárias], onde algumas que se diziam [comunitárias].” (Trecho de entrevista com o rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 2006)

Em várias dessas rádios comunitárias houve resistência de seus representantes e locutores, principalmente em relação ao tipo de música que os rappers produzem e, conseqüentemente, ao preconceito com o rap, que para Dois Éllis estava presente até na maneira de pessoa pronunciar a palavra rap.

Umas recebiam mal pra caramba e outras mais ou menos. A ignorância dos caras é tanta que [eu] chegava e perguntava pro cara da rádio: “que tipo de música toca aí?”. [O responsável pela rádio respondia:] “Toca de tudo, menos rap [imitando a pronúncia]”. Só que eu já estava preparado para isso e vinha o cara falar e...só o jeito do cara pronunciar, já pronunciava errado. Pra você ver a ignorância dos “negos” até onde vai. Eles confundem rap nacional com black internacional e pra explicar isso leva tempo. (Trecho de entrevista com o rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

Nesse período que percorreu diversas cidades, buscando rádios comunitárias para divulgar suas músicas, o rapper Dois Éllis se deparou com emissora que não estavam atreladas a valores comunitários e estabeleciam apenas vínculos religiosos, as denominadas “igrejas eletrônicas”.

A maioria que se diz comunitária não é comunitária não, [pois] boa parte vira evangélica e sem chances. No interior aqui a gente caçou muita, muita rádio. Fomos longe prá caramba, colocamos o cd de mão em mão prá um monte de gente, mas as rádios que está tocando mesmo é de 100 deve ser 2, 3 mais ou menos. (Trecho de entrevista com o rapper Dois Éllis da cidade de Paulínia, 25/10/2006)

Dessa maneira, muitas rádios comunitárias surgem com este nome, mas não têm objetivos comunitários e acabam reproduzindo valores e programações comerciais.

Para Dois Éllis, “ser comunitária mesmo é eu chegar pra você e ir lá o cara não ficar com pergunta tosca do tipo: “o que é isso aí? É rap? Rap não toca aqui” Por que não toca? Tem que ter

um motivo pra não tocar. (...) O que importa é a idéia que está sendo aí, o conteúdo da letra aí. E a comunitária calha que realmente incentiva no crescimento do lugar.”

A rádio Bandeira é reconhecida pelos moradores e entrevistados como referência para a localidade em que estão inseridos, principalmente com atividades envolvendo a comunidade.

O programa Interior Paulista, assim como a rádio comunitária, é importante para o bairro Jardim das Bandeiras, pois, de acordo com Kapone, ocorre uma identificação com a comunidade local.

Olha, a importância do meu programa, que eu vejo nas ruas, quando eu ando, que a galera vem, conversa comigo, fala do meu programa, fala que está legal. Eles falam que está muito enjoativo o que eles ouvem por aí, então esse lado de eu estar tocando músicas e rap, aliás, que muitos não conseguem ouvir em outras rádios. Que a comunidade, que eles se identificam. E as informações que eu pego temas para conversar aqui no programa. Eu falo de assuntos que a pessoa que está do outro lado vai se interessar em ouvir e, às vezes, eu posso até estar ajudando ela com alguma informação que eu tô passando através do microfone. (Trecho de entrevista com o rapper Kapone, locutor do programa Interior Paulista, 25/11/2005)

Para outros entrevistados, a importância da rádio comunitária está, além da identificação da população local com a cultura veiculada, relacionada com o fluxo de informações gerado durante a própria programação.

De acordo com Jamaica, rapper do grupo Elementos Mc's, entrevistado com seu grupo durante o programa Interior Paulista, a rádio comunitária é importante pelas informações que transmite para a comunidade, sendo que, para ele, isso não ocorre com as mídias comerciais.

“Em questão da rádio comunitária é bem importante, que nem o programa do Kapone tem umas partes lá, uns noticiários, umas partes de informação que para mim é foda. Tem que ter isso. Tem que informar a favela, tem que juntar o nosso povo, explicar o

que está acontecendo e não ficar acreditando em tudo aquilo o que você vê na tela ou mesmo na rádio, nessas que são vendidas e tal. Acho que nem tudo o que toca [nas mídias comerciais] é bom, e falta um pouco de informação, tipo, sobre política, sobre doenças, sobre cultura, sobre muita coisa assim que a rádio comunitária faz. Preenche esse espaço que as outras rádios e tevê aberta não têm. (Trecho de entrevista com Jamaica, rapper do grupo Elementos Mc's, 18/02/2006)

Conclusão

“O rap é fio condutor, dou choque agora.

Trilha sonora, sangue bom adora. (...)

Ninguém nasce monstro,

É que a televisão, marketing tecnologia

Instiga a ganhar dinheiro.”

Visão Consciente – “Fio Condutor”)

As cidades contemporâneas estão em constante processo de crescimento e urbanização, onde a cada momento surgem novos e são ampliados os já existentes bairros periféricos expandindo os limites territoriais urbanos.

Os indivíduos, vivendo em sociedade, desenvolvem características de individualismo e percebem o espaço urbano como local de enfrentamento e confrontos sociais. Para Lefebvre, “el espacio urbano se convierte em el enclave donde se opera el contacto entre las cosas y las gentes, donde tiene lugar el intercambio”. (LEFEBVRE, 1980, p. 16)

Nesse contexto de crescimento das cidades e distanciamento dos indivíduos, os meios de comunicação atuam de maneira a estabelecer vínculos e um elo entre a população dos bairros com a cidade e suas informações, ou seja, com o nível global.

A comunicação é “convertida no mais eficaz motor de desengate e de inserção das culturas (...) no espaço/tempo do mercado e nas tecnologias globais”. (MARTIN-BARBERO, 2003 p.13)

Com a globalização, as informações são transmitidas num fluxo que, de acordo com Hopenhayn, ocorre a partir da concentração de dinheiro para poucos e de aparelhos de televisão

para muitos indivíduos, o que gera um consumo material restrito ao mesmo tempo em que o consumo simbólico é extremamente ampliado.

Esse consumo simbólico poderia ser considerado vínculo estabelecido entre os indivíduos e a sociedade, porém, na sociedade capitalista, eles se tornariam cidadãos não apenas a partir do consumo de bens simbólicos, mas também no conseqüente consumo de bens materiais.

As pessoas vivendo em sociedade são impulsionadas a buscar alternativas para romper a barreira estabelecida pelo distanciamento territorial e, principalmente, pela pouca pluralidade na recepção de informações sobre os fenômenos ocorridos nas cidades.

Dessa maneira, os meios de comunicação atuam como elos entre os indivíduos distantes territorialmente, possibilitando a comunicação entre os bairros e periferias com os centros urbanos.

Para Canclini, a “desordenada expansão rumo às periferias, que faz com que os habitantes percam o sentido dos limites de ‘seu’ território, é equilibrada com os relatos dos meios de comunicação sobre o que acontece nos lugares mais distantes dentro da cidade”. (CANCLINI, 2002, p. 41)

Porém, para alguns dos autores apresentados no corpo desta dissertação haveria uma distinção estabelecida entre o fluxo de informações provenientes dos meios de comunicação comerciais e os comunitários. Os primeiros buscariam o maior alcance territorial e seguiriam as lógicas do mercado econômico sem considerar as distinções e particularidades locais de cada população, que atuaria como meros receptores das informações. Os meios de comunicação alternativos, principalmente os comunitários, desenvolveriam um circuito para o fluxo informacional com viés na localidade, onde os indivíduos teriam a oportunidade de romper o fluxo tradicional de comunicação, em que são meros espectadores, para se tornarem emissores ativos das mensagens.

Já tivemos oportunidade de questionar o caráter dicotômico dessa classificação no corpo deste trabalho. O que consideramos conveniente reiterar aqui é que, embora a rádio comunitária atue diretamente no território em que está instalada, ela tem importância fundamental para o estabelecimento de um circuito de informações mais amplo para a população local. Dessa maneira, o conteúdo transmitido pela emissora comunitária não se refere apenas à vivência dos indivíduos naquele território, mas torna-se elemento fundamental para a criação do elo da população dos bairros com a cidade ou com informações sobre acontecimentos externos àquela região, atuando assim da mesma forma como atuam os grandes meios de comunicação para Canclini.

Na maioria das informações emitidas pela rádio comunitária, o conteúdo está ligado à informações de saúde, notícias sobre a cidade e o mundo, muito embora haja referência a algumas experiências compartilhadas no espaço territorial da periferia, respeitando suas particularidades.

Alguns moradores do Parque Oziel (periferia de Campinas), por exemplo, colocam as caixas de som nas calçadas das casas para escutar o programa Interior Paulista na presença de seus familiares e amigos, e o locutor Kapone dá visibilidade a essa experiência local:

Salve pro pessoal do Pq. Oziel, Gleba, Monte Cristo. Os meninos do Oziel que colocam as caixas de som na calçada e os moradores se reúnem para escutar o programa Interior Paulista. (Trecho programa Interior Paulista, 23/05/2005)

Assim como acontece em outros programas, após mandar o salve, Kapone toca uma música de grupo da região citada anteriormente.

Me dá licença, por favor, meu Deus do céu, pra eu mandar um salve pro Parque Oziel. Naquela quebrada todo mundo é camarada. (...) Nesse bairro não precisamos de vigia, porque é periferia. Aqui é bem sinistro, aqui é bem cruel. Aqui é Monte Cristo, Gleba e Parque Oziel. (Agressão Verbal – grupo do bairro Parque Oziel)

O desenvolvimento tecnológico, relacionado às constantes alterações econômicas, sociais e culturais, em escala global, ocasionou acelerações e mudanças envolvendo as categorias de tempo e espaço. As novas tecnologias proporcionaram a sensação de encurtamento das distâncias, contando com uma grande velocidade na transferência de informações.

A partir da presença de meios de comunicação comunitários nos bairros periféricos, há o fortalecimento de um vínculo entre as periferias, porém ficou mais evidente a comunicação estabelecida entre o centro e os bairros da cidade.

É possível notar, através do programa de rap Interior Paulista da rádio Bandeira Fm, que ocorre um diálogo entre as periferias, que, de acordo com os entrevistados e as letras das músicas apresentadas, a população possui as mesmas dificuldades e problemas, mas, em todos os momentos de informações são evidenciados aspectos que criam um elo entre os indivíduos dos bairros com os fatos que ocorrem nos centros urbanos e no mundo.

Na música do grupo Quadrilha VPA, que possui integrantes do bairro Vila Padre Anchieta, em Campinas, a periferia é ressaltada como parte da vida de seus moradores, apesar dos seus problemas cotidianos.

Periferia. Favela faz parte da minha vida. Dia após dia procurando a solução pros problemas, uma saída. (...) (Quadrilha VPA - “A quadrilha tá formada”)

O grupo DLN – Defensores da Liberdade Negra, da região do Jardim São José e Jardim das Bandeiras, também valoriza as periferias urbanas, com sua violência.

Periferia, pô, me lembra uma pá de coisa. Futebol, crianças, festa, bar. Me lembra madrugada, esquina, sofrimento, lágrima e morte. Periferia é assim. (...) A madrugada aqui é assim, contradições. A toda hora é paz, é guerra, insanidades. É paranóia. É a Igreja, são meus irmãos de fé. E me parece que ainda perguntam a Deus o que acontece, o que se passa na cabeça das crianças. Em média só quinze anos e já não pensam mais em bolas. Só 'correria'. E na esquina eu vejo mais uma escola vazia. Aonde estão os alunos? Não vale a pena estudar? Não. (...) Periferia é foda. Mãe chora na periferia.
(DLN - “Vivendo na Periferia”)

Assim, dois grupos localizados em extremos da cidade de Campinas expressam em suas letras de músicas situações semelhantes e compartilham essa vivência através do uso dos meios de comunicação comunitários.

No programa de rap Interior Paulista, é evidente essa conexão e o intercâmbio de informações estabelecido entre os grupos de rap da região Metropolitana de Campinas e, principalmente, suas periferias urbanas. Apesar de muitas vezes serem bairros periféricos de cidades distintas, as letras das músicas refletem a localidade globalizada destes indivíduos através dos meios de comunicação.

Para Jésus Martin-Barbero a “comunicação midiática aparece como parte das deterritorializações e realocalizações que acarretam as migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana.” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.64)

A questão de comunicação é essencial nas cidades contemporâneas, onde comunicar-se significa o intercâmbio de símbolos e sentidos. A comunicação da cultura “depende menos da quantidade de informação circulante do que da capacidade de apropriação que ela mobiliza, isto é, da ativação da competência cultural das comunidades.” (MARTIN-BARBERO, 2004, p.69)

Na comunicação os homens reconhecem o outro e se reconhecem na diferença. As rádios comunitárias surgem com a idéia de reconhecimento e nem tanto com a idéia de representação. Elas aparecem no contexto em que as representações locais são valorizadas e cada território assume a informação global, com transformações para a comunidade local. Dessa maneira, as rádios comunitárias transmitem as informações recebidas em escala global além das demandas que surgem no ambiente local em que estão inseridas.

Para Maria Eduarda Guimarães, “a desterritorialização, no caso das culturas passa a ser transformada em termos de identificação cultural, onde, com a difusão das suas produções, através dos meios de comunicação, as comunidades espacialmente separadas podem considerar-se reunidas”. (GUIMARÃES, 1998, p.248)

Estes meios de comunicações comunitários não surgiram para superar a “força” das grandes mídias existentes, mas “o surgimento de vias alternativas de comunicação – informação é um sintoma de processos que se verificam no fundo de vida social, uma tentativa de romper o cerco das estruturas informativas predominantes (...)”. (PERUZZO, 1998, p. 130)

Na rádio comunitária Bandeira Fm, estão presentes elementos que evidenciam o fortalecimento no fluxo de informações seguindo do centro para as periferias, com elementos que representem as localidades em que os indivíduos estão presentes, submetendo-os a informações de diversas esferas de comunicação, enfatizando uma pluralidade de informações com incentivo a participação local nesse processo comunicacional.

Assim, o elo criado pelos meios de comunicação comunitários é tanto entre as periferias quanto entre a cidade e os bairros longínquos que desta forma são informados dos acontecimentos da região e da cidade.

Bibliografia:

ALVES, Cristiano Nunes. *O circuito hip hop na Região Metropolitana de Campinas: para que o território e a arte digam algo sobre nossas vidas*. 2005. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ANDRIOTTI, Cristiane Dias. *O movimento das rádios livres e comunitárias e a democratização dos meios de comunicação no Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BAENINGER, Rosana; GONÇALVES, Renata Franco de Paula. *Novas espacialidades no processo de urbanização: a Região Metropolitana de Campinas*, texto apresentado no Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. www.abep.org.br

BAENINGER, Rosana; MAIA, Paulo Borlina. *Migrações em São Paulo*. Textos NEPO 22, Unicamp, 1992.

BAENINGER, Rosana. *Novas espacialidades no processo de urbanização: a Região Metropolitana de Campinas*. Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Caxambu/MG, 2000. www.abep.org.br

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Campinas : uma visão histórica*. Campinas: Editora Pontes, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983.

CAIADO, Maria Célia Silva. *O padrão de urbanização brasileiro e a segregação espacial da população na região de Campinas: o papel dos instrumentos de gestão urbana*, 1988, texto apresentado no XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. www.abep.org.br

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros – o cotidiano da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Campinas, Revista Opinião Pública, Volume VIII, nº 1, pp. 40-53, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CANO, Wilson; BRANDÃO, Carlos A. (coord.). “*A região Metropolitana de Campinas – urbanização, economia, finanças e meio ambiente*”. Campinas, Editora da UNICAMP, 2002.

COELHO NETO, Armando. *Rádio comunitária não é crime: direito de antena*. São Paulo: Ícone, 2002.

CUNHA, Magda Rodrigues da. *A era pós mídia desenhada nas rádios livres: o pensamento de Félix Guattari*. Polêmica Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 13, 2005.

DAGNINO, Evelina. Cultura, cidadania e democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, Sônia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DA MATA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1991.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

DEIPUSS, René Armand. Corporações estratégicas e mundialização cultural. In: MORAES, Dênis, *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*, Campo Grande, Letra Livre, 1997.

DEVESE, Eloísa. Balé de Rua. In: *Caros Amigos – Especial Hip hop*, São Paulo, Editora Casa Amarela, 1998.

DURHAM, Eunice. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FELIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. 2005. Dissertação (Doutorado em Antropologia Social) –Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. *Hip hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti?* São Paulo : Brasiliense, 1999.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. *Do samba ao rap – a música negra no Brasil*. 1998. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

HOPENHAYN, Martin. Vida insular en la aldea global paradojas en curso. In: MARTIN-BARBERO, Jesús. *Cultura Y Globalización*,. CES/Universidad Nacional, Colombia, 1999.

IANNI, Otávio. Nação e Globalização. In: SANTOS, Milton, SOUZA, Adélia A de, SACRLATO, Francisco Capuano e ARROYO, Mônica (org). *O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização*. 3ª edição, São Paulo : Editora Hucitec, 1997.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.

LEFEBVRE, Henri. *La revolucion urbana*, Madrid: Alianza Editorial, 1980.

LIPPI, Luzia Fátima Baierl, *O Movimento de uma História : Movimento de Loteamentos Clandestinos da Zona Sul de São Paulo*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1986.

LOPES, Doraci Alves. *O movimento da Assembléia do povo e a crítica da marginalidade*. 1988. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. *Rádios livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MAGER, Carla Botelho. *Sistema de concessões de Radiodifusão no Brasil*. 2001. Monografia Conclusão de Curso (Comunicação Social) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Santa Catarina.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Globalização comucacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de, *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. 2.ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

MAZETTI, Henrique Moreira. *Mídia alternativa para além da contra-informação*. 2007. Trabalho apresentado no GT de Mídia Alternativa do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciec.

MORAES, Denis de. Dialética das mídias globais. In: MORAES, Denis de (org.). *Globalização, Mídia e Cultura Contemporânea*. Campo Grande: Editora Letra Livre, 1997.

NUNES, Marisa Aparecida Meliani. *Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil*. 1995. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*, Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria José da Costa (org.). *Comunicação pública*. Campinas: Editora Alínea, 2004.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. *O livro vermelho do hip hop*. 1997. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). *Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

SANTOS, Antônio da Costa. *O ato de morar – uma oficina urbana de posseiros*. 1985. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Carlos.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea. In: SANTOS, Milton, SOUZA, Adélia A de, SACRLATO, Francisco Capuano e ARROYO, Mônica (org). *O novo mapa do mundo: Fim de século e globalização*. 3.ed., Editora Hucitec: São Paulo, 1997.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. 1998. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SILVA, Pablo Augusto. *O som e a fúria. Hip Hop – experiência, música e produção cultural na metrópole deteriorada*. 2003. Monografia de Conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Os processos da globalização. In: SOUSA SANTOS, Boaventura (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SUNEGA, Fernanda Alves. *Mano, falta em você razão para viver!": o movimento hip hop e as relações de caráter familiar que se estabelecem no interior deste grupo juvenil*. 2001. Monografia de conclusão de curso (Graduação Ciências Sociais) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

WACQUANT, Loïc J.D. *Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano*. MANA, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 145-161, out. 1996.

SEPLAMA/ SEPLAN – Dados Plano Diretor cidade Campinas.

www.campinas.sp.gov.br/seplan/projetos/planodiretor2006/doc/historico.pdf

XIMENES, Telma Maria. *Violência, educação e exclusão social: memórias e representações da população em uma micro-região do município de Campinas – SP*. 1999.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

YÚDICE, George. A globalização da cultura e a nova sociedade civil. In: ALVAREZ, Sônia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

Anexos



Figura 2: Entrada do estúdio rádio Bandeira Fm



Figura 3: Kapone no estúdio da rádio Bandeira Fm